

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**Faculdade de Letras**  
**Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos**

Danilo de Albuquerque Furtado

**DESCONTINUIDADE DE SINTAGMAS NOMINAIS NO GREGO  
ANTIGO: uma abordagem minimalista**

Belo Horizonte

2024

Danilo de Albuquerque Furtado

**DESCONTINUIDADE DE SINTAGMAS NOMINAIS NO GREGO**

**ANTIGO: uma abordagem minimalista.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Ciências Linguísticas.

**Área de Concentração:** Linguística Teórica e Descritiva

**Linha de Pesquisa:** Estudos Formais de Língua

**Orientador:** Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte

Belo Horizonte

2024

F992d Furtado, Danilo de Albuquerque.  
Descontinuidade de sintagma nominais no grego antigo [recurso eletrônico]: uma abordagem minimalista / Danilo de Albuquerque . – 2024.  
1 recurso online (211 f., il., tabs., p&b.): pdf.

Orientador: Fábio Bonfim Duarte.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Estudos Formais da Língua.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 203-217.

1. Linguística Aplicada – Teses. 2. Língua grega – Fonologia – Teses. 3. Linguística – Teses.  
I. Duarte, Fábio Bonfim. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras.  
III Título.

CDD: 481.15



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Descontinuidade de Sintagmas Nominais no Grego Antigo: uma abordagem minimalista**

**DANILO DE ALBUQUERQUE FURTADO**

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos Linguísticos Baseados em Corpora.

Aprovada em 18 de março de 2024, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Fábio Bonfim Duarte - Orientador

UFMG

Prof(a). Jairo Nunes

USP

Prof(a). Marcus Lunguinho

UnB

Prof(a). Guilherme Lourenço

UFMG

Prof(a). Cilene Rodrigues

PUC RIO

Belo Horizonte, 18 de março de 2024.

---



Documento assinado eletronicamente por **Fabio Bonfim Duarte, Professor do Magistério Superior**, em 19/03/2024, às 10:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do

[Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jairo Morais Nunes, Usuário Externo**, em 20/03/2024, às 10:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cilene Aparecida Nunes Rodrigues, Usuária Externa**, em 20/03/2024, às 10:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º

do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcus Vinicius da Silva Lunguinho, Usuário Externo**, em 20/03/2024, às 12:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Guilherme Lourenco de Souza, Professor do Magistério Superior**, em 22/03/2024, às 18:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no

art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3018714** e o código CRC **D96BBBDA**.

---

Referência: Processo nº 23072.207122/2024-62

SEI nº 3018714

*Para Irma, que continuou ao meu lado mesmo  
quando não entendia nada do que eu dizia.*

## AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte agradeço enormemente pela orientação na produção desta tese, por criar um ambiente estimulante e acolhedor no LALIAFRO, e, sobretudo, por sua paciência e disposição em me reintroduzir ao mundo da sintaxe formal.

Agradeço a todos os integrantes do grupo de pesquisa do LALIAFRO pelos instigantes debates e pesquisas desenvolvidos em seu meio, bem como pela parceria e suporte.

Agradeço ao Dr. Jairo Nunes, a Dra. Cilene Aparecida Nunes Rodrigues, ao Dr. Marcus Vinicius da Silva Lunguinho e ao Dr. Guilherme Lourenço, pela minuciosa leitura de meu trabalho e todos os pertinentes ajustes e questões levantados durante a defesa. Suas contribuições em muito elevaram este texto. Ao Dr. Marcus Lunguinho também devo agradecer por plantar a semente de meu interesse em sintaxe formal, que viria eventualmente a culminar nesta tese.

Agradeço a Dra. Sandra Lúcia Rodrigues da Rocha não só por me iniciar nos estudos do grego antigo, mas mais ainda por acreditar na minha capacidade de me tornar um pesquisador competente. Todos os demais professores de literaturas clássicas que me apoiaram nesta trajetória merecem o mesmo agradecimento, com menção especial à Dra. Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa, sem cuja orientação não teria obtido o título de mestre.

A CAPES, agradeço a concessão da bolsa do PROEX, que permitiu minha dedicação integral aos estudos e à pesquisa.

## RESUMO

O grego clássico é uma língua notória pela grande variedade de ordens lineares gramaticais em suas orações. Ainda mais intrigante é o fato de que esse embaralhamento da ordem também frequentemente separa os elementos de um constituinte, deixando-os em blocos descontínuos ao longo da derivação. Tais constituintes descontínuos têm sido considerados problemáticos para análises gerativistas, pois parecem ferir pressupostos sintáticos básicos. Essa tese, contudo, busca descrever esses fenômenos de descontinuidade através de uma análise sintática, partindo do arcabouço teórico do Programa Minimalista (CHOMSKY, 2000). Demonstramos que esse fenômeno pode ser descrito através da aplicação da teoria de movimento por cópia proposta por Nunes (1995). Sob essa ótica, propomos a hipótese de que a descontinuidade é resultado do apagamento espalhado (*scattered deletion*) dos elementos que compõem um constituinte, de modo que alguns são pronunciados na cópia alta, e outros em uma cópia mais baixa. Para justificar a ocorrência dessa operação na língua, propomos que duas restrições fonológicas (independentemente propostas para línguas modernas) entram em conflito no grego clássico, impedindo a convergência da forma contínua desses constituintes nas situações relevantes.

**Palavras-chave:** Grego Antigo; Programa Minimalista; teoria de movimento por cópia; restrições fonológicas.



## **ABSTRACT**

It is a well-known fact that Ancient Greek displays great variability in the number of grammatical word orders of its sentences and constituents. Even more intriguing is the fact that this scrambling of the linear order also frequently separates the elements that form a constituent, stranding them in discontinuous segments. These discontinuous constituents present a problem for analyses couched on traditional generativism, since they challenge its base syntactical assumptions. This doctoral dissertation, however, seeks to analyze the discontinuity phenomenon through a syntactic analysis based on the Minimalist Program (CHOMSKY, 2000). It is shown that the phenomenon can be adequately described by Nunes' (1995) copy-theory of movement. Such that discontinuity arises as an effect of the scattered deletion of the elements that form a constituent, where elements of a constituent are variously pronounced in high and low copies. We propose that two phonological restrictions, independently formulated for modern languages, motivate the occurrence of scattered deletion in Ancient Greek. These restrictions, we propose, occasionally came into conflict with one another, barring continuous constituents, in specific contexts, from converging in Phonological Form, requiring, as a result, the application of scattered deletion to rescue the derivation.

**Keywords:** Ancient Greek; Minimalist Program; copy-theory of movement.

## LISTA DE FIGURAS

Árvore 1: derivação esquemática de <i>tên tês póleōs dóksan</i>	p.35
Árvore 2: derivação esquemática de <i>tên autên taútēn ... epaggelían</i>	p.56
Árvore 3: hipérbato do sintagma nominal	p.75
Árvore 4: Estrutura esquemática do D/NP com vários modificadores	p.86
Árvore 5: Estrutura sintática abstrata do DP/NP	p.119
Árvore 6: Proposta de estrutura possessiva para o grego clássico	p.126
Árvore 7: Estrutura esquemática do D/NP com vários modificadores	p.143
Árvore 8: Mecanismo de ordenamento descontínuo no DP	p.145
Árvore 9: derivação base do constituinte <i>toîsi patríoisi theoîsi</i>	p.146
Árvore 10: derivação parcial de <i>toîsi patríoisi ... theoîsi</i>	p.147
Árvore 11: Derivação final de <i>toîsi patríoisi ... theoîsi</i>	p.149
Árvore 12: Derivação parcial do DP genitivo <i>tôn pollôn anthrôpôn</i>	p.153
Árvore 13: estágio intermediário da suposta derivação de (76)	p.155
Árvore 14: derivação do PP <i>en kakoîs toîs megístois</i> em Kirk (2007)	p.157
Árvore 15: derivação mínima da ordem linear <i>toîsi patríoisi theoîsi</i>	p.163
Árvore 16: apagamento espalhado de DP1	p.164
Árvore 17: Derivação esquemática do apagamento espalhado de um PP	p.166
Árvore 18: conflito entre a Regra Básica do Foco e Alinhar- $\phi$ ,R	p.172

Árvore 19: derivação esquemática de apagamento espalhado	p.174
Árvore 20: derivação de <i>toîsi patrîosi theoîsi</i> e traço [F]	p.179
Árvore 21: Derivação de <i>toîsi patrîosi moûnon khrâsthai theoîsi</i> por meio do apagamento espalhado do DP	p.181
Árvore 22: Derivação do DP <i>taûtēi tēi ergasíai</i>	p.185
Árvore 23: Derivação do DP <i>toûs taûtēi khrōménous tēi ergasíai</i>	p.186
Árvore 24: Derivação do DP <i>pollèn ousían</i>	p.192
Árvore 25: Derivação da oração (101)	p.194
Árvore 26: Derivação da oração (104)	p.197

#### **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: algumas restrições fonológicas no grego clássico	p.81
Tabela 2: ordens atestadas em Heródoto	p.88
Tabela 3: Ordem de modificadores em NPs indefinidos	p.123

## **ABREVIACÕES**

### GLOSAS SINTÁTICAS

1	1ª pessoa
2	2ª pessoa
3	3ª pessoa
ACC.	Caso acusativo
ADV.	advérbio
AOR.	tempo aoristo
AT.	Voz ativa
DAT.	Caso dativo
DU.	dual
F.	feminino
FUT.	Tempo futuro
GEN.	Caso genitivo
IMP.	modo imperativo
IMPF.	tempo imperfeito
IND.	Modo indicativo
INF.	Modo infinitivo
M.	masculino

MP.	voz médio-passiva
N.	neutro
NOM.	caso nominativo
OPT.	Modo optativo
P.	partícula (enclítica ou proclítica)
P2	partícula de segunda posição
PERF.	tempo perfeito
PL.	plural
PRES.	Tempo presente
PRT.	modo particípio
PS.	voz passiva
SBJ.	modo subjuntivo
SG.	Singular
VOC.	Caso vocativo

#### ABREVIACÕES

AdvP      Adverb Phrase (sintagma adverbial)

AP      Adjective Phrase (sintagma adjetivo)

AgrIOP      Agree Indirect Object Phrase (concordância do objeto indireto)

AgrOP	Agree Object Phrase (sintagma de concordância do objeto)
AgrP	Agree Phrase (sintagma de concordância)
CSC	Coordinate Structure Constraint (restrição de estruturas coordenadas)
CP	Complementizer Phrase (sintagma complementizador)
DemP	Demonstrative Phrase (sintagma demonstrativo)
DP	Determiner Phrase (sintagma determinante)
GenP	Gender Phrase (sintagma do gênero)
FocP	Focus Phrase (sintagma focalizador)
FP	Functional Phrase (projeção funcional)
FPR	Focus Prominence Rule (regra da proeminência do foco)
IP	Inflectional Phrase (sintagma flexional)
LBC	Left-Branch Condition (Condição do Ramo Esquerdo)
LCA	Linear Correspondence Axiom (Axioma da Correspondência Linear)
LF	Logical Form (forma lógica)

NP	Nominal Phrase (sintagma nominal)
nP	little n Phrase (projeção adicional do sintagma nominal)
NSR	Nuclear Stress Rule (regra do acento nuclear)
NumP	Number Phrase (sintagma numeral)
PF	Phonological Form (forma fonológica)
PLC	Pronounce Lower Copy (pronunciar cópia baixa)
PossP	Possessive Phrase (sintagma possessivo)
PP	Prepositional Phrase (sintagma preposicional)
OD	Objeto Direto
OI	Objeto Indireto
QP	Quantifier Phrase (sintagma quantificador)
S	Sujeito
Spec-	Posição de especificador de uma projeção
TopP	Topic Phrase (sintagma topicalizador)
V	Verbo
VP	Verb Phrase (sintagma verbal)

vP	little v Phrase (projeção adicional do sintagma verbal)
XP/ZP	X/Z Phrase (sintagmas não-especificados)
X <sup>0</sup>	Núcleo do sintagma X
x <sub>φ</sub>	acento prosódico
ι	frase entoacional
φ	frase fonológica
ω	palavra prosódica



## AUTORES GREGOS DA ANTIGUIDADE

Textos que não possuem abreviação do título seguem a numeração do *Thesaurus Linguae Graecae* (TLG) (Disponível em: <https://www.perseus.tufts.edu/hopper/abbrevhelp>, acesso setembro de 2023).

- And. Andócides
- Ant. Antífonte
- Arist. Aristóteles
  - Et. Nic. *Ética a Nicômaco*
- Dem. Demóstenes
- Din. Dinarco
- Ésq. Ésquines
- Hdt. Heródoto
- Iseu Iseu
- Isoc. Isócrates
- Lis. Lísias
- Lic. Licurgo
- Pl. Platão
  - Rep. *A República*
  - Prot. *Protágoras*
  - Lach. *Laques*
  - Leis *Leis*
  - Soph. *Sofista*
  - Ion. *Íon*
  - Euth. *Eutífron*
  - Pol. *Político*
  - Gor. *Górgias*

- Thuc. Tucídides
- Xen. Xenofonte
  - Anab. *Anábase*
  - Mem. *Memorabilia*
  - Cyrop. *Ciropédia*

TRANSLITERAÇÃO DO ALFABETO GREGO ANTIGO

Forma	Nome	Transliteração
A α	Alfa	A a
B β	Beta	B b
Γ γ	Gama	G g
Δ δ	Delta	D d
E ε	Epsílon	E e
Z ζ	Zeta	Z z
H η	Eta	Ē ē
Θ θ	Theta	Th th
I ι	Iota	I i
K κ	Kappa	K k
Λ λ	Lambda	L l
M μ	Mu	M m
N ν	Nu	N n
Ξ ξ	Ksi	Ks ks
O ο	Ômicron	O o
Π π	Pi	P p
P ρ	Rho, rô	R r
Σ σ, ς	Sigma	S s
T τ	Tau	T t
Υ υ	Upsílon	U u
Φ φ	Phi, fi	F f
X χ	Khi	Kh kh
Ψ ψ	Psi	Ps ps
Ω ω	Ômega	Ō ō
´	Aspiração fraca	
ˆ	Aspiração forte	H h (no começo de palavra)

## SUMÁRIO

<b><u>CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO .....</u></b>	<b><u>21</u></b>
<b><u>CAPÍTULO 2: CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS .....</u></b>	<b><u>28</u></b>
<b>2.1 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA.....</b>	<b>28</b>
<b>2.2 METODOLOGIA .....</b>	<b>42</b>
2.2.1 OBJETIVOS DA COLETA DOS DADOS .....	43
2.2.2 RECORTE DOS DADOS.....	45
<b>2.3 PROPOSTA DA TESE EM RESUMO .....</b>	<b>49</b>
<b>2.4 RESUMO DO CAPÍTULO.....</b>	<b>61</b>
<b><u>CAPÍTULO 3: APORTE TEÓRICO .....</u></b>	<b><u>63</u></b>
<b>3.1 ABORDAGENS DISCURSIVO-PRAGMÁTICAS.....</b>	<b>64</b>
3.1.1 HELMA DIK (1995, 2007).....	64
<b>3.2 ABORDAGENS GERATIVISTAS.....</b>	<b>69</b>
3.2.1 AGBAYANI E GOLSTON (2010).....	69
3.2.2 KIRK (2007) E ISAC E KIRK (2008) .....	85

<b>3.3 ARCABOUÇO TEÓRICO MINIMALISTA .....</b>	<b>93</b>
3.3.1 NUNES (1995).....	93
3.3.2 BOŠKOVIĆ E NUNES (2007) .....	103
3.3.3 STJEPANOVIĆ (2007) .....	109
<b><u>CAPÍTULO 4: APRESENTAÇÃO DOS DADOS .....</u></b>	<b>117</b>
<b>4.1 ORDEM SINTÁTICA NO DP.....</b>	<b>120</b>
4.1.1 ORDEM BÁSICA NO NP .....	121
4.1.2 ORDEM DE CONSTITUINTES NO DOMÍNIO DO DP.....	124
<b>4.2 DESCONTINUIDADE INTERNA AO DP .....</b>	<b>132</b>
<b>4.3 DESCONTINUIDADE AO NÍVEL DA ORAÇÃO .....</b>	<b>134</b>
<b>4.4 RESUMO DO CAPÍTULO .....</b>	<b>139</b>
<b><u>CAPÍTULO 5: PROPOSTA TEÓRICA .....</u></b>	<b>140</b>
<b>5.1 ESTRUTURA SINTÁTICA DO DP .....</b>	<b>142</b>
<b>5.2 A PROPOSTA DE MOVIMENTO POR CÓPIA.....</b>	<b>160</b>
5.2.1 APLICAÇÃO ESQUEMÁTICA DO APAGAMENTO ESPALHADO .....	160
5.2.2 MOTIVANDO O APAGAMENTO ESPALHADO.....	167
<b>5.3 APLICAÇÃO DO APAGAMENTO ESPALHADO NO GREGO CLÁSSICO .....</b>	<b>177</b>
5.3.1 APAGAMENTO ESPALHADO DE UM DP NA ORAÇÃO .....	177

5.3.2 APAGAMENTO ESPALHADO INTERNO AO DP.....	182
5.3.3 MOVIMENTO SEM APAGAMENTO ESPALHADO.....	188
<b>5.4 RESUMO DO CAPÍTULO.....</b>	<b>200</b>
<b><u>CAPÍTULO 6: CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</u></b>	<b><u>201</u></b>
<b><u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</u></b>	<b><u>207</u></b>

## **CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO**

---

Essa tese busca efetuar uma análise gerativa do embaralhamento (*scrambling*) do sintagma determinante (doravante DP) no grego clássico, em particular os casos em que esse embaralhamento acarreta descontinuidade do constituinte.

O grego antigo é bastante conhecido pela grande possibilidade de alteração na ordem base dos constituintes. Essa variação na ordem ocorre, por exemplo, tanto no âmbito interno do DP quanto no nível da oração. Essa característica faz com que até hoje não exista consenso entre os estudiosos dessa língua sobre qual é a ordem de base dos argumentos de uma oração, ou do núcleo e complemento em cada sintagma.

Nesse sentido, é incerto como o grego deve ser analisado dentro de uma abordagem formal gerativista, e que operações de movimento geram a multiplicidade de ordens possíveis. O que se observa é que essa liberdade na ordem das palavras se dá em diversos tipos de sintagmas, tanto no DP quanto no nível da oração, conforme mostram os exemplos a seguir:

(1) καίτοι, ὃ ἄνδρες, οὐχ ὁ πατήρ αὐτῷ **τὴν πολλήν οὐσίαν** κατέλιπεν

καίτοι, ὃ ἄνδρες, oukh ho patēr  
además, senhores-VOC.PL.M, NEG. o-NOM.SG.M pai-NOM.SG.M

autōi tēn pollēn  
próprio-DAT.SG.M as-ACC.SG.F muitas-ACC.SG.F

**ousían** katélipen  
**posses-ACC.SG.F** legou-3SG.IND.AOR.AT

“Além disso, senhores, o pai não legou ao próprio as muitas posses”  
[Iseu 5.37]

(2) **πολλήν** γὰρ πάνυ κατέλιπεν ὁ πατήρ αὐτῷ **οὐσίαν**

**pollēn=gàr** pánu katélipen  
**muitas-ACC.SG.F=P2** muito-ADV legou-3SG.IND.AOR.AT

ho patēr autōi **ousían**  
o-NOM.M.SG pai-NOM.M.SG próprio-DAT.SG.M **posses-ACC.SG.F**

“Pois o pai legou ao próprio realmente muitas posses”  
[Ésq. 1. 42]

(3) τούτοις **οὐσίαν** ὁ πατήρ κατέλιπε **πολλήν**

τούτοις **ousían** ho patēr  
estes-DAT.PL.M **posses-ACC.SG.F** o-NOM.M.SG pai-NOM.M.SG

katélipē **pollēn**  
legou-3SG.IND.AOR.AT **muitas-ACC.SG.F**

“A estes, o pai legou muitas posses”  
[Iseu 7.5]

Conforme se nota pelos exemplos acima, a variabilidade na ordem básica dos constituintes se manifesta (i) interno aos sintagmas que compõem um DP e



(ii) internos à oração. Um fenômeno peculiar acerca do embaralhamento da ordem se dá quando os sintagmas se encontram descontínuos na ordem linear. Por esta razão, analisaremos especificamente nesta tese este fenômeno, conhecido como *hipérbato* entre estudiosos do grego clássico<sup>1</sup>.

Esse embaralhamento descontínuo é frequentemente considerado na literatura como particularmente difícil de descrever a partir de um arcabouço sintático gerativista, visto que ocorre movimento em bloco de partes de sintagmas para posições mais altas. O dado a seguir ilustra esse fenômeno:

(4) πρὶν αὐτῷ **τὴν αὐτὴν ταύτην** ἐν τῷ δήμῳ ἠπειλήσεν **ἐπαγγελίαν** ἐπαγγελεῖν

prin	autōi	tèn	autèn
até	ele-DAT.SG.M	a-ACC.SG.F	mesma-ACC.SG.F

<b>taútēn</b>	en	tōi	dēmōi
<b>essa-ACC.SG.F</b>	em	o-DAT.SG.M	povo-DAT.SG.M

ēpeílēsen	<b>epaggelían</b>
ameaçar-3SG.IND.AOR.AT	<b>intimação-ACC.SG.F</b>

epaggeleîn  
indiciar-INF.FUT.AT

“[Litigou contra Aristófonte] até que [Aristófonte] ameaçasse indiciar ele para o povo com essa mesma intimação [que eu abri contra Timarco]”

[Ésq. 1.64]

---

<sup>1</sup> Mas nos referiremos a ele aqui como *descontinuidade*, *embaralhamento descontínuo* ou *constituíntes descontínuos*.

Observe-se que em (4), a sequência *tèn autèn taútèn* “a mesma essa” concorda com o substantivo *epaggélian* “acusação” em número, gênero e caso, e forma com ele um sentido único e coeso. Conclui-se que todas essas palavras pertencem ao mesmo constituinte, a despeito do fato de que se encontram separadas em duas partes distintas na oração.

O objetivo central desta tese, portanto, é prover uma descrição formal e preditiva do fenômeno de embaralhamento descontínuo de constituintes no grego clássico. Para esse fim, nos valem de um arcabouço teórico integrado ao Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995), particularmente através da teoria de movimento por cópia, tal como esboçada por Nunes (1995) e Corver e Nunes (2007). Essencialmente, essa tese busca explorar o fenômeno da descontinuidade de constituintes no nível do DP e da oração à luz dessas teorias.

Acompanhando o essencial da teoria de movimento por cópia, argumentaremos que os constituintes descontínuos não precisam ter sido separados em constituintes diferentes na sintaxe, mas que são gerados a partir das regras de apagamento espalhado de uma cadeia de cópias, tal como proposto por Bošković e Nunes (2007). Mais precisamente, assumiremos que restrições da forma fonológica (PF) são responsáveis pelo Spell-Out de diferentes partes dos constituintes em diferentes posições na ordem linear.

Dessa forma, espera-se demonstrar que o grego clássico é uma língua de núcleo-inicial e que qualquer desvio dessa ordem de base se deve ao movimento à esquerda para posições de especificadores de categorias funcionais. A hipótese levantada aqui não fornece em si uma explicação para a multiplicidade de ordens gramaticais da língua. Operacionalmente, e em conformidade com pesquisas linguísticas funcionalistas acerca do grego antigo (DIK, 1997; MATIĆ, 2007; BAKKER, 2009), assumiremos que alguns desses movimentos de embaralhamento da ordem são pragmaticamente motivados, tomando isso como explicação tentativa da alta variabilidade da ordem dos elementos na língua. Adotaremos, para esse fim, as propostas de que as sentenças possuem projeções funcionais pragmáticas no CP (RIZZI, 1997) e no DP (ABOH, 2004).

Em suma, a hipótese central que pretendemos delinear no decorrer dessa tese é a de que o grego clássico não fere os princípios do Axioma de Correspondência Linear (LCA) e a hipótese de base universal, tal como advogada por Kayne (1994), Nunes (1995) e Zwarts (1997).

Essa tese está estruturada da seguinte forma. No capítulo 2, iremos apresentar a questão de pesquisa e resumir as principais propostas da tese. Na seção 2.1, delimitamos e ilustramos a variabilidade de ordens gramaticais das orações do grego clássico e os principais fenômenos de embaralhamento que iremos investigar e apontamos as características desses fenômenos que resistem

a uma descrição sintática por meio das teorias gerativistas mais tradicionais. Na seção 2.2, expomos as considerações metodológicas que nortearam a pesquisa, delimitando mais propriamente o nosso objeto de pesquisa e o recorte de dados empregado. Finalmente, na seção 2.3, apresentamos resumidamente as propostas dessa tese. A seção 2.4 resume o capítulo.

O capítulo 3, então, irá se ocupar em mais detalhes do aporte teórico da tese. As subseções se dividem da seguinte maneira: a seção 3.1 explora o trabalho de Helma Dik (1995) e como ela influenciou o pensamento acerca da variabilidade da ordem no grego antigo. Na seção 3.2, fazemos uma avaliação geral dos principais modelos gerativistas já empregados para explicar os fenômenos de embaralhamento e descontinuidade no grego antigo. Na seção 3.3, aduzimos o arcabouço teórico minimalista que utilizaremos em nossa proposta.

No capítulo 4, apresentamos os dados para explorar a fundo as características dos fenômenos que desejamos analisar. A seção 4.1 considera as possibilidades de ordenamento de DPs contínuos. A subseção 4.1.1 explora a ordem básica do NP e seus modificadores. A subseção 4.1.2 amplia o domínio da investigação para o domínio DP, considerando a ordem base e as distribuições possíveis para constituintes com determinantes definidos explícitos. Nas seções seguintes, apresentamos dados de constituintes descontínuos. A seção 4.2 mostra

que a descontinuidade pode ocorrer internamente ao sistema D/NP. A seção 4.3 ilustra a descontinuidade no nível da oração. A seção 4.4 resume o capítulo.

No capítulo 5, elaboramos a proposta da tese. Em 5.1, aduzimos o trabalho de Kirk (2007) como proposta da estrutura sintática do DP, mas demonstramos que sua teoria acerca do mecanismo sintático que gera descontinuidade requer reavaliação. Em 5.2, portanto, avançamos a ideia de que a descontinuidade do grego clássico pode ser capturada por meio da teoria de movimento por cópia. A subseção 5.2.1 sugere o funcionamento dessa proposta de maneira informal; a subseção 5.2.2 formaliza a proposta. A seção 5.3 ilustra o funcionamento da proposta por meio da análise de exemplos. A seção 5.4 conclui o capítulo.

O capítulo 6 apresenta as conclusões de nossa análise e implicações de nossa proposta.

## **CAPÍTULO 2: CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS**

---

Este capítulo faz algumas considerações gerais sobre o objeto de estudo dessa tese e os dados coletados para efetuar a análise.

Na seção 2.1, discutimos como vamos delimitar o fenômeno central que ocupa essa tese, e ilustramos por que ele não é trivialmente capturado dentro de uma análise sintática. A seção 2.2 discute como coletamos e analisamos os dados, e como nossos objetivos determinaram essa metodologia. A seção 2.3 dá uma visão panorâmica da proposta da tese.

### **2.1 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA**

Quase todos os trabalhos recentes que se debruçam sobre a questão da ordem das palavras das sentenças do grego clássico<sup>2</sup> (incluindo este) começam com a afirmação de que o grego apresentava uma liberdade excepcional na configuração linear de suas frases. Essa liberdade é tão extensiva que não há consenso na literatura sobre qual seria a ordem padrão (ou não marcada) dos argumentos da oração<sup>3</sup>. De acordo com Agbayani e Golston (2010),

Classical Greek is well known for its wide range of word-order

---

<sup>2</sup> Ou do “grego antigo”. Ver discussão sobre a variação dialetal e temporal da língua e o recorte que fazemos dela na seção 2.2.

<sup>3</sup> Vide os vários estudos estatísticos que tentam determinar uma preferência de ordem para diversos autores da Antiguidade (CERVIN, 1990; DUNN, 1988; TAYLOR, 1994; CELANO, 2013).

possibilities. Major constituents of the sentence appear in all possible orders, so that SVO, SOV, VSO, VOS, OSV, and OVS are attested even in unexceptional prose texts. (AGBAYANI e GOLSTON, 2010, p.133)

O fascínio com essa questão é, portanto, natural, e tem deixado pesquisadores da linguagem perplexos desde a própria Antiguidade. Autores como Dionísio de Halicarnasso e Demétrio são frequentemente mencionados como exemplos de pensadores que já ponderavam os fatores que se deviam levar em conta para alcançar uma ordem adequada para uma proposição em sua língua<sup>4</sup>. Mesmo com o benefício de milênios de literatura, contudo, um relato coeso, satisfatório e completo da gama de possibilidades de ordenamento da língua ainda nos elude.

A liberdade de ordenação da sentença no grego também faz com que a língua receba uma série de rótulos tipológicos distintos. A língua (tanto em suas variedades antigas bem como, em menor grau, a moderna) é descrita principalmente como uma língua “de configuração discursiva” (*discourse configurational*), “não-configuracional” (*non-configurational*) ou “de ordem

---

<sup>4</sup> Note-se que Dionísio de Halicarnasso escreve no séc. I a.C., enquanto o manual *Sobre o Estilo*, que é atribuído a Demétrio, é do séc. II d.C., de modo que eles estão escrevendo posteriormente ao período de onde extrairemos a maior parte de nossos dados, e provavelmente já em duas variedades um pouco diferentes da língua. Além disso, enquanto *retores* (i.e., especialistas em retórica), a preocupação principal deles não é necessariamente com a *gramaticalidade* das diversas construções, mas mais propriamente com a adequação estilística de cada ordenação dos argumentos. Suas considerações ainda são muito úteis no sentido de revelar as impressões que tais autores têm a respeito da multiplicidade de ordens possíveis e a utilidade de cada uma delas contextualmente, além de atestar a gramaticalidade delas.

livre das palavras” (*Free Word Order language*). Contudo, nem todas essas tipologias estão formalmente descritas, e é incerto quais delas ainda podem ser reconhecidas dentro de um arcabouço minimalista da sintaxe<sup>5</sup>.

Significativo, também, é o fato de que não é claro quais relações esses rótulos tipológicos guardam entre si. Parece ser o caso, por exemplo, que línguas “não-configuracionais” tendem a apresentar uma “ordem livre das palavras” – mas é difícil saber se autores que descrevem o grego com um desses rótulos estão consequentemente pressupondo o outro ou não.

Esta tese não irá se posicionar diretamente quanto a nenhum desses rótulos. Os métodos e as conclusões arrolados aqui são geralmente mais condizentes com a tipificação de “configuração discursiva” e menos compatíveis com as de “ordem livre” e “não-configuracional”, mas a discussão do fenômeno observado aqui é pontual demais para confirmar ou rejeitar o estatuto de qualquer uma dessas tipologias com relação ao grego clássico.

Voltando para a língua em si, podemos ilustrar a liberdade de ordenamento da oração no grego clássico com alguns exemplos:

---

<sup>5</sup> A classificação de “não-configuracionalidade” parece inadequada para as hipóteses atuais do Programa Minimalista, visto que algumas formulações dela propõem a possibilidade de uma estrutura plana na sintaxe. Essa ideia fere muitos pressupostos bem-aceitos no gerativismo: a antissimetria de Kayne (1994), a centralidade de *Merge* (‘Juntar’) binário como a operação basilar da sintaxe (CHOMSKY, 2000, p.101), etc.



(5) καίτοι, ὃ ἄνδρες, οὐχ ὁ πατήρ αὐτῶ **τὴν πολλὴν οὐσίαν** κατέλιπεν

καίτοι, ὃ ἄνδρες, ουκὼ ho patēr  
además, senhores-VOC.PL.M, NEG. o-NOM.SG.M pai-NOM.SG.M

autōi tēn pollēn  
próprio-DAT.SG.M as-ACC.SG.F muitas-ACC.SG.F

**ousían** katélipen  
**posses-ACC.SG.F** legou-3SG.IND.AOR.AT

“Além disso, senhores, o pai não legou ao próprio as muitas posses”  
[Iseu 5.37]

(6) **πολλὴν** γὰρ πάνυ κατέλιπεν ὁ πατήρ αὐτῶ **οὐσίαν**

**pollēn=gàr** pánu katélipen  
**muitas-ACC.SG.F=P2** muito-ADV legou-3SG.IND.AOR.AT

ho patēr autōi **ousían**  
o-NOM.M.SG pai-NOM.M.SG próprio-DAT.SG.M **posses-ACC.SG.F**

“Pois o pai legou ao próprio realmente muitas posses”  
[Ésq. 1. 42]

(7) τούτοις **οὐσίαν** ὁ πατήρ κατέλιπε **πολλήν**

τούτοις **ousían** ho patēr  
estes-DAT.PL.M **posses-ACC.SG.F** o-NOM.M.SG pai-NOM.M.SG

katélipen **pollēn**  
legou-3SG.IND.AOR.AT **muitas-ACC.SG.F**

“A estes, o pai legou muitas posses”  
[Iseu 7.5]

Os dados acima possuem estruturas argumentais muito semelhantes: são todos construídos com o verbo *katélope(n)*<sup>6</sup> “legou” (“legar” no sentido de transmitir uma herança), onde temos *ho patèr* “o pai” como sujeito, marcado pelo caso nominativo, e *(tèn) pollèn ousían* “(as) muitas posses” como objeto direto, marcado pelo acusativo. Em todas as orações, também, temos menção ao argumento beneficiário da ação de ‘legar’, marcados pelo caso dativo. Em (5) e (6), esse argumento é *autôi* “o próprio”, que funciona aqui como um pronome pessoal (i.e., = “ele”); em (7) o argumento é *toútois* “estes”, pronome demonstrativo que também substitui um pronome pessoal (= “eles”). Fora isso, o inventário lexical desses três exemplos só se distingue pelas conjunções, advérbios e artigos utilizados em cada instância.

No entanto, apesar da similaridade entre as estruturas, podemos ver que a ordem dos constituintes é bastante diferente. Os constituintes no caso nominativo e dativo aparecem ora antes do verbo, conforme mostram os exemplos em (5) e (7), ora depois, conforme mostra o exemplo (6). Ademais, nota-se que alternam também a posição relativa de um para o outro, de tal sorte que em (5) e (6) o nominativo precede o dativo, e em (7) ocorre o contrário, emergindo a ordem OI-OD-S-V-OD.

---

<sup>6</sup> A presença ou ausência do ‘n’ (v) não altera a conjugação do verbo aqui, mas é apenas uma exigência (fonológica) se o verbo se encontra antes de vogal ou do final da oração, cf. SMYTH (1920, §116, p.28)

Observamos até agora, portanto, que os DPs de todos os casos (e possivelmente até o verbo) podem sofrer embaralhamento, alterando a ordem dos constituintes na oração. Nos exemplos acima, contudo, os DPs no Caso acusativo exemplificam também o fenômeno do que chamaremos de *descontinuidade*<sup>7</sup> (ou de *constituintes descontínuos*), onde o embaralhamento do DP resulta em uma distribuição em blocos separados na oração.

Para compreender a descontinuidade, devemos observar a diferença entre o dado em (5), de um lado, e os dados em (6) e (7), do outro. No dado (5) o constituinte *tèn pollèn ousían* “as muitas posses” possui todas as suas palavras arranjadas de forma *contínua*, ou seja, todas as palavras que o compõem se encontram juntas, uma seguida da outra, sem que nenhum outro constituinte se insira em seu meio. Já em (6) e (7), contudo, observamos que outros constituintes figuram inseridos entre eles, caracterizando assim a descontinuidade do constituinte. Esse fenômeno de descontinuidade já era conhecido na antiguidade, o qual os retóricos e gramáticos tradicionais rotulam com o nome de *hipérbato*<sup>8</sup>.

Esse fenômeno de descontinuidade não ocorre somente no nível oracional. Também é possível que subconstituintes de um DP, por exemplo,

---

<sup>7</sup> Usamos esse termo seguindo a linha da literatura que trata do tema (e.g. DEVINE e STEPHENS, 2000; ISAC e KIRK, 2008; AGBAYANI e GOLSTON, 2010).

<sup>8</sup> De acordo com Smyth (1920), “Hyperbaton [...] is the separation of words naturally belonging together” (§3028, p.679). Podemos dizer, em termos linguísticos atuais, que essas “palavras que naturalmente ficam juntas” são aquelas que formam um constituinte.

passem por esse mesmo processo de embaralhamento e se encontrem de forma descontínua dentro dele. Para ilustrar esse fenômeno, considere-se, primeiro, a posição do constituinte no Caso genitivo no exemplo a seguir:

(8) τὴν δόξαν τῶν οὕτω πρὸς τοὺς συμβουλευόντας διακειμένων

tèn	dóksan	tôn	hoútō
a-ACC.SG.F	opinião-ACC.SG.F	os-GEN.PL.M	assim-ADV

<b>πρὸς τοὺς</b>	<b>συμβουλευόντας</b>	<b>διακειμένων</b>
<b>para os-ACC.PL.M</b>	<b>conselheiros-ACC.PL.M</b>	<b>dispostos-GEN.PL.M</b>

“a opinião dos assim dispostos para com os conselheiros [i.e., a opinião dos que têm uma disposição desse tipo para com os conselheiros]”

[Isoc. 11.3]

Em (8), vemos que constituintes genitivos que integram um DP podem aparecer numa posição pós-nominal. Compare-se essa distribuição com a seguinte:

(9) τὴν τῆς πόλεως δόξαν

tèn	tês	póleōs	dóksan
a-ACC.SG.F	a-GEN.SG.F	cidade-GEN.SG.F	reputação-ACC.SG.F

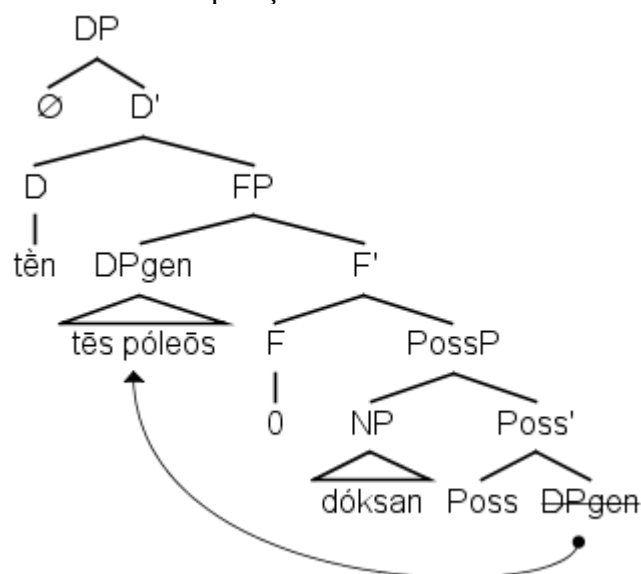
“a reputação da cidade

[Dem.21.210]

Em (9), observamos que o subconstituente no genitivo se encontra em uma posição diferente da de (8), ficando entre o determinante e o núcleo nominal acusativos. Suponha que os genitivos no grego são sintaticamente gerados (ou

juntados) à direita do DP que modificam, de forma que (8) reflète a ordem base. Nessa leitura, assume-se que eles são opcionalmente movidos para a esquerda, de modo a gerar a ordem em (9). Sob essa ótica, os movimentos descritos estariam de acordo com o Axioma de Correspondência Linear (*Linear Correspondence Axiom* – LCA) de Kayne (1994). Esse movimento está esquematicamente ilustrado abaixo:

- (10) **Árvore Sintática 1** – derivação esquemática de *tèn tês póleōs dóksan* “a reputação da cidade”



[fonte: produção própria]

Tendo em conta a análise proposta acima, assumiremos doravante que os movimentos dos constituintes acima estão de acordo com o que propõe o LCA de Kayne (1994). Esse axioma propõe que a estrutura sintática de uma oração deve ser sempre núcleo-inicial, e que todos os itens lexicais de uma derivação

devem estar em uma cadeia de c-comando assimétrica, de modo a obter uma ordem linear entre eles.

Contudo, além das configurações em (8) e (9), também encontramos instâncias como (11):

(11) τὴν τῶν πολλῶν δόξαν ἀνθρώπων

tèn	tôn	pollôn
a-ACC.SG.F	as-GEN.PL.M	muitas-GEN.PL.M
dóksan	anthrópōn	
opinião-ACC.SG.F	pessoas-GEN.PL.M	

“a opinião da multidão de pessoas”

[Pl. Prot. 353a]

Aqui, o subconstituente no genitivo, *tôn pollôn anthrópōn* “das muitas pessoas”, não se encontra propriamente nem na posição pós-nominal, nem entre o determinante e o nome, mas embaralhado descontinuamente<sup>9</sup> em ambas essas posições. Dessa forma, temos um caso de descontinuidade que ocorre inteiramente dentro de uma projeção DP.

---

<sup>9</sup> Estamos nos focando aqui na descontinuidade da expressão no genitivo, e não na do acusativo, por entender que, apesar do artigo e o substantivo acusativo se encontrarem separados pelo material no genitivo em um caso como (9), isso não configura a descontinuidade sintática que nos interessa aqui, porque o genitivo é subconstituente da projeção do DP acusativo. Em (11), contudo, o mesmo não pode ser dito para o DP no genitivo. A diferença se ilustra por meio das seguintes estruturas:

1. [DP tèn [DP tês póleōs]<sub>i</sub> dóksan t<sub>i</sub>]
2. [DP tèn [XP tōn pollōn]<sub>i</sub> dóksan [DP t<sub>i</sub> anthrópōn]]

Assumindo o movimento descrito acima, uma dificuldade sintática aparentemente surge no exemplo (11). Especificamente: como esse movimento é capaz de selecionar apenas uma parte do subconstituente *tōn pollōn anthrōpōn* ‘a multidão de pessoas’ e o mover para uma posição mais alta, tendo em conta o fato de que não existe uma projeção máxima que inclua esses dois itens lexicais e exclua o NP (*anthrōpōn*)?

Essa tese, portanto, tem por objetivo explicar como como dois núcleos distintos poderiam ser aparentemente movidos para uma mesma posição. A estrutura sintática abaixo ilustra esquematicamente o problema do ordenamento interno a esse sintagma:

(12) [<sub>DP</sub> t<sub>ên</sub> [<sub>FP</sub> t<sub>ôn</sub><sub>i</sub> pollōn<sub>j</sub> [<sub>NP</sub> dóksan] [<sub>DP</sub> t<sub>i</sub> [<sub>QP</sub> t<sub>j</sub> [<sub>NP</sub> anthrōpōn]]]]]]

Essa separação de elementos que ocupam os ramos esquerdos de um constituinte não é exclusiva do movimento interno a um DP, pois há casos desse tipo de embaralhamento em nível oracional. Por exemplo, identificamos ordens que parecem ser resultado de movimento de blocos de constituintes que não poderiam ser independentemente selecionados em nenhuma projeção da sintaxe:

(13) τὰ μὲν οὖν κατηγορημένα πολλά, περὶ ὧν ἐνίων **μεγάλας καὶ τὰς ἐσχάτας**  
οἱ νόμοι διδῶσι **τιμωρίας**

*tà=mèn=oûn*    *katēgorēména*    *pollá,*    *perì*  
as-NOM=P2.=P.    acusadas-PRT.PERF.M/P.NOM    muitas-NOM,    sobre

*hṓn*    *eníōn*    ***megálas***    ***kaì***    ***tàs***  
quais-GEN    algumas-GEN    **grandes-ACC**    **e**    **os-ACC**

***eskhátas***    *hoi*    *nómoi*    *didóasi*  
**extremos-ACC**    as-NOM    leis-NOM    dão-3PL.IND.PRES

***timōrias***  
**castigos-ACC**

“As [coisas] acusadas [contra mim], então, [são] muitas, para algumas das  
quais as leis dão grandes e extremos castigos”

[Dem. 18. 12]

Em (13), o constituinte destacado em negrito *megálas kaì tàs eskhátas timōrias* “os grandes e extremos castigos” se encontra descontínuo. E, tal como em (11), não é possível escolher uma projeção sintagmática máxima que inclua apenas *megálas kaì tàs eskhátas* “os grandes e extremos” e não *timōrias* “castigos”.

(14) [ *megálas* [ *kaì* [ *tàs* [ *eskhátas* [ *timōrias*]]]]]

Agbayani e Golston (2010, p.151) descrevem esse fenômeno, portanto, como “movimento de não-constituintes” (*nonconstituent movement*), aduzindo isso como uma evidência de que esses movimentos do grego clássico não são de



natureza sintática<sup>10</sup>, uma vez que ferem a *Left-Branch Condition* (LBC – “Condição do Ramo Esquerdo”) de Ross (1967). Similarmente, Goldstein (2015, p.20 e ss.) aponta para esse e outros aspectos da estrutura oracional grega para sugerir que a sintaxe grega não se configura de forma hierárquica, mas sim por meio de uma estrutura sintática plana<sup>11</sup>.

Como podemos observar, a distribuição das palavras no grego clássico pode ser desafiadora para uma análise sintática gerativista. Podemos resumir as dificuldades que a língua impõe para a sintaxe gerativa por meio de dois grandes aspectos. Primeiro, a grande variedade de ordens gramaticais já é em si mesma problemática para uma sintaxe minimalista, visto que, idealmente, esperaríamos que a Gramática Universal não se valesse de movimentos opcionais dentro da estrutura<sup>12</sup>.

O aspecto que irá nos ocupar nessa tese, contudo, é o de que o embaralhamento na ordem básica dos constituintes no grego clássico pode acarretar numa distribuição descontínua desses constituintes na linearização das orações. Propomos que esse fenômeno é melhor interpretado como sendo o resultado de movimento por cópia e subsequente apagamento espalhado

---

<sup>10</sup> Para Agbayani & Golston (2010), esses movimentos seriam resultado de exigências fonológicas, e ocorreriam, portanto, no componente PF.

<sup>11</sup> Para a proposição da estrutura sintática plana, ver Chomsky (1981, p.127 e ss.)

<sup>12</sup> “... Merge or Agree (or their combination) preempts Move, which is a ‘last resort’, chosen when nothing else is possible.” (CHOMSKY, 2000, p.102).

(*scattered deletion*) dessas cópias na estrutura da oração, tal que a estrutura linearizada na forma fonológica (PF) apresenta constituintes descontínuos.

Em suma, a tese central que propomos nessa pesquisa é a de que o embaralhamento descontínuo na ordem básica se deve ao movimento (por cópia) de constituintes. A existência de uma cadeia de cópias não-distintas requer que elas sejam apagadas pela operação Reduzir Cadeia. Essa operação está sujeita a restrições fonológicas que podem excluir a possibilidade de simples apagamento de cópias altas, tal como proposto por Bošković e Nunes (2007). Busca-se assim desenvolver uma teoria capaz de explicar o fenômeno descrito acima de maneira elegante e satisfatória. Concentramos nossos esforços de descrição da descontinuidade principalmente em constituintes nominais do sistema DP/NP, visto que eles são exemplos recorrentes dessa descontinuidade. Nossa proposta, contudo, possui aplicabilidade para além desses constituintes, e fornece, a princípio, uma explicação unificada para qualquer projeção sintagmática capaz de definir um constituinte prosódico do nível das frases fonológicas ( $\varphi$ ).

Um último ponto importante a ser considerado diz respeito à forma pela qual definimos o fenômeno da descontinuidade. Primeiro, evitamos utilizar o nome hipérbato em nossas próprias considerações acerca do fenômeno. Essa decisão é feita principalmente por se considerar que ‘descontinuidade’ e ‘constituintes descontínuos’ são mais descritivos e imediatamente inteligíveis

para qualquer leitor, enquanto ‘hipérbato’ é mais obscuro enquanto figura de linguagem<sup>13</sup>. Além disso, não há consenso na literatura acerca de que fenômenos o termo hipérbato (*hyperbaton*) inclui ou exclui<sup>14</sup>.

Contudo, esse último problema persiste mesmo com a utilização do termo ‘descontinuidade’, então vamos esclarecer um limite importante para a forma que compreendemos esse fenômeno aqui. Especificamente, não consideramos que a interposição de uma partícula clítica no meio de um constituinte pertence ao fenômeno de descontinuidade que nos interessa aqui. Um exemplo dessa interposição no meio de um constituinte está ilustrado em (15), com a partícula *dè*:

(15) ὁ δὲ ναυτικὸς στρατὸς ὁ Περσέων χειμερίσας περὶ Μίλητον

ho=dè=nautikòs	stratòs	ho
o-NOM.SG.M=P2=naval-NOM.SG.M	exército-NOM.SG.M	o-NOM.SG.M
Perséōn	kheimerísas	perì Mílēton
persas-GEN.PL.M	inverno-3SG.IND.AOR.AT	junto Mileto-ACC

“O exército naval dos Persas passou o inverno em Mileto”

[Hdt. 6.31.1]

<sup>13</sup> Também queremos evitar a confusão com o termo ‘hipérbato’ descrito em gramáticas e dicionários do português moderno, que não correspondem ao termo aplicado à língua grega antiga.

<sup>14</sup> Vide discussão na seção 3.2.1 sobre a forma que Agbayani e Golston (2010) conceptualizam o fenômeno, e as críticas de Goldstein (2015) ao tratamento desses autores.

É bem atestado que o posicionamento de clíticos e partículas pospositivas segue regras especiais (devido, em parte, à sua dependência fonológica)<sup>15</sup>. Entendemos, então, que a posição que tais elementos tomam no meio de um constituinte é motivada por mecanismos distintos dos outros tipos de descontinuidade. Dessa forma, a descontinuidade que nos interessa está limitada àquela por onde blocos de um constituinte sintático estão separados por constituintes ou itens lexicais que não são clíticos nem partículas.

Na próxima seção, discutimos brevemente a metodologia utilizada para coletar e analisar os dados.

## **2.2 METODOLOGIA**

Nesta seção, discutimos a metodologia empregada para coletar e analisar os dados, ponderando como os objetivos específicos desse trabalho interferem sobre esse processo. A seção 2.2.1 discute os objetivos da nossa coleta de dados, e porque uma análise estatística não foi empreendida nessa tese. A seção 2.2.2, por sua vez, considera o recorte de tempo, de dialeto e de gêneros literários de nossos dados.

---

<sup>15</sup> Vide, por exemplo, Goldstein (2015, p.2 e ss.)

### 2.2.1 OBJETIVOS DA COLETA DOS DADOS

A tarefa de elencar e organizar os dados, o primeiro e crucial passo para qualquer análise, já foi empreitada por vários autores que se debruçaram sobre a questão da descontinuidade dos constituintes no grego antigo. No entanto, a metodologia empregada raramente é a mesma entre os diferentes trabalhos.

Isso se dá porque a organização oracional do grego antigo foi abordada através de uma variedade de modelos teóricos, muitas vezes de áreas distintas da linguística. A ótica utilizada por cada autor sempre é um componente que determina fundamentalmente como ele coleta, organiza e interpreta os dados. Além disso, a extensão do corpus do grego antigo exige que as pesquisas selecionem um subconjunto dele para analisar, o que pode acarretar diferenças consideráveis nos resultados de cada pesquisa.

... the statistical outcome of research on word order in the [Ancient Greek] NP is so strongly determined by the selection of the data that one should be very cautious to compare the numbers of pre- and postnominal modifiers from different studies without question. (BAKKER, 2009, p.37)

Antes de iniciar nossa própria apresentação dos dados, portanto, julgamos que é pertinente fazer uma breve ponderação sobre nossa metodologia de coleta e estruturação deles, bem como sobre nossos objetivos com eles.

Não temos aqui o intuito de fazer uma análise estatística acerca das possíveis distribuições dos diferentes elementos que compõem um DP ou NP na

língua. Logo, não listamos exaustivamente todos os DPs ou NPs de nenhum dos autores com que trabalhamos, nem sequer todos os usos de um determinado item lexical relevante. Em virtude dessa escolha, trataremos das restrições de linearização do grego clássico preferivelmente através das observações já existentes na bibliografia.

Isso se deve ao fato de que essa tese almeja definir mecanismos sintáticos sólidos capazes de produzir toda a variedade de ordens encontradas no grego clássico, independentemente de sua frequência. Desse modo, só nos interessa saber quais configurações são atestadas no corpus (de modo que podemos considerá-las gramaticais) e quais não são (tal que são *possivelmente* agramaticais na língua).

Nosso intuito, portanto, está em coletar um conjunto de dados que represente a extensão da variabilidade na ordem das palavras em cláusulas da língua. Em particular, nos interessam os casos em que elementos que deveriam fazer parte de um mesmo constituinte para a teoria gerativista aparecem descontínuos na oração<sup>16</sup>. No que concernem as restrições na linearização das palavras, trabalharemos principalmente com aquelas já definidas por outros

---

<sup>16</sup> Nesse quesito, nossa estruturação dos dados é similar à feita por Kirk (2007), exceto que, ao contrário dessa autora, não faremos o inventário completo de nenhum autor específico, e, portanto, não afirmaremos que dadas construções estão ou não presentes no corpus de qualquer autor com base somente em nossos dados.

autores, no sentido de confirmá-las, ou, caso encontremos um dado que forneça contraprova, de desafiá-las. Quando possível, ilustraremos a variedade de ordenamentos com base nas mesmas palavras ou, pelo menos, nas mesmas relações entre uma mesma palavra e seu modificador ou núcleo.

### **2.2.2 RECORTE DOS DADOS**

Outra questão que devemos abordar é aquela que diz respeito ao recorte de dados dessa tese. Adotamos aqui uma distinção entre o “grego clássico”, especificamente, e o “grego antigo” em geral. Apesar de ambos os termos serem utilizados de maneira aproximadamente equivalente na literatura, sugerimos que se pode fazer uma distinção entre esses dois termos em função do intervalo de tempo que abrangem.

Pensando que o ‘grego antigo’ pode ser definido como o grego que se falava na “Antiguidade”, estamos, então, descrevendo as variedades da língua que se falaram em um período extenso, que vai aproximadamente desde o séc. VIII a.C. até o séc. II d.C. O ‘grego clássico’, por sua vez, é pensado aqui como as variedades da língua grega falada por volta do séc. V ao séc. III a.C., a chamada era ‘Clássica’ (em contraposição à ‘Arcaica’, ‘Helenística’, etc.). Para o presente trabalho, iremos nos debruçar sobre o ‘grego clássico’, e estamos

pensando em especial (mas não exclusivamente) na língua tal como era falada no séc. V e IV a.C., em particular no dialeto jônico-ático da cidade-estado de Atenas<sup>17</sup>, pois este é o período e local de onde obtemos a maior parte de nossos dados.

Convém, a essa altura, fazer uma breve defesa do fato de que estamos selecionando dados de textos de diferentes gêneros prosaicos, produzidos por múltiplos autores e em um período relativamente grande de tempo. Kirk (2007), justificando sua escolha por trabalhar exclusivamente com Heródoto, faz a seguinte ponderação:

... this strategy [of drawing data from numerous sources] would not aid in providing an analysis of one particular dialect of Ancient Greek at one period in time, therefore invalidating the study. (KIRK, 2007, p.137)

É verdade que, se o intuito é descrever *apenas* um dado dialeto de um período bastante específico da história, a seleção deve ser cuidadosa no sentido de não extrapolar esse objeto de pesquisa específico. Contudo, quando o intuito é descrever um fenômeno de organização das palavras que é prevalente em múltiplas variedades da língua e ao longo de um período extenso, não há motivo para renunciar a uma variedade maior de dados, mesmo que estes representem

---

<sup>17</sup> Para uma discussão mais completa dos vários dialetos do grego clássico e helenístico, bem como uma ponderação sobre as dificuldades de aplicar certas análises e conceitos linguísticos a essas 'línguas' das quais apenas dispomos de limitadas evidências escritas, ver Piqué (1996).



variedades dialetais ligeiramente diferentes, especialmente quando essas variedades eram consideradas mutuamente inteligíveis entre si<sup>18</sup>.

Esse é o caso com o fenômeno de descontinuidade de constituintes que é objeto dessa tese. É evidente, pelo uso similar desses fenômenos entre autores de diferentes etnias e gêneros literários prosaicos, que mecanismos sintáticos idênticos ou muitíssimo similares operam sobre a língua grega do período em geral, tal como somos capazes de atestá-la. Além disso, é evidente que todos os autores que utilizam esses recursos não consideravam que se tornariam ininteligíveis para outros falantes do grego de outras regiões.

A inteligibilidade mútua certamente não é uma métrica perfeita para estabelecer a gramaticalidade de um determinado fenômeno em uma língua com variados dialetos. Porém, dado o limite de nossa capacidade de encontrar julgamentos de gramaticalidade para o fenômeno dos constituintes descontínuos, devemos tomar a aceitabilidade da forma (implícita em seu uso em documentos que veriam alguma disseminação no mundo helênico) como uma forte evidência

---

<sup>18</sup> Como se evidencia, por exemplo, pelo comentário de Heródoto 1.58: “τὸ δὲ Ἑλληνικὸν γλῶσση μὲν ἐπεῖτε ἐγένετο αἰεὶ κοτε τῇ αὐτῇ διαχρᾶται” (“Os Helenos, desde que surgiram, usam sempre a mesma língua”).

de que a estrutura sintática que gera essa descontinuidade era partilhada entre vários falantes do “grego clássico” em geral<sup>19</sup>.

Note-se também que o principal grupo dialetal que estamos examinando, o jônico-ático, se encontrava em uma posição de prestígio na época, visto que “Atenas assenta sua hegemonia sobre as demais cidades, passa a ser a capital de um império e o centro cultural mais importante da Grécia” (PIQUÉ, 1996, p.104). Assim, o “chamado ‘ático imperial’ seria a nova língua conversacional que surge em Atenas no séc.V a.C.” (idem, p.105). Seus padrões de gramaticalidade, portanto, presumivelmente estão sendo absorvidos e emulados por todos que querem interagir com a vida intelectual centrada em Atenas, que certamente é o caso de todos os autores cujos textos incluímos aqui.

Em todo caso, tomamos o cuidado de não trabalhar com um intervalo de tempo extenso demais. Enquanto é plausível crer que a sintaxe grega é suficientemente estável no que diz respeito aos casos de embaralhamento explorados ao longo do período clássico, há indícios de que a distribuição desses fenômenos era diferente em períodos anteriores e posteriores<sup>20</sup>. Nesse sentido,

---

<sup>19</sup> Mantendo em mente o entendimento de que o reconhecimento do “grego clássico” como uma língua é uma abstração indubitavelmente simplista de uma realidade linguística complexa de um contexto histórico bastante diverso do nosso.

<sup>20</sup> No grego arcaico ou homérico, e no grego do período helenístico, respectivamente. Algumas pesquisas já foram publicadas que indicam uma variedade de transformações na língua entre esses períodos (DEVINE & STEPHENS, 2000, p.203; TAYLOR, 1994).

não aduzimos dados nem de fontes mais antigas, como Homero ou Hesíodo, nem de mais recentes, como Dionísio de Halicarnasso. Similarmente, excluímos de nosso conjunto de análise dados de fontes de gêneros marcadamente literários, como as peças de teatro cômico ou trágico, sob o entendimento de que exigências métricas, a emulação do estilo arcaico e a liberdade artística podem fazer com que eles extrapolem os limites da gramática comumente falada no período clássico.

Essas, então, são as considerações que informam nosso tratamento dos dados nessa pesquisa. Na próxima seção damos um panorama geral de nossa proposta, indicando como podemos integrar os avanços discursivo-pragmáticos e superar as peculiaridades da língua que resistem uma descrição sintática.

### **2.3 PROPOSTA DA TESE EM RESUMO**

Com base na discussão da seção 2.1, podemos identificar dois problemas centrais que a organização das sentenças no grego clássico impõe a uma análise sintática. O primeiro é a questão de haver grande variabilidade de configurações gramaticais que veiculam, essencialmente, a mesma proposição semântica<sup>21</sup>, de

---

<sup>21</sup> Goldstein (2015, p.38) chama atenção para o fato de que a estrutura informacional (de foco, em particular) pode ter efeitos na semântica de um ponto de vista da condição de verdade da proposição de uma oração – discordando, portanto, de Agbayani & Golston (2010) que supõem que “Hyperbaton is semantically neutral sensu stricto and never affects grammatical relationships

tal modo que é difícil justificar a existência de múltiplas configurações sintáticas que estruturam as mesmas relações entre os argumentos. O segundo é que os movimentos que precisamos postular para alcançar muitos ordenamentos comuns da língua (seja qual for a justificativa que se utilize para motivá-los) parecem envolver operações sintáticas consideradas ilícitas.

A primeira questão está fora do escopo dessa tese, e já encontra algumas possíveis soluções dentro do grupo teórico relacionado à ideia de que a ordem linear das palavras no grego antigo está associada com sua estrutura informacional pragmática. Para sua aplicação nesta tese temos, então, tanto a literatura que sugere um modelo discursivo-pragmático para a oração no grego antigo (DIK, 1995; MATIĆ, 2003; RECHT, 2015), quanto trabalhos que codificam projeções pragmáticas dentro da hierarquia sintática da oração (RIZZI, 1997; ABOH, 2004, 2010; ALEXIADOU et al. 2007).

A segunda questão, sobre como fornecer uma explicação sintaticamente coesa para o fenômeno da descontinuidade, constitui o objetivo central desta tese. Para esse fim, nos valemos da teoria de movimento por cópia atualizado para o Programa Minimalista por Jairo Nunes (1995) e expandido por diversos autores

---

or logical entailments” (p.137). Como não nos focaremos particularmente na interação com a semântica aqui, não iremos adentrar demais nessa discussão. Para nossos propósitos atuais, basta indicar que, seja qual for o efeito a estrutura informacional sobre o significado, estamos lidando com relações que não são tradicionalmente codificadas na sintaxe.

no livro “*The Copy Theory of Movement*” de Corver e Nunes (2007). Esta é uma hipótese que reformula os fundamentos da operação de movimento no gerativismo e entrega uma revisão minimalista capaz de integrar um amplo espectro de fenômenos de variadas línguas em uma análise conceitualmente mais simples.

Uma abordagem que tem encontrado sucesso e abrangência na análise da ordem das sentenças no grego antigo é a que se fundamenta no valor discursivo e informacional dos seus elementos. Sob essa ótica, o principal fator que determina a ordem dos elementos de uma frase seria os seus valores pragmáticos – funções pragmáticas como ‘Tópico’ e ‘Foco’.

Dik (1995) encapsula, em linhas gerais, a essência dessa visão teórica quando diz: “Elements with Topic or Focus function will come at the start of the clause; elements that have not been assigned a pragmatic function follow the verb” (p. 12). Especificamente, ela propõe que existem duas posições específicas no começo da clausula para esses elementos ‘pragmaticamente marcados’<sup>22</sup>.

Observaremos em mais detalhes algumas dessas abordagens no capítulo de aporte teórico. Aqui, importa apenas notar que a premissa de Dik (1995, 2007)

---

<sup>22</sup> Uma proposição muito similar à tipologia proposta por É. Kiss (1995) para definir as línguas de configuração discursiva (*discourse-configurational languages*)

de que a estrutura geral da clausula está organizada em torno de funções discursivo-pragmáticas parece ter encontrado consenso<sup>23</sup>.

Existe também uma literatura gerativista independente que descreve posições estruturais na sintaxe muito semelhantes àquelas propostas nos modelos discursivo-pragmáticos para o grego antigo. Rizzi (1997), por exemplo, propõe que a periferia esquerda da oração, normalmente descrita como CP, pode codificar sintaticamente as posições estruturais de tópico e foco observadas por Dik (1995, 2007) e outros. A inclusão da pragmática na sintaxe minimalista também prevê a possibilidade de que esse tipo de reordenamento com base na estrutura informacional dos (sub)constituintes possa ser auferido também em projeções abaixo do nível da cláusula, como o DP. Sob essa ótica, encontramos uma via de formalização para a seguinte observação de Devine e Stephens (2000):

Some languages have a single clausal focus position, often adjacent to the verb, [...]. What is so interesting about hyperbaton is that it extends this feature crosscategorially down to the lowest phrasal projection: not only clauses, but verb phrases, adjective phrases, some prepositional phrases, complex noun phrases and simple noun phrases too make structurally parallel positions available for focused modifiers. (DEVINE e STEPHENS, 2000, p.32)

---

<sup>23</sup> Ou, pelo menos, não estamos cientes de nenhum estudo que tenha diretamente desafiado essa hipótese.

Contudo, uma proposta de compatibilidade da estrutura sintática gerativista com modelos discursivo-pragmáticos não alcança adequação descritiva se não formos capazes de licenciar as operações que levam os vários itens lexicais a serem pronunciados em cada uma dessas posições. A principal dificuldade que as análises voltadas para a sintaxe enfrentam ao tentar descrever a estrutura do grego é o fato de que a língua parece ferir pressupostos básicos dos modelos gerativistas e minimalistas.

Para essa tese, em particular, nos focamos na questão do ‘movimento de não-constituintes’, nos termos de Agbayani e Golston (2010) – i.e., o fato de que o movimento que gera descontinuidade nos constituintes pode selecionar um conjunto de itens lexicais que não partilham uma projeção máxima que contém somente eles<sup>24</sup>. As soluções providas para essa questão na literatura até agora passam por uma reanálise das estruturas envolvidas, de modo que elas possam definir uma projeção máxima que selecione somente os elementos dos ramos esquerdos do constituinte. O problema com essas análises, contudo, é que elas impõem reconfigurações estruturais e exigências semânticas que não podem ser

---

<sup>24</sup> Ou, conforme definido por Agbayani & Golston (2010), movimentos que ferem a *Left Branch Condition* (LBC) de Ross (1967).

facilmente generalizadas para um fenômeno tão prevalente, e, portanto, nem sempre são condizentes com os dados<sup>25</sup>.

Consideremos uma breve ilustração dessa questão. Devine e Stephens (2000, p.223 em diante), por exemplo, propõem que, nos casos que ferem a LBC, os elementos deslocados sejam analisados como um sintagma completo em si, com um núcleo nominal vazio<sup>26</sup>. Considere-se um dado como (16):

(16) πρὶν αὐτῷ τὴν αὐτὴν ταύτην ἐν τῷ δήμῳ ἠπειλήσεν ἐπαγγελίαν  
ἐπαγγελεῖν ἦνπερ ἐγὼ Τιμάρχῳ

πρὶν	αὐτῷ	<b>τὴν</b>	<b>αὐτὴν</b>	<b>ταύτην</b>	ἐν	τῷ
até	ele-DAT	<b>a-ACC</b>	<b>mesma-ACC</b>	<b>essa-ACC</b>	em	o-DAT
démōi	ēpeílēsen	<b>epaggelían</b>	<b>epaggeleîn</b>			
povo-DAT	ameaçou-3SG.IND	<b>intimação-ACC</b>	indiciar-INF.FUT			
hēnper	egō	Timárkhōi				
a.qual-ACC	eu-NOM	Timarco-DAT				

“[Litigou contra Aristófonte] até que [Aristófonte] ameaçasse indiciar ele para o povo com essa mesma intimação que eu [abri] contra Timarco”

[Ésq. 1.64]

<sup>25</sup> Adicionalmente, esse tipo de reanálise estrutural significa que o epifenômeno de hipérbato não possuiria uma causa comum para as suas diversas manifestações em níveis sintagmáticos distintos. Enquanto é plausível crer que algumas instâncias de descontinuidade são resultado de operações independentes que por acaso linearizam palavras de formas semelhantes no *output* fonológico, é bastante improvável que todas as formas de descontinuidade possíveis na língua possuam motivações independentes. Nesse sentido, é preferível encontrar um mecanismo capaz de cobrir múltiplas instâncias de hipérbato por meio de uma causa comum.

<sup>26</sup> Essa solução cria outros problemas além do que vamos explorar nessa introdução, em particular quanto ao estatuto do núcleo nominal explícito que fica isolado, como os próprios autores reconhecem (DEVINE & STEPHENS, 2000, p.247): por enquanto, contudo, podemos nos focar nos problemas que advém da estrutura com o núcleo nominal vazio em si.



Na análise de Devine e Stephens (2000), devemos entender *tèn autèn taútèn* “essa mesma” como um sintagma completo articulado em torno de um núcleo nominal nulo. Abstraindo os rótulos dos sintagmas, a estrutura seria algo como:

(17) [ *tèn* [ *autèn* [ *taútèn* [Ø]]]]

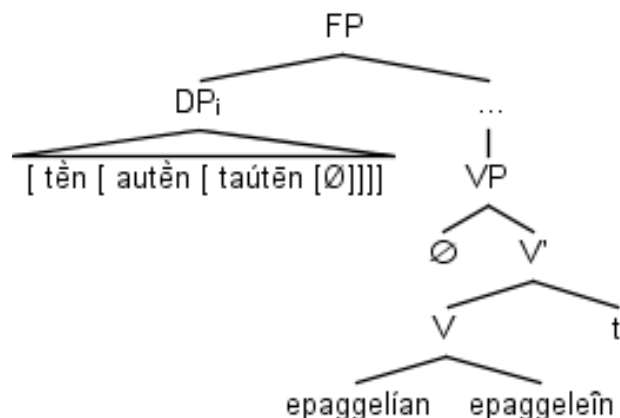
Essa estrutura estaria ou numa relação predicativa com o núcleo nominal *epaggelian* “acusação”, que opera como o verdadeiro argumento interno do VP *epaggeleîn* “indiciar/acusar”, que absorveria o núcleo nominal *epaggelian* “acusação” como parte de um predicado complexo<sup>27</sup>.

---

<sup>27</sup> Apesar da tradução mais natural usar duas palavras de raízes distintas no português – “indiciar a acusação” – o verbo e o objeto acusativo no grego partilham a mesma raiz lexical *epaggel-*. Uma tradução mais literal, portanto, seria “acusar a acusação”, uma construção que parece usar a repetição deliberadamente, e desafia a hipótese de que *epaggelian epaggeleîn* “acusação acusar” é um predicado complexo.

(18)

**Árvore Sintática 2** – derivação esquemática de *tèn autèn taútēn ... epaggelían* “essa mesma ... acusação”



[fonte: produção própria, com base na proposta de DEVINE e STEPHENS, 2000]

Isso acarretaria dizer que a interpretação da sentença deveria ser mais propriamente algo como “ameaçasse acusação-indiciar essa mesma [que eu indíciei]”. Tais interpretações são, contudo, menos naturais do que a que se obtém da leitura de *tèn autèn taútēn epaggelían* “essa mesma acusação” como um único constituinte descontínuo. Além disso, elas não são independentemente motivadas, mas existem apenas como resultado da proposta teórica que busca reconciliar os dados com as restrições sintáticas que eles parecem ignorar.

Essa proposta e outras como ela, portanto, são insatisfatórias do ponto de vista semântico. Além disso, reavaliações estruturais desse tipo precisam ser definidas e descritas para cada categoria passível de hipérbato individualmente. Nesse sentido, a teoria de movimento por cópia se apresenta como uma

alternativa promissora para a análise dos dados do grego clássico. Como demonstraremos a seguir, ela permite que os constituintes permaneçam sintaticamente coesos ao mesmo tempo que aparecem de forma descontínua na frase, de forma que preserva as relações intuitivamente observadas na oração e pode ser facilmente generalizada para diversas categorias sintagmáticas<sup>28</sup>.

Dito de maneira simplificada, a teoria de movimento por cópia propõe que não deve haver uma operação “Mover” na sintaxe minimalista. De acordo com Nunes (1995):

I propose that Move is merely a description of the effects of the interaction of four different operations which correspond to the suboperations in (i)-(iv) above: Copy, Merge, Form Chain, and Chain Reduction. I will refer to this approach as the Copy + Merge theory of movement. (NUNES, 1995, p.72-3)

Ou seja, ao invés de postular que os elementos sintáticos podem ser retirados de suas posições originais (para checar um traço forte), deixando para trás apenas um vestígio (*trace*) indexado que permite que se recuperem suas posições originais<sup>29</sup>, supomos que esses elementos são copiados em novas posições da derivação. Essa formulação, tal como originalmente proposta por

---

<sup>28</sup> Não queremos com isso dizer que acreditamos que ela necessariamente deve ser generalizada para todas as categorias sintagmáticas da estrutura sintática, nem que todos os casos de descontinuidade no grego antigo ou clássico devem ser fruto de um único tipo de operação sintática. Contudo, parece seguro dizer que, dada a prevalência do fenômeno da descontinuidade – tanto na diversidade de constituintes que pode afetar, quanto na frequência com que é utilizada –, devemos buscar uma explicação igualmente abrangente.

<sup>29</sup> Para efeitos de interpretação, recuperação ou governo de anáfora, etc.

Chomsky (1993), “confines the power of syntax to (re-)arrangements of lexical items, banning syntax from creating new objects” [i.e., vestígios] (BOŠKOVIĆ e NUNES, 2007, p.14) e “simplifies considerably the analysis of reconstruction phenomena” (ibid.).

Já que não existe mais uma diferença categórica entre os elementos que ocupam as posições mais altas e aqueles que ocupam as posições onde foram originalmente juntados na derivação, isto é, como só encontramos cópias não-distintas de um mesmo elemento sintático em múltiplas posições, é necessário determinar quais delas interagem com cada uma das interfaces do aparato linguístico (i.e., a forma fonológica (*phonological form* – PF) e a forma lógica (*logical form* – LF)).

Elements undergoing movement are generally pronounced and interpreted only in one position and the pronunciation and interpretation positions do not have to coincide<sup>30</sup>. To ensure this under the copy theory, it is standardly assumed that all but one copy of an element X undergoing overt movement is deleted in PF and LF, so that only one copy of X remains at the interface levels. The question is then which copy should survive deletion. (BOŠKOVIĆ e NUNES, 2007, p.14).

Quanto à realização fonética, a hipótese tradicional é de que apenas a cópia mais alta numa cadeia pode ser realizada. Bošković e Nunes (2007),

---

<sup>30</sup> Note-se que esta ideia é contenciosa, em especial com relação a como um ouvinte deve recuperar o sentido de uma frase se a estrutura criada em PF não apaga as mesmas cópias que devem ser apagadas em LF. Mas questões sobre a relação entre formas PF e LF estão além do escopo desta tese. Nosso interesse maior aqui está nas cópias que sobrevivem em PF, já que este é a interface para a qual temos evidências mais diretas.

contudo, adotam uma visão teórica por onde PF pode selecionar cópias mais baixas para pronunciar:

... a chain is pronounced in the head position, with lower members deleted in PF, unless pronunciation in the head position would lead to a PF violation. If and only if the violation can be avoided by pronouncing a lower member of the chain, the lower member is pronounced and the head of the chain is deleted. We will refer to the mechanism of pronunciation of lower copies motivated by PF considerations as P(ronounce)L(ower)C(opy). (Idem, p.17)

Um aspecto fundamental dessa proposta é que ela opera na interface fonológica, o que significa dizer que ela não precisa considerar configurações sintáticas para decidir o que é pronunciado onde. Bošković e Nunes (2007) indicam que é possível que uma restrição fonológica exija que diferentes partes de um constituinte sejam pronunciadas em diferentes posições, levando ao que eles chamam de *apagamento espalhado* (*scattered deletion*), um fenômeno que resolve as mesmas questões operacionais que identificamos no grego.

The phonological system then resorts to “scattered deletion”, with parts of the complex head undergoing movement pronounced in the higher position, and parts in the lower position [...].

Scattered deletion structures show that what is left behind by movement has internal structure, which is straightforwardly captured under the copy theory, but not under the trace theory. [...] it is very difficult to see how the scattered deletion case discussed above can be handled under the trace theory, for it cannot be ensured that the element left behind by movement [...] has the necessary internal structure. (Idem, p.38)

Visto isso, nossa proposta é de que constituintes descontínuos no grego clássico foram copiados por inteiro para as posições mais altas onde parte deles é pronunciada, mas que a língua possui restrições da PF que barram alguns desses elementos de serem pronunciados nessas posições, de tal modo que são pronunciados em posições mais baixas, graças a um mecanismo de *Pronounce Lower Copy* (PLC). Especificamente, vamos propor que as restrições da PF estão ligadas ao estatuto informacional dos elementos, tal que elementos explicitamente marcados com os traços informacionais relevantes precisam ser pronunciados na borda esquerda de uma frase fonológica<sup>31</sup>.

---

<sup>31</sup> Veremos que essa não é uma postulação inteiramente sem precedente: Stjepanović (2007) propõe que também o Servo-Croata (outra língua que se diz ter ‘ordem livre das palavras’) está organizado de forma que a estrutura informacional impõe restrições da PF na língua.

## 2.4 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, então, ilustramos brevemente a extensão dos fenômenos de embaralhamento do grego clássico, e os rótulos tipológicos aplicados ao grego na literatura em virtude dessa liberdade no ordenamento. Também indicamos que esse embaralhamento pode acarretar a descontinuidade dos constituintes embaralhados, e consideramos quais são os casos relevantes de descontinuidade para nossa pesquisa. Observamos que esses constituintes descontínuos não são facilmente capturados dentro de uma visão gerativista, pois parecem ferir pressupostos básicos das derivações sintáticas propostas dentro dessa abordagem.

Também discutimos nossa metodologia de coleta e análise dos dados. Argumentamos que o estudo não se beneficiaria de um tratamento estatístico dos dados. Estudos anteriores que tomaram essa vertente já cobrem adequadamente muitas distribuições relevantes do fenômeno, e são em todo caso inconclusivas no que diz respeito às causas do embaralhamento e da descontinuidade. Em vista do nosso objetivo de descrever sintaticamente o fenômeno, nos ocupamos em buscar a maior variedade possível de construções gramaticais, para que nossa análise possa abranger tudo o que atestamos sobre as distribuições de descontinuidade relevantes. Além disso, defendemos o recorte que definimos de gêneros, autores e período relevantes para nosso estudo.

Por fim, apresentamos uma visão geral sobre o que será nossa proposta. Discutimos a significância de modelos discursivo-pragmáticos em motivar o embaralhamento da ordem no grego antigo, bem como o fato de que essas considerações podem ser capturadas dentro de uma sintaxe minimalista. Em seguida, apresentamos resumidamente as soluções sintáticas dadas para a questão da descontinuidade até agora, considerando suas limitações. Com base nisso, propomos a maneira pela qual a teoria de movimento por cópia oferece uma explicação alternativa mais fundamentada e elegante para o fenômeno.



### **CAPÍTULO 3: APORTE TEÓRICO**

---

O objetivo deste capítulo é apresentar o aporte teórico por meio do qual a análise se sustenta. Para tal, apresentamos uma breve revisão acerca da literatura relevante que foi consultada no decorrer da pesquisa.

O capítulo está subdividido em três seções. Na seção 3.1, avaliamos rapidamente a visão de que o grego antigo era uma língua de configuração discursiva e os modelos utilizados para descrever essa posição. Representamos essa abordagem principalmente através do trabalho de Dik (1995, 2007). Na seção 3.2, apresentamos a literatura sobre a descrição gerativista do grego clássico, focalizando principalmente em trabalhos preocupados com a questão do ordenamento das palavras nessa língua. Por fim, na seção 3.3, investigo os modelos teóricos do Programa Minimalista, em particular aqueles que formulam propostas teóricas sobre como derivar a descontinuidade na ordem superficial das palavras, partindo da assunção de que há uma ordem de base universal para todas as orações (KAYNE, 1994; CHOMSKY, 1995; ZWART, 1997). Nesse sentido, focamos na formulação da teoria de movimento por cópia de Nunes (1995), e as condições nas quais essa teoria permite que ocorra o apagamento espalhado (*scattered deletion*) exploradas em Bošković e Nunes (2007) e Stjepanović (2007).

### **3.1 ABORDAGENS DISCURSIVO-PRAGMÁTICAS**

Esta seção tem como objetivo apresentar, de forma resumida, a argumentação que forma a base da visão de que o grego clássico era uma língua de configuração discursivo-pragmática. Faremos isso por meio da discussão dos textos de Dik (1995, 2007) que popularizaram essa teoria na literatura recente, indicando apenas genericamente questões levantadas por autores posteriores (MATIĆ, 2003; BAKKER, 2009; RECHT, 2015; GOLDSTEIN, 2015).

Devido à importância que essa abordagem coloca na pragmática, ela frequentemente faz uso da Gramática Funcional como base teórica, mas o tratamento específico varia de acordo com cada autor. Nesse sentido, distinguimos os autores que englobamos dentro dessa abordagem geral não só pela primazia que dão à estrutura informacional, mas também pelo seu afastamento de um tratamento sintático minimalista para a questão<sup>32</sup>.

#### **3.1.1 HELMA DIK (1995, 2007)**

Helma Dik (1995) é frequentemente citada como a pioneira da perspectiva pragmática aplicada sobre o ordenamento das palavras no grego

---

<sup>32</sup> Nesse sentido, apesar de Goldstein (2015) explicitamente considerar que é possível definir uma estrutura sintática para o grego clássico, sua abordagem não se pode dizer minimalista, em vista do fato de que pressupõe projeções sintáticas polirramificadas planas.

clássico<sup>33</sup>. Trabalhando dentro das teorias da Gramática Funcional, ela inicia seu livro explicitamente considerando os diferentes domínios (cláusula, constituintes, palavras) e as diferentes perspectivas (eufônica, sintática, semântica, pragmática) que podem ser aplicadas à questão do ordenamento das unidades de uma língua.

Sua abordagem se volta especificamente ao domínio dos constituintes sob uma perspectiva pragmática – i.e., sobre como a ordem dos constituintes em uma cláusula reflete as intenções comunicativas do falante no contexto da enunciação<sup>34</sup>. Dessa forma, a autora adota as noções de Tópico e Foco como fundamentais para a estruturação da cláusula no grego antigo, adaptando uma proposta que De Groot (1981) havia feito para o húngaro em um padrão básico que as orações do grego antigo seguiriam.

Em um estudo posterior (DIK, 2007), a autora formaliza mais explicitamente essa estrutura:

I assume that Greek clauses can be described by the following clause pattern, an abstract representation of the order of constituents in a Greek clause:

---

<sup>33</sup> Ela própria, contudo, aponta que outros estudiosos já haviam oferecido explicações pragmáticas para dar conta da estrutura do grego.

<sup>34</sup> Ela sugere, contudo, que uma perspectiva pragmática também poderia ser aplicada para a ordem das palavras dentro de constituintes nominais: “the order within Noun Phrases shows clear similarities with that on clause level, with salient elements preceding less salient ones” (DIK, 1995, p.257).

Setting—Topic—Focus—Verb—Remainder

This ‘formula’ needs to be read in the following way:

Any Setting constituent will open the clause.

If a Topic is present, it will follow a Setting, if present.

A Focus constituent will follow the Setting and/or Topic (if any) or open the clause.

If the verb is not the Topic or (more likely) the Focus of the clause, it follows the Focus constituent.

Any remaining constituents follow the verb. (DIK, 2007, p.38)

Significativamente, essa formulação base, em que constituintes que exercem funções pragmáticas de tópico e foco tomam posições de destaque no início da frase, pode ser capturada dentro da sintaxe gerativa por meio da teoria do CP-estendido de Rizzi (1997). Além disso, ao se definir uma relação direta entre funções e posições específicas dentro de uma cláusula, não só se torna possível que outros pesquisadores possam testar a proposta diante de outros dados, mas, mais ainda, se torna possível que eles refinem a proposta quando essa falha em prever o comportamento da língua em casos específicos<sup>35</sup>. Ou seja, uma

---

<sup>35</sup> Dik (2007) diz que “the description offered cannot *predict* word order by some mathematical formula” (p.34). Apesar da insistência de que essas propostas não são preditivas e nem formalistas, o mero fato de que se aproximam mais de uma perspectiva formal já basta para que possam ser alvo de avaliações independentes. Em especial, damos importância especial à consideração que ela faz em seguida: “we should take word order variation seriously rather than treat it as statistical noise or as ‘stylistic’” (ibid.). Partilhamos essa visão, e na medida em que estamos continuamente nos aproximando de explicações profundas de quais as funções comunicativas que cerceiam todas as dimensões de uma língua, menos aleatórias quaisquer enunciações devem parecer, e mais preditivas nossas teorias acerca da linguagem podem se tornar.

das vantagens cruciais da abordagem de Dik (1995, 2007) é que ela almeja descrever corretamente os fenômenos do grego antigo, ao invés de simplesmente justificar individualmente cada ordem atestada *post hoc*.

Devemos, contudo, observar que a proposta de Dik (1995, 2007), por mais que represente uma quebra de paradigma fundamental com relação à análise do grego antigo e seja um passo importante em direção à formalização das relações entre as funções pragmáticas e a estrutura da cláusula, ainda apresenta limitações consideráveis em seu poder explicativo.

Primeiramente, notamos a existência da categoria “Restante” na estrutura: à medida que ela pode abarcar muitos constituintes, a ordem desses não está prevista no modelo. Para esses elementos pós-verbais, portanto, a teoria não avança para além da tradicional postulação de uma “ordem livre” na língua – de acordo com Goldstein (2015), “In sum, a far richer and far more explicit model of word order determinants is needed than [Dik’s model] can provide” (p.38).

Outro ponto importante é o caráter impreciso das definições de Foco e Tópico utilizadas por Dik (1995). Pesquisadores posteriores utilizam, portanto,

um arcabouço teórico mais extenso sobre as funções discursivo-pragmáticas para embasar suas próprias propostas<sup>36</sup>.

Finalmente, é preciso também considerar que a separação que Dik (1995) faz da perspectiva pragmática diante das demais é, por vezes, reducionista. Goldstein (2015), por exemplo, indica que uma configuração discursiva não é alheia à sintaxe e à semântica:

That Greek phrase structure at the level of the clause is discourse-configurational does not mean that there is no grammaticalized word order anywhere. [...] Furthermore, discourse-conditioned word order cannot be blithely equated with pragmatics, since it is well known that focus can have truth-conditional effects (that is, it can have *semantic* effects [...]) (GOLDSTEIN, 2015, p.38. Grifo no original)

Essa crítica é particularmente importante, pois não adotaremos essa perspectiva de análise acerca da perspectiva sintática, consoante a qual “order serves no function in Greek syntax” (DIK, 1995, p.5). Acompanhando a perspectiva gerativista, integrada ao Programa Minimalista, adotaremos uma perspectiva conforme a qual a sintaxe é o domínio base onde as operações fundamentais de combinação de palavras acontecem, e, dessa forma, interage diretamente com os níveis pragmáticos, discursivos e semânticos.

---

<sup>36</sup> Vide, por exemplo, as considerações que Recht (2015, p.16-7) faz a respeito das definições de Dik (1995); compare-se também o arcabouço teórico aduzido por Matić (2003, p.578-9) e por Goldstein (2015, p.27-35)

### 3.2 ABORDAGENS GERATIVISTAS

Esta seção introduz análises do grego antigo mais propriamente integradas à sintaxe gerativa. Analisaremos dois trabalhos recentes importantes: i) o artigo de Agbayani e Golston (2010) que argumenta em favor de que o embaralhamento no grego clássico é resultado de movimentos em PF; ii) a dissertação de Kirk (2007) e o artigo de Isac e Kirk (2008), que buscam definir mecanismos sintáticos para explicar a variedade de ordens lineares gramaticais nos DPs do texto de Heródoto.

#### 3.2.1 AGBAYANI E GOLSTON (2010)

Um dos trabalhos recentes mais inovadores acerca da ordem das palavras no grego clássico é o artigo de Agbayani e Golston (2010). Os autores partem das peculiaridades dos fenômenos de variabilidade e descontinuidade na ordem do grego clássico para sugerir que existem instâncias de movimentos que não são produzidos na sintaxe, mas sim na fonologia. A proposta é que os verdadeiros responsáveis pela organização linear de uma frase do grego clássico são restrições fonológicas aplicadas ao *output* sintático após seu envio a Spell-Out. Nessa teoria, os elementos podem ser reordenados em conformidade com as exigências dessas restrições fonológicas (id., p.137), de modo que não são constituintes sintáticos que se movem, mas sim constituintes prosódicos.

Para argumentar essa possibilidade, Agbayani e Golston (2010, p.134) tomam interesse especial pelo fenômeno do hipérbato<sup>37</sup>, “in which phrasal or subphrasal material occurs displaced from its base order, often creating discontinuous constituents”. O hipérbato toma a atenção dos autores pela diversidade de formas e contextos nos quais pode ocorrer. Para eles, os elementos de um constituinte que se encontram deslocados podem estar separados por uma única palavra, ou por uma frase inteira; e todo tipo de projeção sintática pode ser separada dessa forma<sup>38</sup>. Além disso, consideram que qualquer desvio da ordem base núcleo-inicial deve ser considerada uma instância de hipérbato.

A multiplicidade de configurações que o fenômeno pode abarcar é o ponto de partida para que Agbayani e Golston (2010) proponham que o movimento envolvido deve ocorrer na interface fonológica. Em particular, os autores buscam estabelecer duas condições necessárias para que se possa deduzir

---

<sup>37</sup> Seguiremos a convenção de nomear fenômenos de descontinuidade como ‘hipérbato’ nessa seção não só para seguir a nomenclatura utilizada por Agbayani & Golston (2010), mas também para enfatizar que os autores conceptualizam esse fenômeno de maneira idiossincrática, abrangendo casos que não consideramos propriamente ‘constituintes descontínuos’ aqui. Vide discussão na seção 2.1, p.31-2, e as críticas sobre a abordagem de Agbayani & Golston (2010), abaixo, p.74.

<sup>38</sup> Similarmente, Agbayani & Golston (2010) também devotam uma parte de seu artigo para demonstrar que o hipérbato também pode ocorrer “em torno” de diversos tipos de elementos: preposições, adjetivos, verbos, nomes, complementizadores, artigos definidos e conjunções. Nesse ponto, contudo, é necessário observar que a distribuição não é similar através de todas essas categorias. Smyth (1920, §1015), por exemplo, indica que “*περι* is the only true preposition that may be placed after its case in Attic prose” (p.256), de modo que é enganoso agir como se o fenômeno possa ser generalizado tal que PPs também devam inequivocamente se adequar ao movimento que gera o hipérbato.



que o movimento ocorreu em PF. Primeiro, o movimento “deve ignorar a sintaxe” (p.137); segundo, o movimento deve ser sensível à fonologia” (ibid.).

É vital que observemos as maneiras pelas quais Agbayani e Golston (2010) defendem que o hipérbato do grego clássico ignora estruturas sintáticas, pois a partir de tais considerações podemos extrair quais características não foram suficientemente abordadas por meio de determinados tratamentos teóricos. Ou seja, são os pontos onde a língua não opera como esperado dadas as teorias sintáticas vigentes, para os quais, portanto, devemos oferecer novas análises.

As primeiras questões levantadas são de ordem interpretativa. Agbayani e Golston (2010) sugerem que “Hyperbaton is semantically neutral *sensu stricto* and never affects grammatical relationships or logical entailments” (p.142)<sup>39</sup>. Eles concordam que esse movimento é capaz de veicular aspectos de estrutura informacional como tópico e foco, mas propõem que as relações sintáticas da oração nunca são afetadas pelo hipérbato. De fato, uma evidência importante levantada pelos autores é o fato de que o grego clássico permite que se fronteiem pronomes reflexivos e recíprocos:

---

<sup>39</sup> Mas Goldstein (2015) questiona essa interpretação, e aponta que “discontinuity often involves quantifiers, and here it is hasty to assume that hyperbaton is not motivated by scope relations” p.19, nota 5).

(19) εἰ δέ γε μηδαμοῦ **ἑαυτὸν** ἀποκρύπτοιο **ὁ ποιητής**

ei=dé=ge mēdamoû      **heautòn**      apokrúptoito  
se=P2.=P. nunca-ADV      **si-mesmo-ACC.M.SG**      ocultar-3SG.OPT.PRES

**ho**                      **poiētēs**  
**o-NOM.M.SG**      **poeta-NOM.M.SG**

“E se **o poeta** nunca ocultar a **si mesmo**...”

[Plat. Rep. 393c11]

(20) ἐπεὶ δ’ ἀλλήλους ἐφιλοφρονήσαντο **Χειρίσοφος καὶ Ξενοφῶν**

epei              d’=**allélous**                      efilofronésanto  
então              P2.=**um.ao.outro-ACC.M.PL**      cumprimentaram-3PL.IND.AOR

**Kheirísofos**                      **καὶ**      **Ksenofôn**  
**Cheirisophus-NOM.M.SG**      **e**      **Xenofonte-NOM.M.SG**

“Então, **Cheirisophus e Xenofonte** se cumprimentaram **um ao outro**...”

[Xen. Anab. 4.5.34]

Essa configuração é inesperada do ponto de vista sintático, pois se espera que anáforas desse tipo se encontrem c-comandadas pelos seus antecedentes, conforme o Princípio A da Teoria de Ligação<sup>40</sup>. Similarmente, o hipérbato parece ignorar ilhas sintáticas, de modo que não obedece à Restrição de Estruturas Coordenadas (*Coordinate Structure Constraint* – CSC) e à Condição do Ramo

<sup>40</sup> Mas note-se que existem outras línguas nas quais é possível encontrar instâncias em que há, aparentemente, movimento sintático que gera uma posição final na qual o elemento reflexivo se encontra antes do referente que deveria c-comandá-lo. Por exemplo, no português brasileiro, encontramos frases como “Após uma procura externa, foi *em si mesmo* que Sócrates encontrou uma resposta a ele convincente...” (SANTOS, Patrícia Batista & NOGUEIRA, Edney Menezes. Educação escolar: uma lanterna no escuro da caverna. In: “Revista Contemporânea de Educação”, v.15, n.33, maio/agosto de 2020, p.153, grifo nosso).

Esquerdo (*Left-Branch Condition* – LBC) descritas por Ross (1967). Tomemos o dado em (21), por exemplo:

(21) ἀπὸ Βαβυλῶνος δὲ καὶ τῆς λοιπῆς Ἀσσυρίας **χίλια** οἱ προσῆιε **τάλαντα ἀργυρίου καὶ παῖδες ἑκτομῖαι πεντακόσιοι**.

apò	Babulônos=dè	kaì	tês	loipês
de	Babilônia-GEN=P2.	e	o-GEN.F.SG	resto-GEN.F.SG
Assuriês		<b>khilia</b>	hoi	prosêie
Assíria-GEN.SG.F		mil-NOM.N.PL	ele-DAT.M.SG	vir-3SG.IMPF
<b>tálanta</b>		<b>arguriou</b>	<b>kaì</b>	<b>paîdes</b>
<b>talentos.NOM.N.PL</b>		<b>prata-GEN.N.SG</b>	<b>e</b>	<b>escravos-NOM.M.PL</b>
<b>ektomíai</b>		<b>pentakósioi</b>		
<b>castrados.NOM.M.PL</b>		<b>quinhentos.NOM.M.PL</b>		

“Da Babilônia e do resto da Assíria vieram, para ele, mil talentos de prata e quinhentos escravos castrados”

[Hdt. 3.92.1]

Esse exemplo fere ambas as restrições sintáticas acima. O constituinte coordenado *khilia tálanta arguriou kaì paîdes ektomíai pentakósioi* “mil talentos de prata e quinhentos escravos castrados” se encontra descontínuo, com o numeral *khilia* “mil” separado do resto do constituinte. Ele parece ter sido movido, apesar das restrições que estruturas coordenadas impõem à remoção de material em seu interior e do fato de que o numeral está na periferia esquerda da

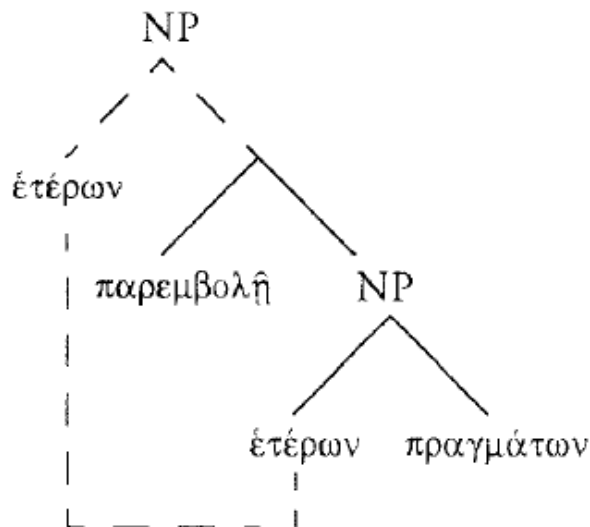
projeção que seleciona *tálanta* “talentos”<sup>41</sup>. O movimento aparente aqui, de fato, parece não só desmembrar constituintes que deveriam se manter unidos sintaticamente, mas o faz em pontos particularmente inadequados para a estrutura sintática.

Agbayani e Golston (2010) ainda relacionam essas características do hipérbato com outras restrições sintáticas. Primeiro, tomando a representação esquematizada de Devine e Stephens (2000) em (22) como base, eles argumentam que o movimento que estaria envolvido no fenômeno seria excessivamente local.

---

<sup>41</sup> Leitores atentos terão percebido, contudo, que os numerais para cada um dos NPs que compõem essa expressão coordenada vêm em posições diferentes em relação a eles: *khilia* antecede *tálanta*, mas *pentakósioi* “quinhentos” sucede *paides* “escravos”. Caso os numerais sejam juntados originalmente à direita do NP e possam ser opcionalmente movidos, esse exemplo não seria um caso que fere a LBC. Contudo, acreditamos que ocorre o contrário: os numerais são juntados acima do NP, mas o NP pode ser opcionalmente movido para uma posição à direita do numeral. Em todo caso, existem muitos outros exemplos de movimentos que parecem ignorar a LBC no grego clássico.

(22)

**Árvore Sintática 3** – hipérbato do sintagma nominal

[fonte: DEVINE e STEPHENS, 2000, p.11]

Além disso, sugerem que o movimento que gera hipérbato afetaria tanto núcleos quanto projeções sintáticas indiscriminadamente, o que seria impossível, dado que movimento de núcleos só se deveria dar para outras posições de núcleo. Por fim, além de aparentemente afetar núcleos e projeções, o hipérbato afeta grupos de palavras que não formam uma (sub)projeção de um constituinte.

A questão da anti-localidade do movimento que gera hipérbato merece atenção adicional, pois os autores acreditam que essa restrição também refuta a possibilidade do ‘apagamento espalhado’ que utilizaremos como base para nossa análise. A anti-localidade do movimento se daria quando um elemento no complemento de um núcleo se move para a posição de especificador desse

mesmo núcleo, e, de acordo com os autores, o ‘apagamento espalhado’ necessário para justificar o hipérbato “will not extend to extremely local cases of hyperbaton”, pois não existiriam posições sintáticas suficientes para efetuação desse mecanismo (AGBAYANI e GOLSTON, 2010, p.152)<sup>42</sup>.

Com o intuito de demonstrar que os movimentos que geram hipérbato ocorrem no componente PF, Agbayani e Golston (2010) também buscam mostrar que esses movimentos são sensíveis à fonologia. A principal evidência elencada pelos autores para isso é o fato de que o embaralhamento da ordem parece ser agramatical quando o movimento ordena duas palavras funcionais homófonas em sequência. Então, enquanto (23) é lícito, não encontramos casos como (24), a despeito do fato de que é possível mover o complemento no genitivo para essa posição, caso os dois artigos fossem diferentes:

(23) τῆς ἀρχῆς τῆς πόλεως

tês	arkhēs	tês	pólēōs
a-GN	autoridade-GN	a-GN	cidade-GN

“a autoridade na cidade”

[Plat. Pol. 275a]

---

<sup>42</sup> Mas ver abaixo os motivos pelos quais consideramos que essa crítica não é suficientemente convincente para abandonar a possibilidade de emprego dessa vertente teórica.

(24) \*τῆς τῆς πόλεως ἀρχῆς

*tês	tês	pólēōs	arkhēs
a-GN	a-GN	cidade-GN	autoridade-GN

“a autoridade na cidade”

[dado construído]

Agbayani e Golston (2010) propõem que é o Princípio do Contorno Obrigatório (*Obligatory Contour Principle*) que bloqueia essa repetição de artigos homófonos dentro de uma mesma palavra prosódica no grego – um conceito também chamado de \*ECO (\*ECHO). De fato, parece inegável que esse princípio tenha um efeito sobre a adequação e eufonia de uma expressão no grego antigo, dada a completa ausência de exemplos desse tipo no corpus que investigamos<sup>43</sup>.

No entanto, essa restrição fonológica não está apenas associada ao bloqueio dos movimentos que causam hipérbato, uma vez que, presumivelmente

---

<sup>43</sup> Agbayani e Golston (2010) propõem, contudo, que essa restrição fonológica ocorreria mesmo se uma partícula clítica intervisse entre os determinantes duplicados (p.148-9). Esse não parece ser o caso. Considere-se o seguinte dado:

κίνδυνος αὐτῶ τε βασιλεί καὶ τῆ στρατιῆ τῆ ἐν τῆ ἠπείρῳ ἔσται  
 kíndunos autôí te basiléi kaí tēi stratiēi **tēi en tēi** ēpeírōi éstai  
 perigo-NM próprio-DT P2 rei-DT e o-DT exército-DT o-DT em o-DT continente-DT  
 estará-3SG.IND.FT

“... haverá perigo para o próprio rei e para o exército no continente”

[Hdt. 8.65.3]

Neste dado, devido a uma estrutura de duplicação do determinante do núcleo *stratiēi* “exército” (fenômeno conhecido como *determiner spreading* ou *polydefinite constructions*) e a seleção de um complemento PP que seleciona um DP com o mesmo gênero, número e caso do DP principal, dois determinantes idênticos são separados apenas pela preposição prosodicamente fraca *en* “em”.

em função dela, também não encontramos artigos homófonos seguidos também para construções onde todos os elementos se encontram *in situ*. Isso significa que essa não é uma evidência forte a favor da tese de que o movimento que gera hipérbato é feito em cima de constituintes prosódicos: os efeitos de \*ECO sempre se manifestam, quer haja ou não movimento, e independente de se o movimento ocorre na sintaxe ou na interface PF.

Em todo caso, é partindo dessas observações de inadequação da sintaxe e respeito a condições fonológicas que Agbayani e Golston (2010) defendem sua tese principal: não seria a sintaxe que define a ordem linear nas línguas, mas sim o componente fonológico<sup>44</sup>.

A forma fonológica definiria a posição linear de cada elemento a partir de uma série de restrições que operam no mapeamento da sintaxe para a fonologia. Seriam operações fonológicas que efetivariam o rearranjo de determinados componentes para posições onde causem o menor número possível de violações para a sua pronúncia. Nesse sentido, os autores citam 10 restrições fonológicas gerais para derivar o hipérbato no grego clássico.

---

<sup>44</sup> “We argue here that only the hierarchical structure of sentences is derived syntactically and that the output of the syntax has no linear-precedence relations defined on it: the output of the syntax is neither head initial nor head-final, something that is decided only later, in the mapping to phonological form.” (AGBAYANI e GOLSTON, 2010, p.155)



As primeiras 3 restrições fonológicas são retiradas do trabalho de Selkirk (1995), e existem para transformar o *output* da sintaxe em uma estrutura fonológica.  $ALINHARR(X^0, \omega)$  e  $ALINHARR(\omega, X^0)$  ( $ALIGNR(X^0, \omega)$  e  $ALIGNR(\omega, X^0)$ ) fazem com que núcleos lexicais sejam convertidos em palavras prosódicas ( $\omega$ ), alinhando a fronteira direita de ambos entre si. Similarmente,  $ALINHARR(XP, \varphi)$  garante que uma projeção sintática receba como um todo a marcação de frase prosódica ( $\varphi$ ).

Outras 3 restrições existem para garantir que a PF mantenha suas estruturas o mais parecidas com a configuração inicial ‘recebida’ da sintaxe quanto possível.  $FICAR\omega$ ,  $FICAR\varphi$  e  $FICAR\iota$  ( $STAY\omega$ ,  $STAY\varphi$ ,  $STAY\iota$ ) exigem que o material que compõe cada nível prosódico não se mova. Agbayani e Golston (2010) irão definir essas como as restrições fonológicas mais fracas dentro de seu sistema, contudo, de tal modo que essas restrições podem ser violadas múltiplas vezes em favor de evitar-se uma violação de outra regra mais importante dentro do sistema.

Até agora, portanto, as regras fonológicas observadas têm o intuito apenas de fazer a transformação de material sintático em material prosódico, e mantê-lo em uma configuração semelhante à inicialmente derivada. As duas próximas restrições, contudo, são como os autores propõem que o grego clássico opera os fatos incomuns que definem o hipérbato. Especificamente, eles propõem que

material fonológico pode ser marcado com proeminência local ou oracional, e que duas regras fonológicas requerem que material marcado dessa forma seja enviado para a esquerda de sua posição de interface (regra PROML, caso de proeminência local) ou para a posição inicial na oração prosódica (regra  $\iota$ PROM, para a proeminência oracional).

As últimas duas restrições tratam de aspectos especiais da configuração do grego clássico. A primeira é desenhada para explicar o comportamento dos clíticos de segunda posição: POSTPOS diz que nenhuma partícula pospositiva deve ser inicial em sua frase prosódica ( $\phi$ ), de tal sorte que tais elementos são empurrados para a segunda posição, onde irão gerar o menor número de violações de FICAR $\omega$ . A última restrição, \*ECO, já foi mencionada: ela proíbe que duas sílabas idênticas ocorram como parte da mesma palavra prosódica ( $\omega$ ).

O modelo de Agbayani e Golston (2010) supõe que o componente fonológico testa todas as configurações lineares possíveis de uma oração para determinar qual gera o menor número de violações sob as restrições menos importantes<sup>45</sup>, para que essa opção seja selecionada. Tais operações estão ilustradas na forma de tabelas, tal como no exemplo abaixo:

---

<sup>45</sup> Observamos também, nesse ponto, que apesar de claramente supor que as regras fonológicas que irão definir a ordem linear das orações são classificadas, de forma que restrições menos importantes podem ser violadas múltiplas vezes para evitar uma violação de uma restrição mais importante, Agbayani & Golston (2010) nunca definem qual é a ordem exata de precedência entre as restrições que eles propõem para o grego clássico. É possível discernir a ordem relativa de

(25)

**Tabela 1:** algumas restrições fonológicas no grego clássico

	STAY $\omega$	!PROM	STAY $\phi$
a. $((\text{ho}_{\sigma} \text{ spasmòs}_{\omega})_{\phi} (\text{epilambánei}_{\omega})_{\phi} ((\text{tà}_{\sigma} \text{ epì}_{\sigma} \text{ deksià}_{\omega})_{\phi})_{\iota}$		**	*
b. $((\text{ho}_{\sigma} \text{ spasmòs}_{\omega})_{\phi} ((\text{tà}_{\sigma} \text{ epì}_{\sigma} \text{ deksià}_{\omega})_{\phi} (\text{epilambánei}_{\omega})_{\phi})_{\iota}$		***!*	
c. $((\text{ho}_{\sigma} \text{ spasmòs}_{\omega})_{\phi} ((\text{epilambánei}_{\omega})_{\phi} (\text{tà}_{\sigma} \text{ epì}_{\sigma} \text{ deksià}_{\omega})_{\phi})_{\iota}$		***!*	
d. $((\text{deksià}_{\omega})_{\phi} ((\text{ho}_{\sigma} \text{ spasmòs}_{\omega})_{\phi} ((\text{epilambánei}_{\omega})_{\phi} (\text{tà}_{\sigma} \text{ epì}_{\sigma})_{\phi})_{\iota}$	*!		*

[fonte: (109) de AGBAYANI e GOLSTON, 2010, p.159]

No entanto, é possível identificar alguns problemas com a análise proposta por Agbayani e Golston (2010). Primeiramente, é preciso chamar atenção para a delimitação peculiar do fenômeno realizada pelos autores. Eles tratam todo tipo de alteração da ordem base núcleo-inicial e descontinuidade como hipérbato, e buscam prover uma explicação em termos de movimento fonológico para todos esses casos. Contudo, nem todos os casos parecem decorrer da mesma forma ou partilhar as mesmas características. Goldstein (2015) aponta que

... they use an idiosyncratic definition of hyperbaton, which considerably expands the extent of the phenomenon. [...] So the analysis that they offer captures more than traditional hyperbaton, with the result that it is not clear what class of data their account is meant to cover. (GOLDSTEIN, 2015, p.19 nota de rodapé 5)

Exemplo disso pode ser observado pelo fato de que Agbayani e Golston (2010) tratam a descontinuidade ocasionada pela inserção de uma partícula

---

algumas das restrições com base nos exemplos discutidos (\*ECO > POSTPOS > STAY $\omega$  > !PROM/PROML > STAY $\phi$ ), mas, apesar de ser algo crucial para a operação de sua proposta, esse é um aspecto que não é profundamente discutido pelos autores.

pospositiva no meio de um constituinte como exemplo de hipérbato (p.141-2, exemplos 35 e 36), dando a entender que possui, portanto, uma causa subjacente equivalente à do embaralhamento de (partes de) argumentos em torno de verbos ou nomes. No entanto, eles propõem uma restrição fonológica própria aos pospositivos, de modo que casos de ‘hipérbato’ envolvendo tais elementos estão associados a uma regra fonológica inteiramente diferente das regras de proeminência que, de acordo com eles, regem os demais casos de hipérbato.

A menção das regras de proeminência (PROML e tPROM) nos leva diretamente à segunda questão que deve ser levantada acerca dessa análise. Em particular, não está claro, na proposta de Agbayani e Golston (2010), exatamente como devemos supor que determinados elementos são marcados com a proeminência local ou máxima que levam eles a ser movidos para as diversas posições de ‘hipérbato’. Os autores mencionam que há uma relação com a “proeminência pragmática” (*pragmatic prominence*) (p.158), mas não deixam claro se há uma relação direta entre categorias informacionais específicas (como foco e tópico) e a marcação de proeminência fonológica que irá ocasionar o movimento.

Sem uma explicação clara de que elementos em uma oração devem receber que tipo de proeminência, o modelo se adequa trivialmente a qualquer dado, pois irá determinar *post hoc* que o material deslocado deve ter recebido a

proeminência fonológica necessária para se encontrar na posição auferida. Ou seja, sem uma descrição independente do que causa o material fonológico a receber proeminência (local ou máxima), é impossível averiguar a validade do modelo.

A última crítica que devemos fazer ao trabalho de Agbayani e Golston (2010) diz respeito ao modo pelo qual refutam a possibilidade do apagamento espalhado como uma explicação relevante para o fenômeno do hipérbato<sup>46</sup>, uma vez que esse é o pressuposto teórico a partir do qual embasaremos nossa tese principal. A falha principal de Agbayani e Golston (2010) em lidar com essa possibilidade encontra-se em supor que não podem existir as posições necessárias para se efetivar os casos locais de hipérbato:

Thus, a scattered-deletion approach as such will not extend to extremely local cases of hyperbaton, in which there is only a single, local landing site that arguably does not involve feature checking, and where part of the constituent in the base position is realized phonetically. (AGBAYANI e GOLSTON, 2010, p.152)

Contudo, o ‘movimento’ envolvido no embaralhamento intraconstitucional não precisa ferir a anti-localidade se existirem projeções funcionais adicionais que expandem a estrutura interna dos sintagmas, como, por

---

<sup>46</sup> Note-se que Bošković & Nunes (2007, p.28-40) argumentam que a teoria de movimento por cópia e os mecanismos de PLC proveem uma descrição mais precisa para fenômenos normalmente atribuídos a movimentos fonológicos.

exemplo, é o caso nas estruturas propostas por Kirk (2007) e Isaac e Kirk (2008). O argumento da anti-localidade só pode ser defendido diante de um modelo específico acerca da estrutura dos constituintes e das orações no grego antigo, um que os autores nunca elaboram por completo eles mesmos, e que não condiz com os modelos que adotaremos aqui.

Desse modo, o apagamento espalhado ainda permanece como via teórica promissora para explicar o embaralhamento descontínuo da ordem básica dos constituintes do grego clássico, a despeito da proposta teórica de Agbayani e Golston (2010). De fato, apesar de terem rejeitado rapidamente essa proposta, veremos que ela tem muitos pontos de similaridade com a proposta deles, ao mesmo tempo que cobre com mais especificidade alguns aspectos pouco explorados no trabalho deles<sup>47</sup>.

---

<sup>47</sup> Especificamente, veremos que o apagamento espalhado também ocorre devido a restrições fonológicas. Assim, esse modelo faz previsões parecidas com a proposta de Agbayani e Golston (2010) no que diz respeito à sua independência de certas relações sintáticas e sua conformação às exigências fonológicas. Contudo, o apagamento espalhado difere do movimento fonológico em não mover constituintes prosódicos como uma operação adicional em PF; o movimento dos constituintes ainda ocorre, primariamente, na sintaxe – a fonologia vai apenas exigir a separação de alguns constituintes em blocos descontínuos.

### 3.2.2 KIRK (2007) E ISAC E KIRK (2008)

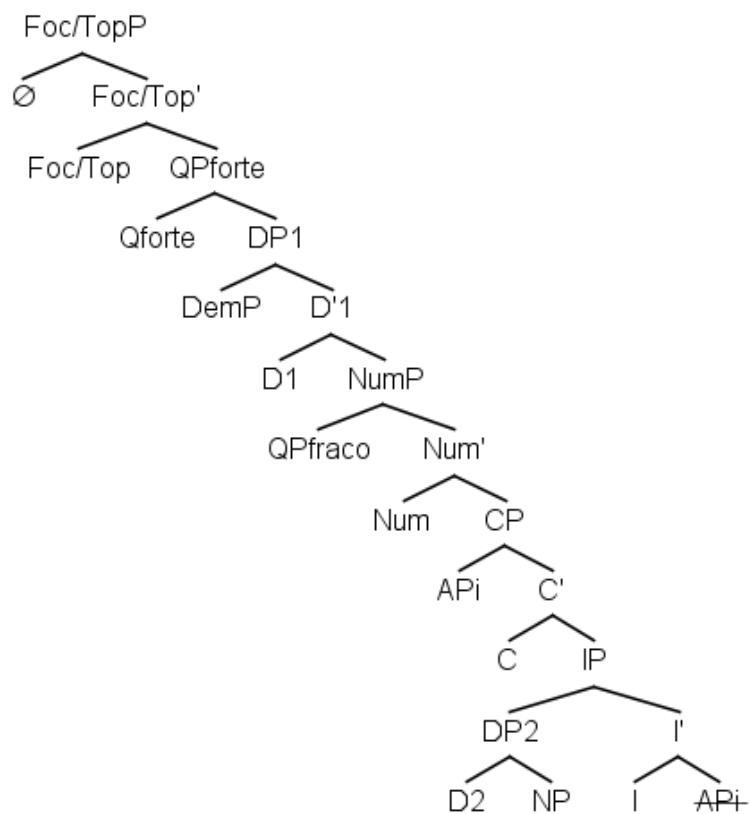
Kirk (2007) e Isac e Kirk (2008) desenvolveram, com base no texto *As Histórias*, de Heródoto, uma análise propriamente sintática do DP. O objetivo é propor uma estrutura sintática que capture corretamente o embaralhamento do DP dentro de uma perspectiva minimalista, inclusive para casos nos quais o embaralhamento gera descontinuidade. Esses trabalhos, portanto, adotam muitos dos pressupostos teóricos que também consideramos centrais nessa tese: o LCA de Kayne (1994), as projeções pragmáticas de Rizzi (1997) aplicadas ao DP, a derivação por fases de Chomsky (2001). Nesse sentido, a estrutura sintática do DP descrita por Kirk (2007) e Isaac e Kirk (2008) servirão como base para nossa própria análise do fenômeno da descontinuidade no grego clássico.

Um dos objetivos principais do trabalho de Kirk (2007) é estabelecer a ordem base de uma série de sintagmas que podem integrar o D/NP. Para tal, a autora adota também a teoria do DP-cindido, segundo a qual o DP também deve ser desmembrado em projeções funcionais menores, incluindo as projeções pragmáticas (Aboh, 2004; Alexiadou et al., 2007, p.127 e ss.). Assim, a autora propõe a estrutura derivacional de adjetivos (extensionais), quantificadores fortes e fracos, demonstrativos e palavras QU-. Além disso, núcleos de projeções pragmáticas TopP e FocP são juntadas acima de DP e servem como sondas para algumas das operações de movimento que alteram a ordem dos subconstituintes

dessa projeção. Esquemáticamente, a estrutura completa do D/NP em Kirk (2007) pode ser representada como delineado em (26), abaixo:

(26)

**Árvore Sintática 4** – Estrutura esquemática do D/NP com vários modificadores



[fonte: produção própria, baseado em KIRK (2007)]

Alguns detalhes dessa proposta merecem ser brevemente mencionados. Primeiro, a estrutura CP/IP dentro do DP segue a proposta de Kayne (1994) de que APs extensionais são gerados em uma estrutura relativa reduzida desse tipo (KIRK, 2007, p.40). Isac e Kirk (2008, p.147) postulam que no modelo delas que



“all adjectives raise from their base predicative position within the reduced relative clause to SpecCP”.

Além disso, alguns outros tipos de sintagmas também são gerados nessa estrutura de cláusula reduzida usada para os adjetivos. Kirk (2007) sugere que existem usos “adjetivos” de quantificadores fortes, e nesses casos eles são gerados como APs e possuem distribuições na ordem linear similares a estes (p.86-7). A autora também assume que DPs possuidores são gerados nessa mesma estrutura de relativa reduzida (id., p.69). Por fim, é importante salientar que, nessa proposta, até duas projeções pragmáticas, uma de TopP e outra de FocP, podem ser juntadas acima do DP, em qualquer ordem.

As distribuições da ordem relativa dos sintagmas analisados por Isaac e Kirk (2008) no texto de Heródoto estão resumidas na seguinte tabela.

(27)

**Tabela 2:** Ordens atestadas em Heródoto<sup>48</sup>

<b>Ordens atestadas</b>					
	Adjetivos	Quantific. fortes	Quantific. fracos	Demonstrativos	qu-
Contínuo	N(D)A (D)NA DNDA	QDN DNQ	QN NQ DNQ	(D)NDem Dem(D)N	qu-N
Descontínuo	N...(D)A (D)A...N DN...DA	Q...(D)NA DN...Q N...DQ	Q...N N...Q	(D)N...Dem Dem...(D)N	qu- ...N
<b>Ordens não atestadas: todas as demais</b>					

[fonte: tradução própria de ISAC e KIRK, 2008, p.139]

Um ponto que deve ser salientado a respeito dessas possibilidades de ordenamento contínuas e descontínuas é o fato de que ordens lineares descontínuas sempre correspondem a uma ordem contínua. Isso é um indício forte de que constituintes descontínuos são gerados da mesma forma que constituintes contínuos normais, mas que operações sintáticas ocasionam sua separação na ordem linear. Sobre isto, propomos no capítulo 5 que uma operação de apagamento espalhado de cadeia se aplica na derivação dessas estruturas.

Como vemos, o trabalho de Kirk (2007) e de Isac e Kirk (2008) faz importantes avanços para uma proposta de derivação sintática da estrutura do DP no grego clássico. Contudo, o trabalho certamente ainda não exauriu todos os aspectos relevantes sobre a natureza das operações sintáticas que levam ao

<sup>48</sup> Nessa tabela, temos a posição relativa dos determinantes (D), nomes (N), adjetivos (A), quantificadores (Q), demonstrativos (Dem) e palavras qu-. Nas ordens descontínuas, os três pontos marcam o ponto onde material externo ao constituinte intervém entre suas partes.

embaralhamento da ordem básica dos constituintes. Uma questão em particular nos parece exigir uma reanálise mais completa: a explicação para o fenômeno da descontinuidade. Este é, portanto, o objetivo central dessa tese, no sentido de fornecer uma análise mais elegante e abrangente na descrição do fenômeno de descontinuidade dos sintagmas.

Trataremos dessa questão por extenso na seção 5.1, mas, resumidamente, a proposta de Kirk (2007) requer múltiplas operações de movimento pragmaticamente motivadas<sup>49</sup> para separar um constituinte em seus blocos descontínuos. Os movimentos para projeções pragmáticas não são claramente definidos em termos dos traços formais que os motivam, mas supomos que os traços que ocasionam esse movimento são ou os traços pragmáticos [foco] e [tópico], ou traços interpretáveis próprios da estrutura de elementos nominais relevantes para a estrutura informacional, como [familiaridade] ou [definido]. Movimentos cíclicos entre projeções pragmáticas equivalentes, como de FocP da estrutura DP para FocP na estrutura CP, que presumivelmente requerem múltipla checagem de um mesmo traço pragmático, não podem ser trivialmente assumidos em algumas formulações minimalistas<sup>50</sup>. A marcação pragmática necessária para obter alguns movimentos também não é independentemente motivada, mas

---

<sup>49</sup> I.e., ocasionadas por um núcleo funcional associado à estrutura discursivo-informacional, como Top<sup>0</sup> ou Foc<sup>0</sup>.

<sup>50</sup> Vide, por exemplo, a formulação de checagem de traços conforme a operação *Agree* em Hornstein et al. (2006, p.317 e ss.).

parece ser meramente um recurso *ad hoc* para obter a estrutura sintática pretendida.

Além disso, essa dependência em núcleos que selecionam traços pragmáticos significa que a proposta de Kirk (2007) não contempla casos de embaralhamento descontínuo onde o ponto de pouso (*landing site*) do bloco não é uma projeção pragmática, como é o caso nas estruturas descontínuas internas ao DP. É necessário, portanto, propor um mecanismo capaz de gerar descontinuidade em casos de movimentos não pragmaticamente motivados.

Há ainda outras questões que devemos abordar aqui. Primeiramente, é preciso reconhecer que, apesar de bastante abrangentes quanto aos tipos de sintagma analisados, existem outros modificadores do sistema D/NP que não foram explorados. As distribuições e estrutura sintática de complementos e especificadores de NPs que projetam uma estrutura argumental, sintagmas preposicionais (PPs) e participios dentro do DP permanecem inexploradas.

Além disso, o foco desses trabalhos exclusivamente sobre Heródoto como fonte de dados limita o escopo das observações. Não há, naturalmente, erro em se examinar apenas o idioleto desse autor. Contudo, conforme argumentamos na seção 2.2.2, parece-nos inteiramente provável que obteremos uma visão mais completa acerca da derivação sintática do grego clássico se analisarmos uma gama maior de textos prosaicos do mesmo período.

Nesse sentido, podemos expandir as distribuições encontradas por Kirk (2007) e Isac e Kirk (2008) a partir de nossos dados, e chamar a atenção para algumas ordens lineares não atestadas pelas autoras. Kirk (2007) sugere, com base em sua proposta, que algumas ordens não atestadas em seu *corpus* devem ser gramaticais.

Somos capazes de confirmar a gramaticalidade de apenas uma ordem prevista como gramatical (mas não atestada) pela autora. A ordem NDQ<sub>fraco</sub> não foi identificada em Heródoto, mas encontramos um exemplo dessa construção em Tucídides:

(28) NDQ<sub>fraco</sub>

κρατησάντων γὰρ ἡμῶν **μάχαις ταῖς πλέοσι** Συρακοσίους

kratēsántōn=gàr	hēmôn	<b>mákhais</b>
derrotando-PRT.AOR.GEN.PL=P2	1PL-GEN	<b>batalhas-DAT.PL.F</b>

<b>taís</b>	<b>pléosi</b>	Surakosíous
<b>as-DAT.PL.F</b>	<b>muitas-DAT.PL.F</b>	Siracuosos-ACC.PL.M

“Quando nós derrotamos, na maioria das batalhas, os Siracuosos”  
[Thuc. 7.11.2]

Já no que concernem as estruturas previstas como agramaticais por Kirk (2007), é possível atestar algumas delas nos textos dos retóricos áticos, de modo que essas ordens podem ser consideradas gramaticais para o grego clássico em geral. Por exemplo, encontramos dados com demonstrativos linearizados entre o determinante e o NP, uma ordem não atestada por Kirk (2007) ou Isac e Kirk

(2008). Aqui está um exemplo de uma ordem que as autoras classificariam como DADem.N<sup>51</sup>:

(29) DADem.N

ἐνταῦθα δὲ τὴν καλὴν ταύτην νίκην νενικηκὼς ὁ Ἡγήσανδρος ἀκονιτί

entaũtha=dè	<b>tèn</b>	<b>kalèn</b>	<b>taútèn</b>
enquanto=P2	<b>a-ACC.SG.F</b>	<b>bela-ACC.SG.F</b>	<b>essa-ACC.SG.F</b>

<b>níkēn</b>	nenikēkòs	ho
<b>vitória-ACC.SG.F</b>	venceu-PRT.PERF.NOM	o-NOM.SG.M

Hēgēsandros	akonití
Hegesandro-NOM.SG.M	sem.esforço-ADV

“Enquanto Hegesandro vencia essa bela vitória sem esforço”

[Ésq. 1.64]

Se estivermos certos em supor que todos esses autores compartilhavam uma gramática suficientemente similar tal que todos operam com essencialmente a mesma estrutura sintática do DP, esses dados exigem que algumas pequenas revisões sejam feitas às propostas de Kirk (2007) e Isac e Kirk (2008). Ainda assim, consideramos esses trabalhos como propostas sólidas para uma estrutura sintática base do DP no grego clássico. Nesse sentido, nosso trabalho aqui tem o intuito de refinar as observações engendradas por essas autoras, por meio da aplicação de um importante arcabouço teórico adicional, o qual será discutido na próxima seção.

---

<sup>51</sup> Conforme as siglas adotadas na tabela em (27). Ver nota 48.

### **3.3 ARCABOUÇO TEÓRICO MINIMALISTA**

As seções anteriores se debruçaram sobre análises linguísticas, não-gerativistas e gerativistas, do grego antigo. Esta seção muda o foco para além dessa língua específica, e apresenta o arcabouço teórico minimalista sobre o qual pretendemos desenvolver a nossa proposta.

Nesse sentido, apresentamos, sobretudo, a teoria do movimento por cópia, especificamente como formalizado por Nunes (1995, 2004), e aplicações subsequentes dessa teoria. Nosso interesse principal se encontra no fenômeno do apagamento espalhado, e nesse sentido buscamos trabalhos que motivam e exploram esse fenômeno sintático em outras línguas.

#### **3.3.1 NUNES (1995)**

O principal propósito da tese de Jairo Nunes (1995) é atualizar os princípios de “movimento” (entendido aqui de forma geral como a operação que leva um elemento da derivação sintática para uma posição diferente daquela onde foi originalmente juntada na derivação) para esse arcabouço sintático gerativista que surge a partir Programa Minimalista. Especificamente, Nunes (1995) identifica a necessidade de atualizar certas definições formais da derivação sintática para se conformar à visão de Chomsky (1995), para quem a Faculdade da Linguagem deveria dispensar de dois níveis separados para a representação da

sintaxe – a estrutura de superfície (SS ou *Surface Structure*) e a estrutura profunda (DS ou *Deep Structure*).

Ao invés de uma configuração que se vale desses dois níveis sintáticos, assume-se uma configuração mínima onde existem apenas os componentes que fazem uma interface direta com módulos externos à competência linguística propriamente dita. Esses componentes de interface são o componente lógico (*Logical Form* – LF), que se liga ao sistema Conceitual-Intencional (*Conceptual-Intentional System* – C-I), e o componente fonológico (*Phonological Form* – PF), que trabalha com o sistema Articulatório-Perceptivo (*Articulatory-Perceptual System* – A-P).

A remoção dos níveis SS e DS do aparato sintático, contudo, levanta a questão de como lidar com a operação de movimento tal como anteriormente postulada, na qual elementos sintáticos podem sair das posições onde foram originalmente inseridos. Entendia-se que os elementos sintáticos se moviam deixando em seu lugar um vestígio (*trace* – t) indexado que permitia a associação desse elemento fonologicamente nulo com o termo que se moveu para gerá-lo<sup>52</sup>. Podemos chamar essa visão, portanto, de teoria do vestígio (*trace theory*), seguindo a nomenclatura usada por Corver & Nunes (2007).

---

<sup>52</sup> Os vestígios também bloqueiam as posições previamente ocupadas pelo elemento sintático, impedindo que outros elementos sejam movidos para eles.



Nunes (1995), contudo, nota que essa formulação é problemática em alguns sentidos. Ela não só requer a ideia de reconstrução sintática para que se recupere as posições originais que os itens ocupavam, como também introduz a necessidade desses “vestígios” em si, objetos gerados inteiramente dentro da sintaxe, um módulo que idealmente só deveria combinar e estruturar elementos, não criar seus próprios<sup>53</sup>. Nesse sentido, ele introduz a teoria de movimento Copiar + Juntar (*Copy + Merge theory of movement*, ou simplesmente *copy theory of movement*, “teoria de movimento por cópia”), na expectativa de reduzir o aparato teórico da sintaxe e obter um modelo capaz de lidar com questões difíceis para a teoria tradicional de movimento<sup>54</sup>.

Não há espaço aqui para repassarmos todo o aparato formal da teoria, nem todas as mudanças que ela representa diante da formulação tradicional de movimento. Nosso intuito para essa seção é focar nos aspectos dessa teoria que avaliamos ser mais relevantes para a análise sintática do grego clássico que será desenvolvida no capítulo 5. Tendo em conta essas considerações, vamos brevemente considerar o custo derivacional das operações de movimento

---

<sup>53</sup> Tal como postulado na Condição de Inclusividade (*Inclusiveness Condition*), “a conceptually appealing condition that confines the power of syntax to (re-)arrangements of lexical items, banning syntax from creating new objects” (BOŠKOVIĆ & NUNES, 2007, p.14).

<sup>54</sup> Para uma visão mais completa dos benefícios da teoria de movimento por Cópia, ver Nunes (1995, p.202 e ss.): além de remover a necessidade de vestígios como primitivos gramaticais, dispensa-se de operações como Mover e Reconstrução e princípios de economia ‘avulsos’ como Procrastinar, entre outros.

(Copiar, Formar Cadeia e Reduzir Cadeia) diante de Juntar e *Spell-Out*. Mais precisamente, exploraremos duas ideias fundamentais para compreender o apagamento espalhado: i) elementos sintáticos criados por Copiar são não-distintos (*nondistinct*) entre si, e; ii) a motivação postulada por Nunes (1995) para o apagamento de cópias, em particular aquelas que se encontram mais abaixo na derivação.

Primeiramente, consideremos o papel da *numeração* na derivação sintática. Chomsky (1994, 1995) propõe esse aparato para se desfazer do nível DS da gramática. Seria na *numeração* que os itens lexicais são listados para inserção numa configuração sintática, sem, contudo, possuir propriedades sintáticas próprias ainda<sup>55</sup>. A *numeração*, portanto, é um conjunto que inclui cada item lexical que será utilizado em uma derivação junto com um índice que indica o número de vezes que ele será encaixado nela.

Uma operação essencial para a transposição dos itens lexicais da *numeração* para a estrutura sintática é Selecionar (*Select*): ela retira um item

---

<sup>55</sup> “The pair of legitimate objects  $(\pi, \lambda)$  must meet the requirement of compatibility. [...] In previous versions of the Principles and Parameters Theory, this compatibility requirement was ensured by D-Structure, which provided the computational system with an array of lexical items structured in a certain way. In order for  $(\pi, \lambda)$  to be formed according to Minimalist guidelines, we thus need an array of lexical items stripped of any substantive property that would make it a syntactic level of representation. Chomsky (1994:7, 1995:225) proposes that such an array is a *numeration*: ...” (NUNES, 1995, p.14)

lexical da *numeração* e reduz seu índice por um<sup>56</sup>. Por se tratar de uma operação essencial para a derivação, Selecionar não possui custo operacional (i.e., é *costless*).

Além de Selecionar, identificamos três outras operações essenciais (e, portanto, sem custo) ao processo derivacional. A primeira é Juntar (*Merge*), que junta dois objetos sintáticos – dois itens lexicais obtidos por meio de Selecionar, por exemplo – e forma a partir deles um único objeto. A segunda é *Spell-Out*, que separa a computação sintática em dois objetos distintos, um para a interface fonológica PF ( $\pi$ ) e outro para a lógica LF ( $\lambda$ )<sup>57</sup>. A terceira é Reduzir Cadeia (*Chain Reduction*) que apaga as cópias não-distintas dos elementos que compõem a oração<sup>58</sup>.

O fato de que essas três operações não têm custo operacional é importante em face da existência de operações como Copiar (*Copy*) e Formar Cadeia (*Form Chain*). Essas operações não definem o que são derivações possíveis, mas estão

---

<sup>56</sup> Nenhuma derivação pode se encontrar completa se a numeração ainda possui algum item lexical com índice maior que zero. Se um item lexical possui um índice maior que um, portanto, são necessárias múltiplas aplicações de Selecionar sobre esse item lexical, até que o índice seja reduzido a zero.

<sup>57</sup> Especificamente, Nunes (1995, p.22) utiliza “the version of Spell-Out proposed in Chomsky (1994:8), according to which semantic features are shipped only to the covert component, phonological features are shipped only to the phonological component, and formal features are shipped to both components”.

<sup>58</sup> Vide Nunes (2004, nota 24): “... if [a] chain [...] is not reduced, the structure containing it cannot be linearized and no PF object can be formed. [...] Chain Reduction is required for a derivation to be obtained; as a defining property of a derivation, Chain Reduction is therefore costless.”

associadas à necessidade de satisfazer as condições de convergência do par de objetos  $(\pi, \lambda)$ . Tais operações, por não serem essenciais, já não são “gratuitas” do ponto de vista do processamento cognitivo. Consequentemente, elas podem ser necessárias em certas derivações para garantir que a estrutura convirja, mas nunca podem ser aplicadas quando uma operação sem custo seria igualmente lícita.

Em todo caso, todas as operações devem ser utilizadas o menor número de vezes possível em cada derivação, em conformidade com os princípios de economia do sistema. A operação Reduzir Cadeia (que deleta cópias de um determinado objeto sintático para que apenas uma seja pronunciada e interpretada), portanto, é restrita por considerações de economia. Esse fato será fundamental para a descrição do fenômeno de descontinuidade no grego clássico. Mas, por enquanto, vamos focar na operação Copiar, e considerar a ideia de que os objetos que se criam são não-distintos entre si. De acordo com Nunes (1995):

... one needs to determine whether two terms with the same set of features are to be interpreted as distinct, or as nondistinct and therefore unable to form a chain. Chomsky [...] proposes that two lexical items  $l$  and  $l'$  should be marked as distinct for the computational system if they are formed by distinct applications of Select accessing the same lexical item of a numeration. [...]

I propose that a better way to approach this issue is to take a term of a given structure to be inherently distinct from all the other terms of that structure unless it is specified as being a copy. In other words, the output of a copying operation

targeting a term T is a term T', which is interpreted at the C-I interface as nondistinct from T or other copies of T, and distinct from every other term by default. (NUNES, 1995, p.85-6)

A ideia de que alguns elementos sintáticos são “não-distintos” entre si é importante para que o aparato sintático saiba reconhecer que eles devem pertencer a uma mesma cadeia, e que são interpretados como sendo equivalentes em sua referência semântica. Nunes (1995) atenta para o fato de que “The motivation for treating terms related by the Copy operation as *nondistinct* rather than *identical* has to do with feature checking” (p.87, grifo nosso): i.e., uma cópia de um elemento pode se encontrar com seus traços checados, enquanto outra ainda os possui não-checados.

A questão com que nos deparamos agora, portanto, é explicar por que, se elementos sintáticos são copiados ao longo de uma derivação, apenas uma cópia ‘sobrevive’ ao processo de derivação sintática e é pronunciada. Nunes (1995) sugere que o Axioma de Correspondência Linear (LCA) de Kayne (1994) fornece a explicação para isso. Resumidamente, o autor propõe que, se as diversas cópias de um termo funcionam da mesma maneira que qualquer outro objeto sintático, elas são visíveis a esse axioma. No entanto, esses objetos também necessariamente ferem o LCA, pois as múltiplas cópias de um objeto podem não só simultaneamente preceder e seguir um outro elemento, mas também exigem

que um dado objeto preceda a si mesmo: ambas essas situações são violações das propriedades básicas de linearização (KAYNE, 1994, p.4)<sup>59</sup>.

Para evitar esse tipo de violação ao LCA e alcançar uma estrutura capaz de ser linearizada em PF, portanto, o sistema computacional dispõe de uma operação que apaga cópias de uma cadeia de elementos não-distintos, até que se possa estabelecer sua posição na ordem linear sem nenhuma ambiguidade. Nunes (1995) chama essa operação de Reduzir Cadeia (*Chain Reduction*).

Chain Reduction:

Delete the minimal number<sup>60</sup> of terms of a nontrivial chain CH which suffices for CH to be mapped into a linear order in accordance with the LCA. (NUNES, 1995, p.279)

Normalmente, Reduzir Cadeia seleciona os termos mais baixos de uma cadeia para apagar. Isso se dá porque as cópias mais altas já tiveram seus traços formais checados. A transferência dessas cópias é menos onerosa para o

---

<sup>59</sup> As três propriedades que definem a ordem linear são:

- “(1) a. It is transitive; that is,  $xLy \ \& \ yLz \rightarrow xLz$ .  
 b. It is total; that is, it must cover all the members of the set: for all distinct  $x$ ,  $y$ , either  $xLy$  or  $yLx$ .  
 c. It is antisymmetric, that is, not  $(xLy \ \& \ yLx)$ .” (KAYNE, 1994, p.4)

Note-se que, enquanto não há especificação de que um elemento não pode preceder a si mesmo, a restrição da antissimetria (c) já requer isso, dado que se um elemento precede a si mesmo, ele também segue a si mesmo. Portanto, nenhuma relação de ordem linear pode ser definida para termos não-distintos.

<sup>60</sup> Nunes (2004, seção 1.5.3.1) sugere que a formulação de Reduzir Cadeia não precisa necessariamente estipular que se deve apagar o número mínimo de termos. Esse requerimento surgiria independentemente graças às considerações de economia relativas à extensão da derivação. A derivação com o menor número de aplicações de apagamento seria, portanto, naturalmente mais econômica que as alternativas.

componente da PF, que não precisará lidar com esses traços, pois traços checados se tornam invisíveis para esse componente<sup>61</sup>. É fundamental, no entanto, considerar que, para Nunes (1995), a PF é capaz de lidar com traços formais não-checados, se necessário.

Formal Feature Elimination (FF-Elimination):

Given the sequence of pairs  $\sigma = \langle (F, P)_1, (F, P)_2, \dots, (F, P)_n \rangle$  such that  $\sigma$  is the output of Linearize, F is a set of formal features and P is a set of phonological features, delete the minimal number of features of each set of formal features in order for  $\sigma$  to satisfy Full Interpretation at PF. (NUNES, 1995, p.291)

Assim, a preferência por enviar para PF apenas as cópias com o menor número possível de traços não-checados se dá inteiramente para satisfazer a princípios de economia, mas não é um requisito necessário para que a derivação convirja. Similarmente, para uma cadeia de termos complexos (i.e., quando um constituinte com vários itens lexicais é copiado por inteiro), nada impede *a priori* que uma parte do constituinte seja pronunciada em um elo da cadeia e outra parte em outro. Esse fenômeno é restrito apenas devido ao fato de que ele é operacionalmente mais custoso do que o apagamento completo de um elo por inteiro.

---

<sup>61</sup> “We have already assumed that a checking operation makes a [-interpretable] feature invisible at LF. A natural extension of this assumption is to take checking operations to render [-interpretable] features invisible at PF as well, given that no formal feature is interpreted at the A-P interface.” (NUNES, 1995, p.289).

Nothing that has been said so far, however, prevents deletion from applying within the different links of a chain, in what may be called "scattered deletion". (NUNES, 1995, p.276)

Under the assumption that deletion targets one term per application, economy considerations concerning the number of applications of the deletion operation block scattered deletion within chains in favor of full deletion of chain links. (NUNES, 1995, p.278)

Nossa proposta operará crucialmente sobre o pressuposto de que o apagamento de cópias altas (i.e., da cabeça de uma cadeia) e o apagamento espalhado não são *ilícitos*, mas somente *subótimos* em termos de economia quando outras formas de apagamento são possíveis. Nesse sentido, a tese central que advogamos nessa tese é a de que o surgimento de constituintes embaralhados descontinuamente se deve à utilização da operação de apagamento espalhado (*scattered deletion*), que se torna economicamente viável para a derivação do grego clássico devido a restrições fonológicas. Detalhes dessa teoria serão desenvolvidos no capítulo 5.

Na próxima seção discutimos a proposta Bošković e Nunes (2007). Os autores propõem que existem instâncias em algumas línguas onde restrições da PF impedem que os elos superiores de certas cadeias sejam pronunciados por completo, fazendo com que o apagamento espalhado seja a operação mais econômica possível para linearizar uma cadeia. Sugeriremos que um fenômeno desse tipo pode acarretar a descontinuidade que observamos no grego clássico.



### 3.3.2 BOŠKOVIĆ E NUNES (2007)

Já apresentamos, na introdução dessa tese, a ideia de que apenas uma cópia de uma cadeia de termos não-distintos é transferida para a interface fonológica PF.

Elements undergoing movement are generally pronounced and interpreted only in one position [...]. To ensure this under the copy theory, it is standardly assumed that all but one copy of an element X undergoing overt movement is deleted in PF and LF, so that only one copy of X remains at the interface levels. The question is then which copy should survive deletion. (BOŠKOVIĆ e NUNES, 2007, p.14).

Como vimos na discussão de Nunes (1995), sob a hipótese de que traços formais são enviados para ambas as interfaces e que traços checados se tornam invisíveis para elas, existe uma preferência para que as cópias mais baixas de uma cadeia sejam apagadas, visto que elas possuem mais traços não-checados. Do contrário, mais traços não-checados alcançariam a PF, e exigiriam operações adicionais para serem apagados até que se alcance Interpretação Plena, ferindo o princípio da economia. É nesse sentido, portanto, que se assume que

On the LF side we thus have some choice in deciding where deletion should take place in nontrivial chains. By contrast, it is standardly assumed that no such choice is available in PF, the head of a nontrivial chain always being the sole survivor. (BOŠKOVIĆ e NUNES, 2007, p.15)

Bošković e Nunes (2007), contudo, argumentam que essa não é a melhor configuração de análise, tanto em termos teóricos, quanto para capturar o comportamento de algumas línguas.

The stipulation [that lower copies cannot be phonetically realized] is particularly unfortunate because it tacitly resuscitates traces by making extraneous distinctions among copies and ends up undermining the whole enterprise of LF-interpretation in terms of copies.

This paper brings a more optimistic light to this picture. We will discuss a considerable amount of evidence that points to the conclusion that “traces” may indeed be phonetically realized. In addition, the issues regarding phonetic realization of copies will be shown to be determined by conditions of the phonological component and not of syntax (movement) *per se*. (Idem, p.15-6)

Nesse sentido, eles usam o trabalho de Franks (1998) para propor um mecanismo pelo qual cópias mais baixas poderiam ser realizadas em PF:

Franks argues that a chain is pronounced in the head position, with lower members deleted in PF, unless pronunciation in the head position would lead to a PF violation. If and only if the violation can be avoided by pronouncing a lower member of the chain, the lower member is pronounced and the head of the chain is deleted. We will refer to the mechanism of pronunciation of lower copies motivated by PF considerations as P(ronounce)L(ower)C(opy). (Idem, p.17)

Aqui, portanto, chegamos ao ponto crucial da consideração de Nunes (1995), conforme a qual a pronúncia de cabeças de uma cadeia é apenas uma preferência econômica, e não uma restrição sintática. Na medida em que somos capazes de identificar condições nas quais as cabeças de uma cadeia não podem

ser pronunciadas, operações economicamente mais custosas se tornam viáveis, e a realização fonológica de cópias baixas, e até mesmo o “apagamento espalhado”, se tornam fenômenos possíveis.

Bošković e Nunes (2007) sugerem que o *Pronunciar Cópia Baixa* (*Pronounce Lower Copy* – PLC) opera em algumas línguas modernas, fornecendo dados específicos para sustentar a teoria. O PLC é invocado para prover uma explicação simplificada e coesa para operações sintáticas controversas no romeno, búlgaro, macedônio, servo-croata, e até no grego moderno<sup>62</sup>. Os casos analisados proveem não só uma variedade de efeitos de superfície que podem ser gerados pelo PLC, mas também uma gama de restrições fonológicas que motivam sua ocorrência em primeiro lugar<sup>63</sup>.

Por exemplo, os autores apresentam dados da língua romena. Nesta, orações interrogativas com múltiplas palavras qu- requerem que se pronunciem as cópias mais altas destes elementos, na periferia esquerda da oração – exceto quando essa configuração levaria duas palavras qu- homófonas a serem

---

<sup>62</sup> Vide Bošković & Nunes (2007, p.17-41).

<sup>63</sup> “... examining what kind of PF processes can cause lower copy pronunciation or render a copy invisible to the LCA can help us determine exactly when copy deletion takes place. We have seen that morphological restrictions on identical elements, the second position requirement providing support for a prosodically weak element, intonational requirements, and even clitic weakening and stress assignment processes can all trigger lower copy pronunciation, which indicates that copies survive for quite some time into the PF derivation.” (BOŠKOVIĆ & NUNES, 2007, p.69)

pronunciadas sucessivamente. Nesse caso, uma das palavras qu- é pronunciada na cópia baixa. Observe-se as diferenças entre (30) e (31):

- (30) (a) Cine ce precede?  
           who what precedes  
 (b) \*Cine precede ce?  
           who precedes what  
 “Who precedes what?”

- (31) (a) Ce precede ce?  
           what precedes what  
 (b) \*Ce ce precede?  
           what what precedes  
 “What precedes what?”

(= (5) e (6) de BOŠKOVIĆ & NUNES, 2007, p.17)

Em (30), observamos que na presença de duas palavras qu- diferentes, o romeno exige que ambos os elementos qu- sejam pronunciados na periferia esquerda da oração. A agramaticalidade de (30)(a) sugere que esses elementos devem ser movidos (i.e. copiados) para uma posição mais alta da oração. Os dados em (31), contudo, mostram que o exato oposto ocorre quando as duas palavras qu- são homófonas. Nesse caso, a única opção gramatical é pronunciar uma delas na periferia esquerda da oração, e a outra numa posição mais baixa, após o verbo, como em (31)(a).

A hipótese defendida por Bošković e Nunes (2007), então, seria a de que também em (31) ambos os elementos qu- foram copiados para posições na periferia esquerda da oração. No entanto, propõe-se que o romeno possui uma

restrição fonológica que impede que palavras homófonas sejam pronunciadas consecutivamente<sup>64</sup>. Essa restrição fonológica, portanto, impede a convergência da derivação em que se pronunciam as cópias altas dos dois elementos qu-homófonos, explicando assim a agramaticalidade de (31)(b). Como a pronúncia da cópia mais alta da cadeia de um dos elementos qu- não é convergente, a língua recorre ao mecanismo PLC, apagando a cópia mais alta do elemento qu- para que a cópia mais baixa seja pronunciada, como ilustrado em (32):

(32) [ce ee<sup>i</sup> precede ce<sup>i</sup>] (= (7) de BOŠKOVIĆ & NUNES, 2007, p.18)

Dados como esses, portanto, ilustram como as restrições fonológicas de uma língua podem afetar o processo de apagamento das cópias de uma cadeia. Naturalmente, contudo, um problema se apresenta para a aplicação desse tipo de análise para as questões que estamos estudando do grego clássico: como podemos propor restrições do componente fonológico para justificar fenômenos de ordenamento em uma língua para a qual não temos nenhum registro oral? Essa não é uma questão trivial, pois não há dúvida de que as restrições fonológicas que devem ocasionar o mecanismo de PLC devem, idealmente, ser independentemente motivadas. Do contrário, a estipulação de um fenômeno fonológico para motivar um ordenamento linear incomum se torna uma mera

---

<sup>64</sup> Uma restrição equivalente à restrição \*ECO proposta por Agbayani & Golston (2010) – ver seção 3.2.1.

conveniência para se ignorar os princípios de economia que restringem a pronúncia de cópias mais baixas.

Aqui cabe mencionar que, a despeito da limitação de nossos dados acerca da língua, existem, ainda assim, estudos que buscam recuperar aspectos fonológicos do grego antigo<sup>65</sup>. Os registros escritos da língua proveem algumas evidências relevantes à medida que incluem acentos gráficos (que nos ajudam a discernir palavras com contornos entoacionais mais fortes ou fracos) ou marcam efeitos de crase e elisão nas palavras. Mesmo assim, é importante ser cauteloso com a qualidade de tais dados. Como Smyth (1920) aponta,

While in general Greek of the classical period was a phonetic language, *i.e.* its letters represented the sounds, and no heard sound was unexpressed in writing [...], in course of time many words were retained in their old form though their pronunciation had changed. [...] Our current pronunciation of Ancient Greek is only in part even approximately correct the period from the death of Pericles (429 B.C.) to that of Demosthenes (322); and in the case of several sounds, e.g. ζ, φ, χ, θ, it is certainly erroneous for that period. (SMYTH, 1920, §23, p.12)

Nesse sentido, talvez nossa melhor ferramenta para recuperar uma provável restrição fonológica para a língua seja por meio de fenômenos bem atestados na linguística comparativa. Dessa forma, o argumento de que uma característica fonológica comum em várias línguas também existia no grego

---

<sup>65</sup> Por exemplo, Agbayani & Golston (2010), Goldstein (2015).

clássico se configura como pelo menos plausível, e possui motivação independente. Assim, é proveitoso que a configuração das orações no grego antigo esteja associada às suas estruturas discursivo-informacionais, pois é bem reconhecido que a marcação de tópico e foco nas línguas está frequentemente associada a efeitos prosódicos específicos<sup>66</sup>.

De fato, o trabalho de Stjepanović (2007) que examinaremos a seguir não só ilustra como elementos topicais e focais podem exigir contornos de tom específicos que ativam o PLC, mas faz isso justamente como meio de fundamentar o fenômeno de “ordem livre das palavras” em uma língua moderna: o servo-croata.

### 3.3.3 STJEPANOVIĆ (2007)

Tal como Agbayani e Golston (2010) afirmaram ser o caso para o grego antigo (p.133), Stjepanović (2007) diz que o servo-croata é uma língua com grande liberdade na ordem das palavras, de modo que todas as combinações possíveis de sujeito, verbo e objeto<sup>67</sup> são possíveis (p.220). No entanto, ao contrário do que acontece com o grego clássico, para o servo-croata a autora é

---

<sup>66</sup> Vide, por exemplo, Selkirk (1995), Zubizarreta (1998), Truckenbrodt (2006).

<sup>67</sup> Ou “complemento” (*complement*), na terminologia de Stjepanović (2007).

capaz de estabelecer que “although all of these word orders are grammatical, not every word order is felicitous in every context” (ibid.).

Caso a hipótese de uma configuração discursivo-pragmática para o grego antigo esteja correta, é provável que esse também seria o caso no servo-croata, pois, de acordo com Stjepanović (2007) a restrição de certas ordens em determinados contextos nessa língua tem justamente a ver com a estrutura informacional<sup>68</sup>. Os dados em (33) ilustram quais tipos de perguntas podem ser apropriadamente respondidas com as diferentes ordens de palavras no servo-croata:

(33) (a) O que está acontecendo?/O que Peter está lendo?/O que Peter está fazendo?  
 Petar čita knjigu.  
 Peter ler livro  
 “Peter está lendo o livro”

(b) Quem está lendo o livro?  
 Knjigu čita Petar.  
 Livro ler Peter.  
 “PETER está lendo o livro”

(c) O que Peter está fazendo com o livro?  
 Petar knjigu čita.  
 Peter livro ler  
 “Peter está LENDO o livro”

(adaptado de STJEPANOVIĆ, 2007, p.220)

---

<sup>68</sup> A autora está particularmente interessada em orações com uma entoação neutra (STJEPANOVIĆ, 2007, p.220).



A autora generaliza essa relação da seguinte forma:

In a SC [Serbo-Croatian] sentence with a neutral intonation pattern, the constituent bearing new information focus follows elements that represent old information. (STJEPANOVIĆ, 2007, p.221)

Para filtrar as diversas configurações capazes de gerar esses padrões, Stjepanović (2007, p.222-228) observa um comportamento intrigante dos sujeitos em orações do tipo VOS e OVS<sup>69</sup>: existem evidências de que tais sujeitos permanecem *in situ* nas posições onde foram geradas, mas também evidências de que os sujeitos no servo-croata devem se mover para uma posição acima de TP até mesmo nesses casos. De fato, há até mesmo evidências que indicam que os sujeitos estão *simultaneamente* em uma posição alta e baixa da estrutura (id. p.227-8). Um exemplo disso é a gramaticalidade do dado (34) abaixo, no qual o princípio A da Teoria de Ligação parece estar satisfeito, apesar do referente *Jovan* se encontrar após o pronome *svoje* “sua”, que possui o mesmo índice referencial que *Jovan*:

- (34) Mariju je protiv svoje<sup>i</sup> volje oborio Jovan<sup>i</sup>.  
 Marija-ACC is against his<sup>i</sup> will failed Jovan<sup>i</sup>-NOM  
 “Jovan<sup>i</sup> failed Marija against his<sup>i</sup> will”.  
 (= (12) de STJEPANOVIĆ, 2007, p.227)

Argumenta-se, com base nesse dado, que o sujeito *Jovan*, apesar de se encontrar em uma posição à direita do pronome *svoje* “seu” na ordem de

---

<sup>69</sup> Ou seja, orações onde o sujeito aparece como último elemento.

superfície, deve possuir uma cópia (não pronunciada) em uma posição mais alta que c-comanda o pronome, de modo a licenciar corretamente a interpretação observada. Stjepanović (2007) propõe, então, que

... this paradoxical situation can be resolved if the following assumptions are true: (i) movement leaves copies, and (ii) under certain well-defined conditions, a lower copy of the subject can be pronounced at PF. (STJEPANOVIĆ, 2007, p.228)

Adotando as teorias de Nunes (1995) e Bošković e Nunes (2007), a autora propõe que existem duas regras fonológicas operando no servo-croata que criam as condições necessárias para que uma cópia baixa seja pronunciada: a Regra do Acento Nuclear (*Nuclear Stress Rule* – NSR) e a Regra de Proeminência do Foco (*Focus Prominence Rule* – FPR).

Furthermore, suppose that the NSR is formulated in such a way that it assigns the stress to the most embedded copy of the focused element. Not pronouncing this copy would cause a PF violation, i.e., no main stress would be assigned. (STJEPANOVIĆ, 2007, p.230)

In addition to the NSR, Zubizarreta (1998) introduces the following rule, which she calls the Focus Prominence Rule (FPR):

(21) Focus Prominence Rule (FPR)

Given two sister categories  $C_i$  (marked [+F]) and  $C_j$  (marked [-F]),  $C_i$  is more prominent than  $C_j$ .

The purpose of this rule is to capture the relationship between the F-structure of a sentence and prosody. F-structure is the articulation of a sentence into focus and presupposition, [...] done through the presence of feature [+/-F]. (STJEPANOVIĆ, 2007, p.233)

Crucialmente, a existência de múltiplas regras de proeminência fonológica em uma gramática leva a situações em que elas entram em conflito. Nesses casos, existem diferentes estratégias que as línguas podem empregar para resolver esse impasse – no caso do servo-croata, a forma de conciliar as exigências das NSR e FPR é pronunciar a cópia mais baixa do elemento com traço [+F].

Stjepanović (2007, p.235-8) demonstra especificamente como essas duas regras se aplicam recursivamente por uma estrutura sintática com cópias, definindo qual elemento deve receber proeminência a cada nó derivacional. Resumidamente, contudo, podemos dizer que a NSR exige que os elementos assimetricamente c-comandados sejam fonologicamente proeminentes – i.e., essa regra empurra o núcleo do acento oracional para o final da frase. O FPR, por sua vez, requer que elementos marcados com [+F] recebam proeminência fonológica. Quando essas duas regras se aplicam em uma projeção onde o elemento [+F] c-comanda assimetricamente um elemento [-F], elas entram em conflito – a língua resolve o impasse pronunciando a cópia mais baixa do elemento [+F], de modo que ele esteja no fim da estrutura métrica, onde o acento principal da oração deve ficar<sup>70</sup>.

---

<sup>70</sup> Especificamente, esse impasse faz com que o elemento [-F] assimetricamente c-comandado pelo elemento [+F] se torne invisível para o NSR, tal que não pode mais ser selecionado para receber o acento nuclear da oração. Se esse elemento [+F] tiver cópias superiores na derivação,

Dessa forma, esse estudo demonstra que existem línguas modernas de ordem livre das palavras que obtêm restrições da PF relacionadas aos requisitos de proeminência entoacional associados à estrutura informacional da oração. Isso nos permite não só estabelecer a possibilidade de relacionar estatuto informacional de foco com restrições em PF em geral, mas também observar como essa associação pode ser operacionalizada dentro da tipologia das línguas de ordem livre das palavras. Nesse sentido, o grego clássico e o servo-croata apresentam fenômenos parecidos condizentes com sua tipologia de “línguas de ordem livre das palavras”. Nesse sentido, é plausível supor que mecanismos similares operam em cada uma delas para gerar tais fenômenos.

Estabelece-se ainda que o fenômeno de PLC pode explicar os fenômenos de quantificadores flutuantes (*floating quantifiers*) observados no servo-croata. Considere-se a diferença entre (35), onde há um quantificador flutuante, e (36), onde o quantificador e o nome que ele quantifica aparecem juntos.

---

contudo, elas não podem ser pronunciadas, pois se esse fosse o caso, PF receberia uma estrutura para a qual não pode definir um acento nuclear. A solução, portanto, é pronunciar uma cópia mais baixa do elemento [+F], definindo para ela o acento nuclear.

- (35) *Studenti dolaze svi*  
 students come all  
 “All the students are coming”  
 [= (40) de Stjepanović (2007)]
- (36) *Dolaze svi studenti*  
 Come all students  
 “All students are coming”  
 [= (41) de Stjepanović (2007)]

Stjepanović (2007) considera que essas duas orações são utilizadas em contextos distintos: apenas (36) poderia ser utilizada como resposta a uma pergunta como “Quem veio?”; já (35) focaliza o quantificador, funcionando como resposta para “Quais estudantes vêm?” ou “Quantos estudantes vêm?”. Conseqüentemente, propõe que é a marcação do traço [F] que determina se o padrão utilizado será (35) ou (36). Se o quantificador é [+F] e o NP [-F], as regras fonológicas NSR e FPR forçam que a cópia baixa do quantificador, e apenas do quantificador, seja pronunciada, de modo que ele aparece deslocado do NP.

Quantificadores flutuantes não são incomuns, sendo atestados em diversas línguas, de modo que parecem representar uma configuração sintática particularmente passível de ocasionar o abandono (*stranding*) que define o fenômeno<sup>71</sup>. Ainda assim, devemos chamar atenção para a similaridade entre esse caso e o fenômeno geral da descontinuidade que observamos no grego clássico.

---

<sup>71</sup> Mas ver Bobaljik (2003), que discute questões em aberto acerca de quantificadores flutuantes, algumas das quais levantam dúvidas quanto a se esses quantificadores de fato fazem parte de um constituinte DP.

Em ambos os casos, estamos tratando da separação de elementos que, em conjunto, formam um constituinte coeso. Nesse sentido, a análise de Stjepanović (2007) também sugere que é possível associar estrutura informacional e restrições da PF dentro de um arcabouço baseado na teoria de movimento por cópia, de forma que esse é o mecanismo que gera fenômenos de descontinuidade. No capítulo 5, iremos nos basear nessa teoria para sustentarmos a hipótese de que a operação de apagamento espalhado de cópias é o mecanismo que gera estruturas descontínuas.

#### CAPÍTULO 4: APRESENTAÇÃO DOS DADOS

---

Este capítulo tem por objetivo apresentar dados da variação da ordem dos constituintes internos ao DP/NP no grego clássico, e propor o que deve ser a ordem base. Conforme será demonstrado no decorrer do capítulo, o fenômeno da descontinuidade pode ocorrer tanto interno ao DP, quanto no nível da oração, conforme mostram os exemplos a seguir:

- (37) Descontinuidade de um DP interno a outro DP  
 τὴν **τῶν πολλῶν** δόξαν **ἀνθρώπων**

tèn                    tῶn                    pollōn  
 a-ACC.SG.F        os-GEN.PL.M        muitos-GEN.PL.M

dóksan                    anthrṓpōn  
 opinião-ACC.SG.F        homens-GEN.PL.M

“a opinião dos muitos homens [i.e. a opinião da multidão]”  
 [Pl. Prot. 353a]

- (38) Descontinuidade de um DP na oração  
 ὅτε γὰρ τὴν **πρωτέραν** ἀπήρομεν **πρεσβείαν τὴν περὶ τῆς εἰρήνης**

hóte=gàr            tèn                    protéran  
 quando=P2        a-ACC.SG.F        primeira-ACC.SG.F

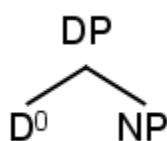
apéromen                    presbeían                    tèn  
 partir-1PL.IND.AOR.AT        embaixada-ACC.SG.F        a-ACC.SG.F

perì tês                    eirénēs  
 sobre a-GEN.SG.F        paz-GEN.SG.F

“Quando partimos na primeira embaixada sobre a paz...”  
 [Dem. 19.163]

Tomando como referencial teórico a proposta de antissimetria de Kayne (1995), assumiremos, doravante, que a ordem de base dos constituintes internos ao D/NP é sempre de núcleo inicial, conforme a estrutura sintática abstrata do D/NP proposta abaixo:

(39) [<sub>DP</sub> D<sup>0</sup> [NP]]



O grego antigo é uma língua que marca morfologicamente os sintagmas nominais com Caso<sup>72</sup>, Número<sup>73</sup> e Gênero<sup>74</sup>. Assim sendo, os elementos que formam um constituinte junto a um dado NP concordam com ele nessas três categorias, desde que esses modificadores do nome sejam declináveis<sup>75</sup>. A morfologia da língua, portanto, facilita o reconhecimento de palavras que são parte de um mesmo constituinte por meio dessa concordância. Adicionalmente, assumiremos uma estrutura sintática baseada na proposta de Alexiadou et al. (2007, p.574-575), conforme a qual os DPs possuem a seguinte hierarquia de projeções funcionais:

---

<sup>72</sup> Os Casos reconhecidos nas gramáticas do grego antigo são: nominativo (NOM), acusativo (ACC), genitivo (GEN), dativo (DAT) e vocativo (VOC).

<sup>73</sup> São 3 as categorias de Número aqui: singular (SG), plural (PL) e dual (DU). O dual é raramente usado.

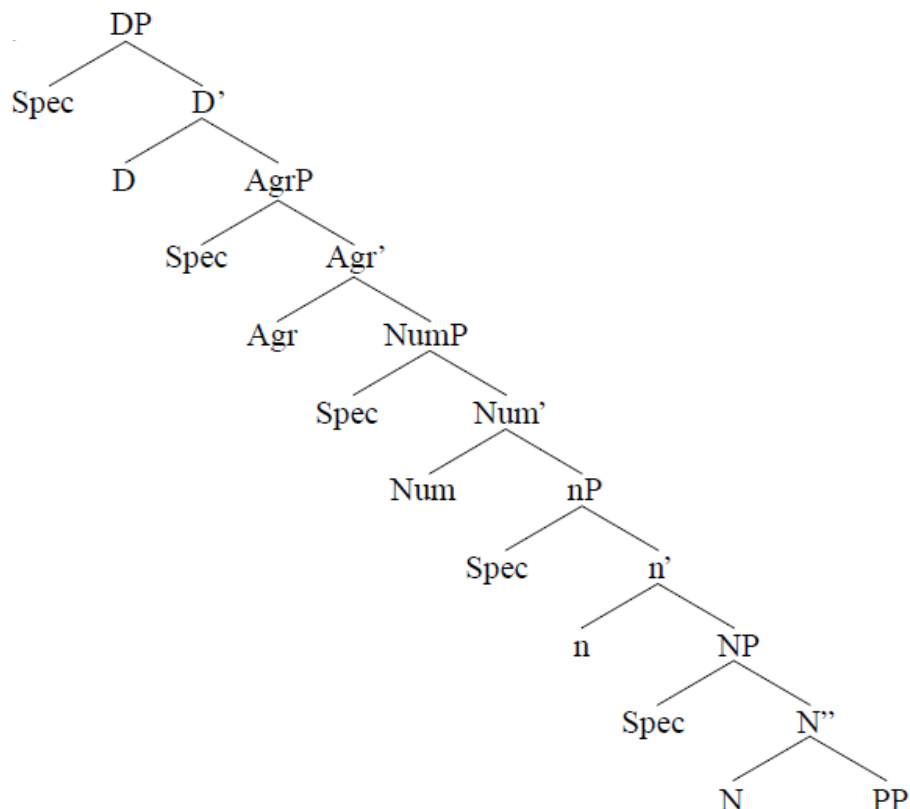
<sup>74</sup> São 3 os gêneros morfológicos do grego: masculino (M), feminino (F) e neutro (N).

<sup>75</sup> Modificadores indeclináveis (INDCL) incluem advérbios (ADV) e alguns numerais.



(40) DP > AgrP > NumP > GenP > nP > NP <sup>76</sup>

**Árvore Sintática 5** – Estrutura sintática abstrata do DP/NP



[fonte: ALEXIADOU et al. 2007, p.574-5]

O capítulo está organizado da seguinte forma. Na seção 4.1.1, apresentamos a ordem básica dos constituintes internos ao complexo D/NP, que coocorrem com os sintagmas APs, PossPs, DemPs, NumPs e QPs. No decorrer

<sup>76</sup> AgrP é uma projeção de concordância, NumP a projeção que codifica o número morfológico de N, GenP codifica o gênero morfológico de N. Já nP é uma projeção estendida de NP que, para nossos fins aqui, é equivalente a PossP.

da análise, iremos nos referir a essas categorias como modificadores do NP/DP<sup>77</sup>. Na seção 4.1.2, apresentamos uma análise do estatuto gramatical do artigo definido, de modo demonstrar a co-ocorrência de determinantes com modificadores. Tendo examinado os fenômenos de embaralhamento de DPs contínuos, examinamos em seguida o fenômeno que será o foco da nossa atenção: a *descontinuidade*. Na seção 4.2, apresentamos dados da descontinuidade ocorrendo de forma interna ao DP. Na seção 4.3, veremos dados da descontinuidade de um constituinte no nível da oração (i.e., do sistema CP/IP como um todo), onde observaremos mais detalhadamente as características desse fenômeno. A seção 4.4 resume os achados do capítulo.

#### **4.1 ORDEM SINTÁTICA NO DP**

Essa seção apresenta as diferentes ordens gramaticais dos constituintes D/NP, e define a ordem básica dos constituintes e seus possíveis movimentos. O intuito é estabelecer um panorama geral da ordem sintática dos principais constituintes. Esta descrição se faz necessária para ajudar a comparar esses dados com os que apresentam descontinuidade na sua ordem, de forma a demonstrar

---

<sup>77</sup> Não queremos, com essa terminologia, sugerir nenhum tipo de relação semântica específica entre esses diversos tipos de sintagmas e o NP. Usamos o termo de forma semelhante à Bakker (2009, abreviações), para falar de sintagmas que compõem a projeção NP/DP.

que, exceto pelo fato de que se encontram em blocos separados, constituintes descontínuos possuem ordens equivalentes aos constituintes contínuos.

#### 4.1.1 ORDEM BÁSICA NO NP

Em geral, nota-se que, quando o NP não coocorre com um determinante, modificadores podem figurar antes ou depois do núcleo do NP. Este é, por exemplo, o caso dos adjetivos, de quantificadores, numerais, demonstrativos e possessivos, os quais podem vir pospostos ou antepostos ao núcleo do NP, conforme mostram os exemplos abaixo em (a) e (b), respectivamente.

Comparem-se os pares de dados abaixo:

##### (41) APs

- |    |                 |                  |
|----|-----------------|------------------|
| a. | κοινὸν δόγμα    |                  |
|    | koin-òn         | dógm-a           |
|    | comum-NOM.SG.N  | decreto-NOM.SG.N |
|    | “decreto comum” |                  |

[Ésq. 2.60]

- |    |                  |                |
|----|------------------|----------------|
| b. | δόγμα κοινὸν     |                |
|    | dógm-a           | koinòn         |
|    | decreto-ACC.SG.N | comum-ACC.SG.N |
|    | “decreto comum”  |                |

[Ésq. 3.69]

##### (42) QPs:

- |    |               |              |
|----|---------------|--------------|
| a. | πᾶσαν ἡμέρην  |              |
|    | pâ-san        | hēmér-ēn     |
|    | todo-ACC.SG.F | dia-ACC.SG.F |
|    | “todo dia”    |              |

[Hdt. 6.61.3]

- |    |                   |               |
|----|-------------------|---------------|
| b. | ποταμοὶ πάντες    |               |
|    | potam-oì          | pá-ntes       |
|    | rio-NOM.PL.M      | todo-NOM.PL.M |
|    | “todos [os] rios” |               |

- [Hdt. 5.49.1]
- (43) NumPs:
- a. ἑπτὰ ἡμερέων  
heptà hēmer-éōn  
sete-INDCL dias-GEN.PL.F  
“sete dias”
- [Hdt. 3.26.1]
- b. ἡμερέων ἑπτὰ  
hēmer-éōn heptà  
dias-GEN.PL.F sete-INDCL  
“sete dias”
- [Hdt. 6.12.2]
- (44) DemPs:
- a. ὅδε λόγος  
hó-de lóg-os  
NOM.SG.M-esta história-NOM.SG.M  
“esta história”
- [Hdt. 3.3.1]
- b. ἔπεα τάδε  
ép-ea tá-de  
palavra-ACC.PL.N ACC.PL.N-esta  
“estas palavras”
- [Hdt. 3.137.2]
- (45) PossP:
- a. ὑμέτερος πολίτης  
huméter-os polít-ēs  
de.vocês-NOM.SG.M cidadão-NOM.SG.M  
“cidadão de vocês [i.e., ‘cidadão da sua cidade’]”
- [Dem. 40.42]
- b. πολίτης ὑμέτερος  
polít-ēs huméter-os  
cidadão-NOM.SG.M de.vocês-NOM.SG.M  
“cidadão de vocês [i.e., ‘cidadão da sua cidade’]”
- [Dem. 52.25]

A variação na ordem dos constituintes acima leva muitos linguistas a propor que o grego antigo é uma língua de ordem livre. Bakker (2009) realizou

um inventário mais completo da posição de vários modificadores<sup>78</sup> com relação ao NP em Heródoto. A autora obteve os seguintes resultados:

**Tabela 3:** Ordem de modificadores em NPs indefinidos

<i>modifier</i>	<i>prenominal</i>		<i>postnominal</i>		<i>total</i>
adjective (A) <sup>4</sup>	997	(42 %)	1380	(58 %)	2377
adverb (Adv)	—		—		—
demonstrative (dem)	5	(14 %)	32	(86 %)	37
genitive (GEN)	366	(55 %)	305	(45 %)	671
numeral (num)	403	(64 %)	226	(36 %)	629
participle (PTC)	9	(10 %)	77	(90 %)	86
possessive (pos) <sup>5</sup>	36	(44 %)	46	(56 %)	82
prepositional phrase (PP)	—		—		—
relative clause (rel)	—		51	(100 %)	51
total	1816	(46 %)	2117	(54 %)	3933

[fonte: BAKKER, 2009, p.34]

A análise de Bakker (2009) acima ilustra o quão difícil é estabelecer qual dessas possibilidades corresponde à ordem de base na língua. Mesmo para categorias como os demonstrativos, que, nos dados de Bakker (2009), aparecem 86% das vezes após o NP com que concorda, a quantidade de casos ‘excepcionais’ ainda é considerável. Certamente, são comuns o suficiente tal que sua gramaticalidade precisa ser levada em conta para qualquer descrição sintática de tais constituintes.

O fato de que esses modificadores podem figurar antes ou depois do NP na ordem linear não significa que não sejam gerados a partir de uma estrutura de

<sup>78</sup> Além dos elementos que já mencionamos, a tabela inclui: advérbios, genitivos não-possessivos, participios, sintagmas preposicionais (PPs) e orações relativas.

base núcleo-inicial. Propomos aqui que todas as alterações na ordem de base desses constituintes são o coproduto de movimento de constituintes para a esquerda. Desse modo, para explicar a linearização de qualquer tipo de específico de modificador, faz-se necessário delimitarmos onde esses constituintes são gerados e para qual posição são movidos. Em conformidade com a hipótese do DP (*DP-hypothesis*)<sup>79</sup>, assumiremos, doravante, que todo NP é dominado por uma projeção (estendida) DP. Assim, julgamos que mesmo NPs que não possuem determinantes explícitos são dominados por um DP com núcleo D<sup>0</sup> não pronunciado.

Na próxima seção, o objetivo é apresentar a distribuição sintática dos NPs em contextos em que há um determinante explícito.

#### 4.1.2 ORDEM DE CONSTITUINTES NO DOMÍNIO DO DP

Vimos, na seção anterior, que muitos modificadores de um NP podem figurar ora antes ora depois do nome. Tal situação, contudo, não se observa para os artigos definidos, visto que estes últimos ocorrem sistematicamente antes do NP se este é o único item lexical do DP<sup>80</sup>, emergindo a ordem de núcleo inicial [D<sup>0</sup> [NP]], conforme mostram os exemplos a seguir:

---

<sup>79</sup> Para uma revisão da literatura que levou à essa hipótese, ver Alexiadou et al. (2007, p.79 e ss.).

<sup>80</sup> É possível, contudo, que um determinante se encontre posposto ao NP central de um DP, conquanto esteja preposto a algum outro modificador (QP, AP, etc.). Vide os exemplos (53) e (57) abaixo.

(46) DPs com D<sup>0</sup> explícito e NP apenas

- a. τὴν σωτηρίαν  
 t-èn sōtērí-an  
 a-ACC.SG.F salvação- ACC.SG.F  
 “a salvação”

[Antf. 1.8]

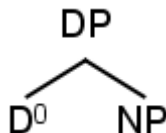
- b. \*σωτηρίαν τὴν  
 sōtērí-an t-èn  
 salvação- ACC.SG.F a-ACC.SG.F  
 “a salvação”

[construto]

Agbayani e Golston (2010), que já haviam observado essa restrição, afirmam que ela se deve ao fato de que “[artigos e complementadores] são PREPOSITIVOS e não podem ocorrer no final de um sintagma por motivos prosódicos” (p.141), ou seja, identificam uma causa fonológica para o fato.

Contudo, essa restrição também é condizente com a proposta Kayne (1994), conforme a qual D<sup>0</sup> sempre c-comanda assimetricamente um NP. Essa é uma evidência de que a configuração do DP do grego antigo fornece evidências a favor da hipótese formulada em (39), repetida abaixo como (47):

(47)



Nesse sentido, em estruturas constituídas por um possuidor e um possuído, propomos que o sintagma possessivo é gerado abaixo do NP possuído, conforme mostra a estrutura sintática (49) da sentença (48):

(48) ἐν τῇ οἰκίᾳ Φερεκλέους

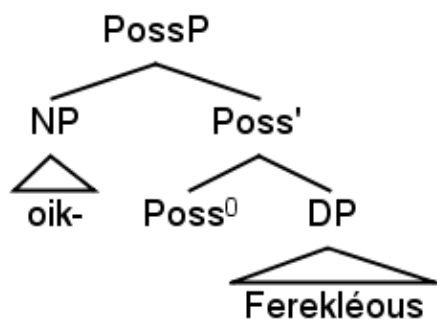
en	t-êi	oikí-ai	Fereklé-ous
em	a-DAT.SG.F	casa-DAT.SG.F	Fericles-GEN.SG.M

“na casa de Fericles”

[And. 1.17]

(49)

**Árvore Sintática 6** – Proposta de estrutura possessiva para o grego clássico



[fonte: produção própria]

Os dados coletados até o momento indicam que há pelo menos quatro ordens sintáticas possíveis em relação ao determinante e ao possuído e o possuidor. A primeira delas corresponde ao que consideramos neste trabalho como sendo a ordem de base. Nela, o determinante precede o possuído, o qual, por sua vez, vem antes do possuidor, emergindo a ordem linear [D<sup>0</sup> [Possuído [Possuidor]]], conforme mostra o exemplo abaixo:



(50) ἐν τῇ οἰκίᾳ Φερεκλέους

en	t-êi	oikí-ai	Fereklé-ous
em	a-DAT.SG.F	casa-DAT.SG.F	Fericles-GEN.SG.M

“na casa de Fericles”

[And. 1.17]

A segunda possibilidade de ordem linear ocorre em contexto em que o NP<sub>possuidor</sub> aparece interpolado entre o núcleo D<sup>0</sup> e o NP<sub>possuído</sub>, conforme ilustra o exemplo (51).

(51) ἐν τῇ Δημοσθένους οἰκίᾳ

en	t-êi	Dēmosthén-ous	oikí-ai
em	a-DAT.SG.F	Demóstenes- GEN.SG.M	casa-DAT.SG.F

“na casa de Demóstenes”

[Ésq. 3.162]

A terceira possibilidade ocorre quando o NP<sub>possuidor</sub> se move para a esquerda do núcleo D<sup>0</sup>, ocupando então a posição de Spec-DP – ou, para ser mais preciso, o especificador de uma projeção pragmática Top/FocP acima de DP. Essa ordem está ilustrada no dado a seguir:

(52) ἐς τοῦ Καμβύσεω τὰ οἰκία

es t-oû Kambús-eō  
em o-GEN.SG.M Cambíses-GEN.SG.M

t-à oikí-a  
as-ACC.PL.N casas-ACC.PL.N<sup>81</sup>

“nos palacetes de Cambíses”

[Hdt. 1.122.1]

A quarta ordem sintática se refere aos contextos em que o NP<sub>possuído</sub> é movido para uma posição à esquerda de D<sup>0</sup> (provavelmente para Spec-Top/FocP).

(53) οἰκίαν τὴν Ἀριστάρχου

oikí-an t-èn Aristárkh-ou  
casa-ACC.SG.F a- ACC.SG.F Aristarco- GEN.SG.M

“a casa de Aristarco”

[Ésq. 2.166]

Conforme será detalhado no capítulo da proposta teórica, proporemos que os constituintes com ordens desviantes da ordem de base [D [Possuído-Possuidor]] são derivados a partir de movimento do NP possuidor ou NP possuído para posições mais altas na estrutura.

---

<sup>81</sup> Note-se que *oikía* aqui está no gênero neutro, sendo, portanto, o acusativo plural do item lexical *oikíon*, não o nominativo singular *oikía*. A palavra *oikíon* é derivada diminutiva de *oikía*, usada em Heródoto para se referir a “palaces containing several ranges of buildings” (cf. sua entrada no dicionário LSJ). Isso não interfere na distribuição do sintagma possessivo.

Já em relação ao quantificador *pâs* “todo”, observa-se que este item é linearizado à esquerda do determinante, emergindo assim a ordem [Q [D [NP]]], conforme mostra o dado a seguir:

(54) *πᾶσαν τὴν οὐσίαν*

<i>pâ-san</i>	<i>t-ên</i>	<i>ousí-an</i>
toda-ACC.SG.F	a-ACC.SG.F	posse-ACC.SG.F

“toda a posse [i.e., tudo que alguém possui]”

[Ésq. 1.102]

Nota-se ainda que esse quantificador pode ocorrer na margem direita, em posição posposta ao núcleo  $D^0$  e ao NP, emergindo a ordem sintática [ $D^0$ [ $N^0$ [ $Q^0$ ]]], conforme mostra o dado abaixo:

(55) *τὴν ἀποδημίαν πᾶσαν*

<i>t-ên</i>	<i>apodēmí-an</i>	<i>pâ-san</i>
a-ACC.SG.F	viagem-ACC.SG.F	toda-ACC.SG.F

“A viagem toda”

[Dem. 19.177]

Há ainda contextos em que esse quantificador se interpola entre o determinante e o NP, podendo, portanto, emergir a ordem [ $D^0$ [ $Q^0$ [NP]]], ilustrada em (56).

(56) τὴν πᾶσαν οὐσίαν

t-ên	pâ-san	ousí-an
a-ACC.SG.F	toda-ACC.SG.F	posse-ACC.SG.F

“a posse toda”

[Arist. Pol. 2.1265b]

Gramáticos sugerem que, quando *pâs* “todo” está linearizado entre o determinante e o substantivo, como em (56), ele possui um valor semântico ligeiramente diferente de quando se encontra na margem esquerda ou direita do constituinte (SMYTH, 1920, §1174, p.296)<sup>82</sup>. Com base nessa observação, Kirk (2007, p.86-7) propõe que *pâs* “todo” é um item lexical ambíguo. De acordo com a autora, ele pode funcionar quer como quantificador forte, quer como adjetivo, sendo derivado de forma distinta em cada caso. Adotaremos, portanto, essa análise, entendendo que *pâs* “todo” que opera de fato como QP<sub>forte</sub> é juntado acima de D<sup>0</sup>, enquanto *pâs* “todo” que opera como AP é juntado na estrutura de cláusula reduzida relativa CP/IP.

Em suma, os dados apresentados até aqui apontam para o fato de que tanto DPs possessivos quanto QP<sub>forte</sub> se encontram embaralhados no sistema DP/NP. É importante, porém, destacar que o determinante nunca pode aparecer como o último elemento do constituinte DP, conforme ilustram os exemplos a seguir:

---

<sup>82</sup> As traduções que utilizamos em (54), “toda a posse”, e (56), “a posse toda”, tentam refletir essa diferença de significado.

(57) γυναῖκα τὴν ἑαυτοῦ

gun-aíka	t-èn	heaut-oû
mulher-ACC.SG.F	a- ACC.SG.F	si.mesmo-GEN.SG.M

“a sua própria mulher [lit. mulher a de si mesmo]”

[And. 4.15]

(58) \*γυναῖκα ἑαυτοῦ τὴν

*gun-aíka	heaut-oû	t-èn
mulher-ACC.SG.F	si.mesmo-GEN.SG.M	a- ACC.SG.F

“a sua própria mulher”

[construto]

Dessa forma, a agramaticalidade do exemplo (58) demonstra que o determinante nunca pode figurar na posição final da estrutura DP/NP, apesar de ser possível que o item lexical que integra NP seja movido para uma projeção acima de  $D^0$ , como no exemplo (57).

Na próxima seção, interessa-nos apresentar os dados relevantes do fenômeno da *descontinuidade*. Nesses casos, o embaralhamento da ordem linear separa os diferentes elementos que compõem um constituinte em partes distintas, intercaladas por itens lexicais que não pertencem ao constituinte embaralhado.

#### 4.2 DESCONTINUIDADE INTERNA AO DP

Os dados (59) e (60) abaixo mostram DPs construídos a partir do NP *dóksan* “reputação/opinião”<sup>83</sup>. Em ambos, os NPs<sub>possuídos</sub> codificam a relação de posse com um DP<sub>possuidor</sub>. Observe-se a posição do DP<sub>possuidor</sub> nos exemplos:

(59) τὴν δόξαν τῶν προγεγονότων ἀνθρώπων

t-ên	dóks-an
a-ACC.SG.F	reputação-ACC.SG.F

<b>t-ôn</b>	<b>pro-gegon-ótōn</b>	<b>anthrōp-ōn</b>
<b>os-GEN.PL.M</b>	<b>antes-nascer-PERF.GEN.PL.M</b>	<b>homens-GEN.PL.M</b>

“a reputação dos homens que vieram antes [i.e. a reputação dos antecessores]”

[Xen. Mem. 4.8.10]

(60) τὴν τῆς πόλεως δόξαν

t-ên	t-ês	póleōs	dóksan
a-ACC.SG.F	a-GEN.SG.F	cidade-GEN.SG.F	reputação-ACC.SG.F

“a reputação da cidade

[Dem.21.210]

Argumentamos na seção 4.1.2 que a posição do DP<sub>possuidor</sub> em (60) deve ser derivada por movimento. Assumimos que esses DPs são gerados à direita do

---

<sup>83</sup> Note-se que, apesar da tradução alternar entre duas palavras diferentes nos dois exemplos dados, trata-se do mesmo item lexical no grego clássico.

NP<sub>possuído</sub>, mas que são opcionalmente movidos para alguma projeção superior a esse NP. Considere-se, contudo, o dado a seguir:

(61) τὴν τῶν πολλῶν δόξαν ἀνθρώπων

tèn	tôn	pollôn
a-ACC.SG.F	os-GEN.PL.M	muitos-GEN.PL.M

dóksan	anthrópōn
opinião-ACC.SG.F	homens-GEN.PL.M

“a opinião dos muitos homens [i.e. a opinião da multidão]”

[Pl. Prot. 353a]

Observe-se que, em (61), *tôn pollôn* “os muitos” se encontra entre  $D^0$  e o NP, enquanto o NP<sub>possuidor</sub> sobre o qual esses elementos têm escopo sintático-semântico fica flutuando à direita de *dóksan* “opinião”. Ou seja, o DP<sub>possuidor</sub> se encontra embaralhado descontinuamente dentro do DP principal, que concorda com o NP<sub>possuído</sub>. Esse embaralhamento na ordem de base do sintagma coloca um problema para a análise sintática. Mais precisamente, precisamos encontrar uma resposta unificada para explicar como é possível que parte do NP<sub>possuidor</sub> se encontra em posição diferente daquela em que o NP<sub>possuidor</sub> é gerado.

No capítulo 5, o objetivo é apresentar uma análise gerativa no intuito de respondermos a essa questão. Mas é importante notar que até agora não encontramos nenhuma análise sintática do grego clássico que explora tanto essa descontinuidade interna ao DP quanto a descontinuidade a nível da oração

conjuntamente<sup>84</sup>. Essa descontinuidade interna ao DP, contudo, partilha características muito semelhantes às da descontinuidade a nível da oração.

Na próxima seção, o objetivo é mostrar que o fenômeno do embaralhamento de parte de constituintes não se dá somente ao nível do DP, mas também ao nível da oração.

### 4.3 DESCONTINUIDADE AO NÍVEL DA ORAÇÃO

Nas seções anteriores, nossos dados mostram apenas exemplos de D/NPs isolados. Nessa seção, mostraremos que DPs podem vir embaralhados também ao nível da oração, conforme ilustram os dados a seguir:

(62) οὐκ ἀνεγνώκεναι τοὺς Σόλωνος νόμους

ouk	anegnō-ké-nai	t-oùs	Sólōn-os
NEG	1er-PERF-INF.AT	as-ACC.SG.M	Sólōn-GEN.SG.M
	nóm-ous		
	leis-ACC.SG.M		

“não leu as leis de Sólon”

[Dem. 20.102]

---

<sup>84</sup> Devine e Stephens (2000, p.11) reconhecem a existência desse fenômeno entre seus exemplos. Mas sua explicação sintática (id., p.223 e ss.) para o tipo de descontinuidade que eles utilizam para descrever esses casos (*Y<sub>i</sub> hyperbaton*, “hipérbato *Y<sub>i</sub>*” na terminologia dos autores) não se aplica trivialmente aos casos de descontinuidade interna ao DP.



(63) πῶς σέ τις φήσει τοὺς Σόλωνος ἀνεγνωκέναι νόμους...;

pōs	sé	tis	fēsei
como-ADV	2SG.ACC	alguém-NOM.SG.M	dizer-3SG.SUBJ.PRES
toùs	Sólōnos	anegnō-ké-nai	nómous...?
as-ACC.PL.M	Sólon-GN	ler-PERF-INF.AT	leis-ACC.PL.M

“Como alguém diria que você leu as leis de Sólon...?”

[Dem. 20.103]

Há ainda exemplos em que o NP abandona o resto do DP com o qual mantém escopo gramatical, fazendo emergir um embaralhamento descontínuo de sintagmas, conforme abaixo:

(64) ἡ πόλις ἐν κακοῖς τοῖς μεγίστοις ἐγίγνετο

hē	pól-is	en	kak-oîs
a-NOM.SG.F	cidade-NOM.SG.F	em	males-DAT.PL.N
t-oîs	megíst-ois	egígn-eto	
os-DAT.PL.N	maiores-DAT.PL.N	se.colocar-3SG.IND.PRES.AT	

“a cidade caiu nos piores males”

[And. 1.58]

(65) τὴν δὲ πόλιν ἐν κακοῖς οὔσαν τοῖς μεγίστοις

t-èn=dè	pól-in	en	kak-oîs
a-ACC.SG.F=P.	cidade-ACC.SG.F	em	males-DAT.PL.N
oûs-an	t-oîs	megíst-ois	
estando-PART.ACC.SG.F	os-DAT.PL.N	maiores-DAT.PL.N	

“a cidade estando nos maiores males”

[And. 1.51]

Nos exemplos acima, o PP *en kakoîs toîs megístois* “em os maiores males [lit. em males os maiores]” se encontra embaralhado. Esse exemplo demonstra, portanto, que a descontinuidade não ocorre somente com DPs, mas também com outros tipos de sintagma.

Não parece haver um limite específico de quantos itens lexicais são movidos ou de quantos são abandonados. O movimento que gera descontinuidade pode mover um único item, como no exemplo (66), ou quase todo o constituinte, como em (67).

(66) *πάσας ἐξελύσατε τὰς παρασκευὰς τῶν πολέμου*

<b>pásas</b>	ekselúsate	<b>tàs</b>
<b>todos-ACC.PL.F</b>	abrir.mão-2PL.IND.AOR.AT	<b>os-ACC.PL.F</b>
<b>paraskeuàs</b>	<b>tàs</b> <sup>85</sup>	
<b>preparativos-ACC.PL.F</b>	<b>os-ACC.PL.F</b>	
<b>toû</b>	<b>polémou</b>	
<b>a-GEN.SG.M</b>	<b>guerra-GEN.SG.M</b>	

“[vocês] abriram mão de todos os preparativos de guerra”

[Dem. 18.26]

---

<sup>85</sup> Este segundo determinante que concorda com *paraskeuàs* “preparativos” é resultado de uma estrutura sintática conhecida como *determiner spreading* (“espraiamento do determinante”) ou *polydefinite construction* (“estrutura polidefinida”). Este fenômeno pode interferir com a ordem interna de um constituinte DP, tanto no grego clássico quanto no moderno, mas, como o exemplo demonstra, não interfere na possibilidade do constituinte ser embaralhado descontinuamente.

(67) **πάντα ταῦτα τὰ καλὰ** λέγουσι **ποιήματα**

<b>pánta</b> <b>todos-ACC.PL.N</b>	<b>taûta</b> <b>esses-ACC.PL.N</b>	<b>tà</b> <b>os-ACC.PL.N</b>	
<b>kalà</b> <b>belos-ACC.PL.N</b>	λέγουσι cantam-3PL.IND.PRES.AT		<b>poiémata</b> <b>poemas-ACC.PL.N</b>

“[Os poetas] cantam todos esses belos poemas”

[Pl. Ion 533e]

Também não parece haver limite de quantos elementos externos podem intervir entre as duas partes de um constituinte descontínuo. No dado (68) abaixo, por exemplo, o constituinte se encontra intercalado por toda a oração.

(68) **πολλήν** γὰρ πάνυ κατέλιπεν ὁ πατήρ αὐτῷ **οὐσίαν**

<b>pollèn=gàr</b> <b>muitas-ACC.SG.F=P2</b>	πάνυ muito-ADV	κατέλιπεν legou-3SG.IND.AOR.AT	
ho o-NOM.M.SG	patḗr pai-NOM.M.SG	autῷ próprio-DAT.SG.M	<b>ousían</b> <b>posses-ACC.SG.F</b>

“Pois o pai legou ao próprio realmente muitas posses”

[Ésq. 1. 42]

À primeira vista, portanto, movimentos no grego clássico aparentam ter liberdade de dividir um constituinte sintático em duas partes de uma maneira que desconsidera sua estrutura sintática. Curiosamente, contudo, os movimentos que criam constituintes descontínuos nunca geram uma ordem de elementos do DP que seria agramatical para constituintes contínuos.

Também significativo é o fato de que essa descontinuidade não ocorre em função de um único tipo de núcleo sintático. Todo tipo de elemento pode intervir entre as duas partes separadas de um constituinte descontínuo, inclusive múltiplos elementos. Desse modo, a descontinuidade pode ocorrer em uma variedade de casos de movimento, desde os menores, dentro de um constituinte DP, até em instâncias em que o constituinte descontínuo se encontra separado por toda uma oração.

Estas são algumas características do fenômeno que almejamos explicar por meio da teoria do movimento por cópia no próximo capítulo.

#### 4.4 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, apresentamos os dados que ilustram o embaralhamento da ordem básica de constituintes no grego clássico, em particular aqueles internos ao DP. Em particular, chamamos atenção para os contextos em que esse embaralhamento gera descontinuidade, tanto ao nível do D/NP quanto no nível da oração. Observamos que a descontinuidade parece selecionar uma sequência de elementos que ocupam a periferia esquerda do sistema D/NP e a movem para a esquerda, abandonando o resto do constituinte *in situ*.

O objetivo do próximo capítulo é apresentar a proposta teórica da tese. A hipótese central que advogaremos é a de que a teoria de movimento por cópia explica de maneira mais satisfatória e elegante os dados de embaralhamento da ordem básica dos constituintes. Especificamente, propomos que, nessa teoria, a possibilidade de apagamento espalhado durante a operação Reduzir Cadeia permite que se capture de maneira coerente a separação dos constituintes em partes distintas.

## **CAPÍTULO 5: PROPOSTA TEÓRICA**

---

Neste capítulo, iremos apresentar uma proposta teórica para explicar os dados da seção anterior, em particular para os casos nos quais o embaralhamento da ordem gera um constituinte descontínuo. Para isso, duas tarefas serão necessárias, a saber: a primeira é determinar qual é a estrutura sintática abstrata do DP no grego clássico; já a segunda, e principal, tarefa é definir quais mecanismos sintáticos e fonológicos geram a ordem linear observada nos dados, em particular nos casos em que o embaralhamento da ordem básica gera um constituinte descontínuo.

A hipótese central da tese que pretendo defender neste capítulo é a intuição de que a variabilidade na ordem linear das orações e a descontinuidade de constituintes do grego clássico pode ser explicada a partir da teoria de base universal tal como formulada por Kayne (1994) e Zwarts (1997). Para isso, lançamos mão das teorias sintáticas desenvolvidas por Rizzi (1997), Giusti (1996, 2002); Aboh (2004, 2010); Alexiadou et al. (2007), Nunes (1995, 2004) e Corver e Nunes (2007).

Esse capítulo está organizado da seguinte forma. Na seção 5.1, propomos uma estrutura sintática para o DP condizente com o LCA de Kayne (1994). Iremos tomar o trabalho de Kirk (2007) e Isaac e Kirk (2008) como ponto de partida, mas atualizaremos alguns aspectos de sua proposta, questionando em

particular a forma como essas propostas motivam o fenômeno da descontinuidade de constituintes. Na seção 5.2, exploramos a aplicação da teoria de movimento por cópia no grego clássico, focando, em particular, em como o *apagamento espalhado* (*scattered deletion*) explica de forma elegante o fenômeno da descontinuidade. Em 5.2.1, avaliamos como traços funcionais e pragmáticos fundamentam as operações de cópia dentro do DP, e demonstramos que a ordem linear de constituintes descontínuos é sempre equivalente à ordem linear de um constituinte contínuo. Em 5.2.2, então, avaliamos como o sistema seleciona as cópias que serão pronunciadas no sistema, e sugerimos restrições fonológicas que forcem o mecanismo de *Pronounce Lower Copy* (PLC) e ocasionam o *apagamento espalhado*. Em 5.3, apresentamos a derivação de alguns exemplos através de nossa proposta, para demonstrar que a ocorrência de constituintes descontínuos é facilmente justificada por meio dela, tanto no nível da oração quanto internamente ao DP. Mostraremos também que nosso modelo é igualmente preditivo para casos de constituintes contínuos (ou seja, que nossa proposta não é excessivamente produtiva). A seção 5.4 resume os achados do capítulo.

## 5.1 ESTRUTURA SINTÁTICA DO DP

Nesta seção, nosso objetivo é apresentar uma proposta do domínio D/NP que seja capaz de derivar sintaticamente os dados do grego clássico descritos no capítulo anterior.

Kirk (2007) e Isac e Kirk (2008) propõem uma estrutura sintática para o grego clássico com o intuito de explicar os fenômenos de embaralhamento sintático no âmbito do DP. A proposta de Kirk (2007) fornece uma análise teórica sobre as posições sintáticas em que adjetivos (extensionais<sup>86</sup>), quantificadores (fortes e fracos) e demonstrativos são gerados no D/NP. A estrutura completa do D/NP, incluindo todas essas categorias funcionais relevantes, pode ser esquematicamente representada como mostrado em (69):

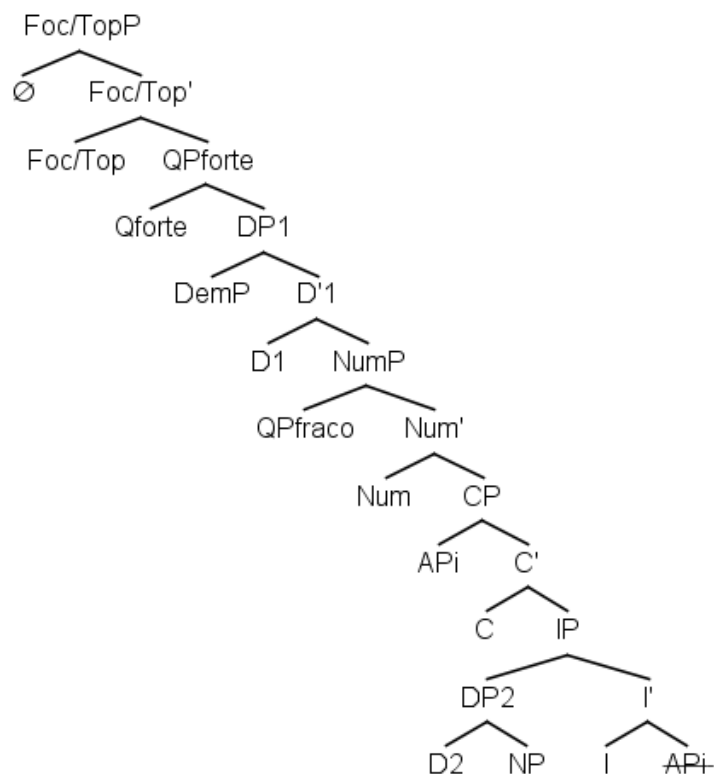
---

<sup>86</sup> Para uma distinção entre adjetivos intensionais e extensionais, ver ALEXIADOU et al. (2007, p.299 e ss.). Kirk (2007) tenta fazer uma avaliação do adjetivo intensional *próteros* em seu sentido de “anterior”, mas conclui que os dados de Heródoto são insuficientes para se determinar com certeza a sintaxe de adjetivos intensionais (KIRK, 2007, p.48-9). Acataremos, em todo caso, a sua conclusão de descartar a possibilidade de que adjetivos pré- e pós-nominais sejam gerados em posições distintas (idem, p.48).



(69)

**Árvore Sintática 7** – Estrutura esquemática do D/NP com vários modificadores



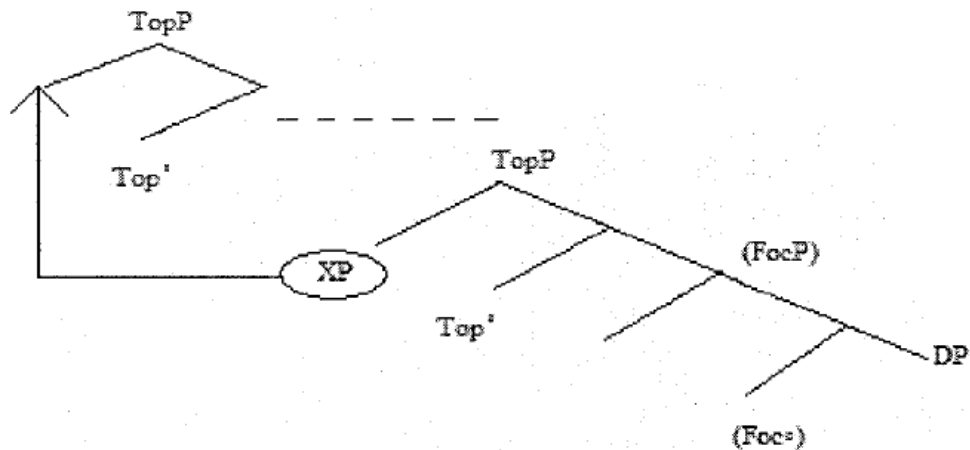
(fonte: baseado em KIRK (2007))

Essa proposta segue três pressupostos cruciais que também defendemos nessa tese. O primeiro pressuposto que ela assume é o LCA de Kayne (1994), de modo que já respeita as restrições que esse axioma impõe às configurações sintáticas possíveis. O segundo é que ela inclui as projeções pragmáticas no DP, o que nos permite explicar a razão pela qual existe embaralhamento da ordem linear dos constituintes até mesmo dentro de um sintagma nominal. Por fim, assume-se que projeções do DP são fases, conforme a formulação de Chomsky

(2001). Também é importante lembrar que o sistema CP/IP presente abaixo de NumP equivale à proposta de Kayne (1994, p.147) de adjetivos extensionais como cláusulas relativas reduzidas.

Consideramos, contudo, que a maneira como essa proposta explica o fenômeno de descontinuidade deve ser reavaliada. A premissa básica com a qual Kirk (2007) e Isac e Kirk (2008) operam é a de que (sub)constituintes que ocupam a posição de especificador das projeções pragmáticas (TopP ou FocP) do DP (que integram, para essa proposta, parte do *escape hatch* da fase DP por meio do qual XPs se movem para além do domínio do DP) se tornam visíveis e disponíveis como alvo (*target*) para movimento até projeções pragmáticas juntadas em posições mais altas durante a derivação sintática da oração. Esse mecanismo está representado para TopP na estrutura abaixo, na qual se entende que a linha pontilhada indica a presença de outras projeções sintáticas separando XP do resto do DP na oração:

(70)

**Árvore Sintática 8** – Mecanismo de ordenamento descontínuo no DP

[fonte: =(T27) de KIRK, 2007, p.74]

Para ilustrar os motivos pelos quais o mecanismo descrito acima é insatisfatório para derivar os constituintes descontínuos do grego clássico, vamos considerar como um dado específico é derivado conforme a proposta de Kirk (2007). Nesse sentido, consideremos como a estrutura sintática em (70) acima deriva o exemplo (71) a seguir.

(71) ἔδοξε δὲ τοῖσι πατρίοισι μόνον χρᾶσθαι θεοῖσι

édoksé=dè	<b>toîsi</b>	<b>patríoisi</b>
achar-3SG.IND.AOR.AT=P2	<b>os-DAT.PL.M</b>	<b>ancestrais-DAT.PL.M</b>

moûnon	kh râsthai	<b>theoîsi</b>
apenas-ADV	louvar-INF.AOR.MP	<b>deuses-DAT.PL.M</b>

“acharam [correto] louvar apenas os deuses ancestrais”

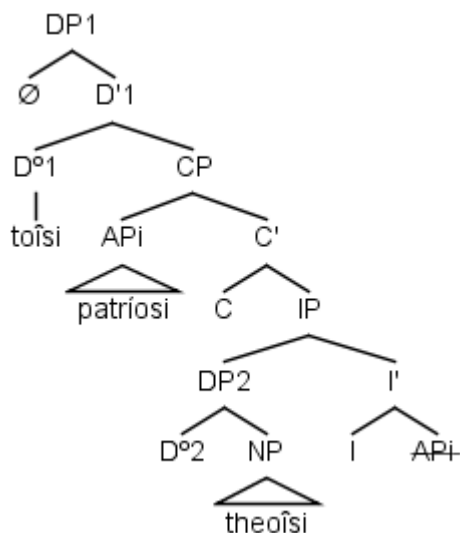
[Hdt. 1.172.2 (= (38) de KIRK, 2007, p.75)]

No exemplo acima, o artigo e o adjetivo, *toîsi patríoisi* “os ancestrais”, figuram separados do núcleo do NP *theoîsi* “deuses”, apesar de esses três itens

lexicais em conjunto formarem um único constituinte. Para Kirk (2007), *theoîsi* “deuses” integra um DP próprio (que ela chama de DP2) que está numa relação predicativa com o adjetivo *patríosi* “ancestrais”, dentro da estrutura de DP1, conforme ilustrado abaixo:

(72)

**Árvore Sintática 9** – estrutura inicial do constituinte *toîsi patríosi theoîsi* “os deuses ancestrais”

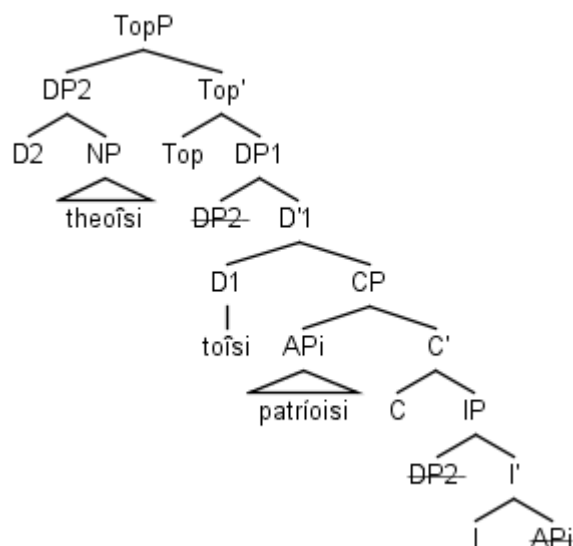


[fonte: produção própria com base em Kirk (2007)]

Nota-se que Kirk (2007) adota a proposta de Kayne (1994, p.147), conforme a qual adjetivos (extensionais) são gerados numa estrutura de cláusula relativa reduzida, como se observa pelo uso de projeções CP/IP dentro de DP1. Kirk (2007) assume, contudo, que não é apenas um NP que forma uma relação com AP nessa cláusula relativa reduzida, mas sim um DP completo, o qual corresponde ao DP2. Esse DP2, portanto, pode ser independentemente selecionado numa projeção de tópico acima de DP1, tal como se propõe em (73):

(73)

**Árvore Sintática 10** – derivação parcial de *toîsi patrióisi ... theôisi* “os ancestrais ... deuses”



[fonte: produção própria com base em KIRK, 2007, p.74-6]

Na proposta de Kirk (2007), DP2 é juntado pela primeira vez em (73) em Spec-IP, e é movido (i.e., copiado e as cópias mais baixas subsequentemente apagadas) primeiro para Spec-DP1<sup>87</sup>, e, em seguida, para Spec-TopP. A autora presumivelmente entende que esses dois movimentos são motivados pela presença de traços [EPP] nos núcleos D<sup>0</sup>1 e Top<sup>0</sup>. Uma vez que DP2 é movido para Spec-TopP, DP1 contém somente os itens lexicais *toîsi patrióisi* “os

<sup>87</sup> Os traços que instanciam esse movimento, na proposta de Kirk (2007) e Isac e Kirk (2008), estão relacionados à familiaridade. Kirk (2007) especificamente assume que DP2 possui um traço ininterpretável [*ufam*] que será checado contra o traço [*+fam*] de D<sup>0</sup>1. Em Isac e Kirk (2008), o movimento associado a essa checagem de traços está explicitamente relacionada à existência de traços [EPP] nos núcleos que atraem projeções para suas posições de especificador.

ancestrais” que são deixados para trás, visto que as cópias baixas do DP2 serão apagadas.

Kirk (2007) assume, então, a existência de uma segunda projeção pragmática FocP, juntada acima de TopP, para dar conta da ordem superficial observada em (71). DP1 se move para Spec-FocP: em Spec-FocP, DP1 pode ser selecionado por outra projeção pragmática FocP juntada em um ponto mais alto da derivação (e.g. na periferia esquerda de CP, seguindo a proposta de Rizzi (1997)), de modo que se move deixando para trás DP2 em Spec-TopP. A autora não especifica quais traços motivam o movimento para as projeções pragmáticas, mas presumivelmente tratam-se de traços de marcação pragmática, [foco] e [tópico]<sup>88</sup>.

Em suma, da posição de Spec-FocP mais baixa, o constituinte DP1, que a essa altura da derivação inclui, a princípio, apenas os itens lexicais *toîsi patrioîsi* “os ancestrais”, é movido para outro Spec-FocP que ocupa uma posição mais alta na oração, e dessa forma se separa do DP2 *theoîsi* “deuses”, deixando-o flutuando em posição mais baixa na estrutura. Dessa forma, a derivação final que gera a ordem do exemplo (71) (repetido abaixo como (74)) se dá esquematicamente como delineado na estrutura proposta em (75).

---

<sup>88</sup> Note-se que essa formulação parece assumir que um traço de DP1, presumivelmente [foco], está entrando em uma relação de checagem múltiplas vezes. Mencionamos anteriormente, na seção 3.2.2, que essa suposição não é considerada lícita em algumas formulações minimalistas (como a teoria de checagem de traços através do mecanismo *Agree*).

(74) ἔδοξε δὲ **τοῖσι πατρίοισι** μόνον χρᾶσθαι **θεοῖσι**

édoksé=dè                      **toîsi**                      **patríoisi**  
 achar-3SG.IND.AOR.AT=P2    **os-DAT.PL.M**    **ancestrais-DAT.PL.M**

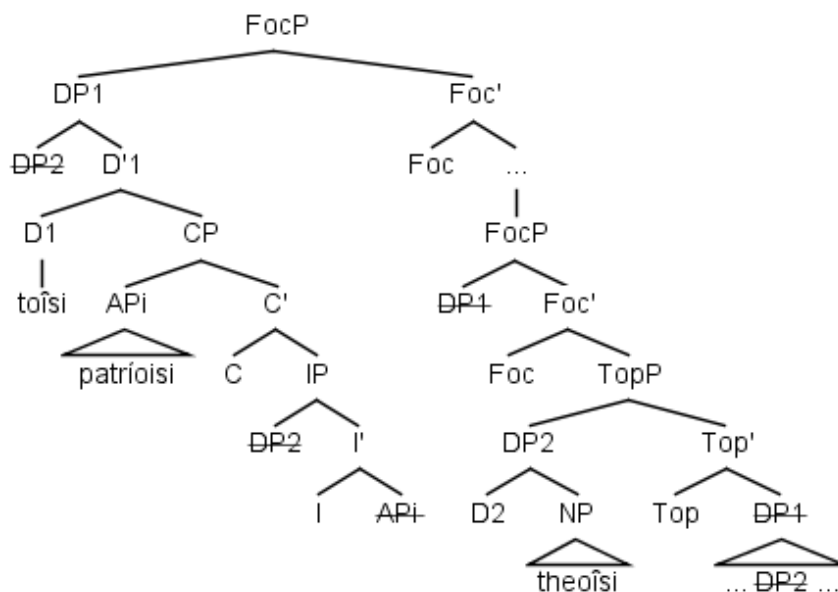
moûnon            khrâsthai                      **theoîsi**  
 apenas-ADV    louvar-INF.AOR.MP        **deuses-DAT.PL.M**

“acharam [correto] louvar apenas os deuses ancestrais”

[Hdt. 1.172.2 (= (38) de KIRK, 2007, p.75)]

(75)

**Árvore Sintática 11** – Derivação final de *toîsi patríoisi ... theoîsi* “os ancestrais ... deuses”



[fonte: KIRK, 2007, p.75]

Apesar de a proposta de Kirk (2007) gerar a ordem da sentença (74), essa derivação apresenta sérios problemas. Note-se que *theoîsi* “deuses” está sendo movido para Spec-TopP exclusivamente para produzir a ruptura na ordem interna

do DP que ocasiona a descontinuidade observada em (74). Não se estabelece em absoluto que esse constituinte de fato possui (ou poderia possuir) uma interpretação de tópico nesse exemplo – nem no nível da sentença, nem no do DP<sup>89</sup>. Dessa forma, pode-se argumentar que essa proposta de derivação é *ad hoc*. É motivada apenas para se obter a descontinuidade presente no dado, mas não é independentemente motivada no que concerne a interpretação semântica da oração. Ou seja, as operações necessárias para derivar a ordem observada não estão suficientemente consubstanciadas, seja em termos de interpretabilidade, em termos de traços formais ininterpretáveis, em termos da operação sonda-alvo, ou em termos semânticos relativos à estrutura informacional.

Além disso, essa derivação requer duas operações de movimento – primeiro de DP2 para Spec-TopP e, em seguida, de DP1 para Spec-FocP – de modo a gerar a ordem em (74)<sup>90</sup>. Visto que a ordem dos elementos que compõem um constituinte descontínuo sempre corresponde a uma ordem contínua lícita,

---

<sup>89</sup> A interpretação semântica associada às projeções de tópico e foco internas ao DP é uma questão complexa. Kirk (2007) sugere que TopP e FocP fazem uma “divisão do material interno ao DP em material que pode possivelmente ser topicalizado na cláusula de material que pode possivelmente ser focalizado na cláusula” (p.60). Essa proposição é excessivamente vaga, e não parece ser uma base sólida para motivar o embaralhamento do DP dentro da perspectiva do movimento como *Last Resort*.

Bakker (2009, p.29-30) faz críticas, ao nosso ver bastante pertinentes, a respeito da aplicabilidade do conceito de Foco à projeção sintática do D/NP. Não entendemos isso, contudo, como evidência de que o DP não possui projeções de informação discursiva, mas sim como um indício de que ainda não compreendemos com suficiente clareza e generalidade quais são os traços interpretáveis e ininterpretáveis envolvidos na reorganização discursiva interna ao DP.

<sup>90</sup> Dado o entendimento de Isac e Kirk (2008) de que os adjetivos no grego clássico são sempre movidos para Spec-CP na estrutura relativa reduzida (p.147).



seria preferível, se possível, uma formulação em que a estrutura sintática dos constituintes contínuos e descontínuos seja a mesma. Uma proposta desse tipo atenderia a pressupostos minimalistas, pois reduziria o número de operações necessárias para a convergência de uma estrutura sintática como em (74). A alternativa que apresentaremos adiante é assumirmos a proposta de Nunes (1995) sobre movimento por cópia, conforme a qual é possível obter uma determinada ordem superficial por meio de apagamento de cópias altas ou baixas dos elementos de um constituinte.

Em todo caso, é possível demonstrar que existem dados de descontinuidade que não podem ser gerados por meio do mecanismo descrito por Kirk (2007). O embaralhamento descontínuo da ordem interna ao DP (discutido na seção 4.2) não pode ser capturado por meio de movimentos cíclicos para projeções pragmáticas em DP. Para tal, argumentaremos que a análise de Kirk (2007) não explica a derivação de sentenças como a ilustrada em (76) a seguir:

(76) τί δέ [...] δεῖ ἡμᾶς σκοπεῖσθαι τὴν τῶν πολλῶν δόξαν ἀνθρώπων ...;

tí=dé [...]	deî	hēmâs
por.que=P. [...]	é.necessário-3SG.IND.PRES.AT	nós-1PL.ACC

skopeîsthai	tên	tôn	pollôn
observar-INF.AOR.AT	a-ACC.SG.F	os-GEN.PL.M	muitos-GEN.PL.M

dóksan	anthrôpôn ...?
opinião-ACC.SG.F	homens-GEN.PL.M...?

“Por que nos é necessário observar a opinião da multidão de pessoas...?”  
[Pl. Prot. 353a]

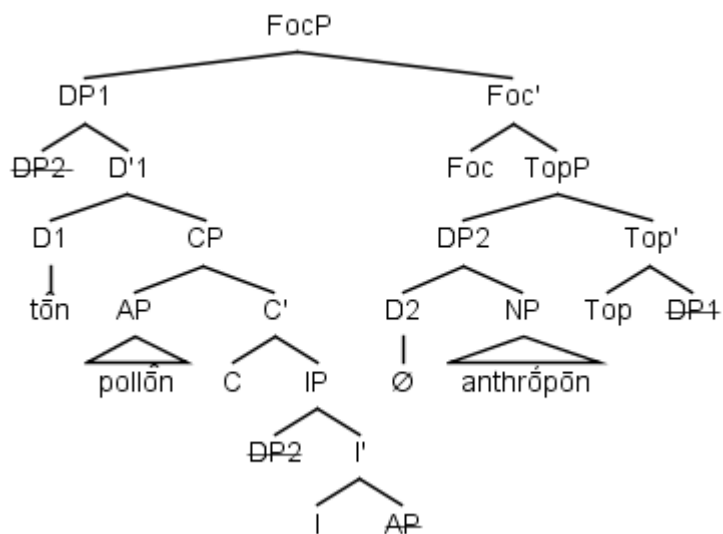
Esse exemplo mostra o DP genitivo *tôn pollôn anthrôpôn* “os muitos homens” embaralhado descontinuamente: um bloco é movido para a posição entre o artigo definido e o NP acusativos, enquanto o restante ocorre após o NP acusativo. Suponhamos então que os elementos *tôn pollôn* “os muitos” têm traço pragmático interpretável de foco<sup>91</sup>, e o NP *anthrôpôn* tem traço interpretável de tópico<sup>92</sup>. Para gerar essa ordem descontínua de acordo com a teoria de Kirk (2007), é necessário propormos que o DP genitivo se encontre inicialmente na posição sintática mostrada em (77):

<sup>91</sup> Assumimos, seguindo Aboh (2010, p.38), que os traços da estrutura informacional ([top]; [foc]) são traços formais opcionais adicionados aos itens lexicais quando estes são introduzidos à enumeração. Assumimos que esses traços formais são interpretáveis nos itens lexicais que servem de alvo (*goal*) na operação *Agree*. Consequentemente, os núcleos formais Top<sup>0</sup> e Foc<sup>0</sup> são as sondas, e precisam checar seus traços ininterpretáveis equivalentes.

<sup>92</sup> Fazemos essa pressuposição para facilitar a ilustração do argumento seguinte, no qual demonstraremos que o método de Kirk (2007) não é capaz de derivar a ordem observada. A argumentação seria a mesma se trocarmos quais elementos recebem traço de tópico e foco.

(77)

**Árvore Sintática 12** – Derivação parcial do DP genitivo *tôn pollôn*  
*anthrôpôn* “os muitos homens”



[fonte: produção própria]<sup>93</sup>

Observamos que DP1, que contém os itens lexicais *tôn pollôn* “os muitos”, se move para Spec-FocP, e está, portanto, a princípio pronto para ser movido para outra projeção FocP mais alta na derivação. Essa operação deixaria retido flutuando o DP2, que contém o NP *anthrôpôn* “homens”, em Spec-TopP. Vamos assumir que é o traço de [foco] que licencia a separação do constituinte nessa proposta de Kirk (2007). Especificamente, supomos que uma sonda mais alta na derivação possui um traço [foco] ininterpretável que irá selecionar o traço interpretável de [foco] de DP1 em Spec-FocP, e não atrairá o restante do constituinte (DP2).

<sup>93</sup> Essa estrutura assume que o item lexical *pollôn* “muitos” é um AP, em conformidade com a estipulação de Kirk (2007, p.102).

Contudo, recorde-se que esse DP genitivo se encontra descontínuo dentro da estrutura do DP *tēn dóksan* “a opinião”, tal que a ordem se configura como em (78).

(78) τὴν τῶν πολλῶν δόξαν ἀνθρώπων

tēn	tôn	pollôn	dóksan
a-ACC.SG.F	as-GEN.PL.M	muitas-GEN.PL.M	opinião-ACC.SG.F

**anthrôpôn**  
pessoas-GEN.PL.M

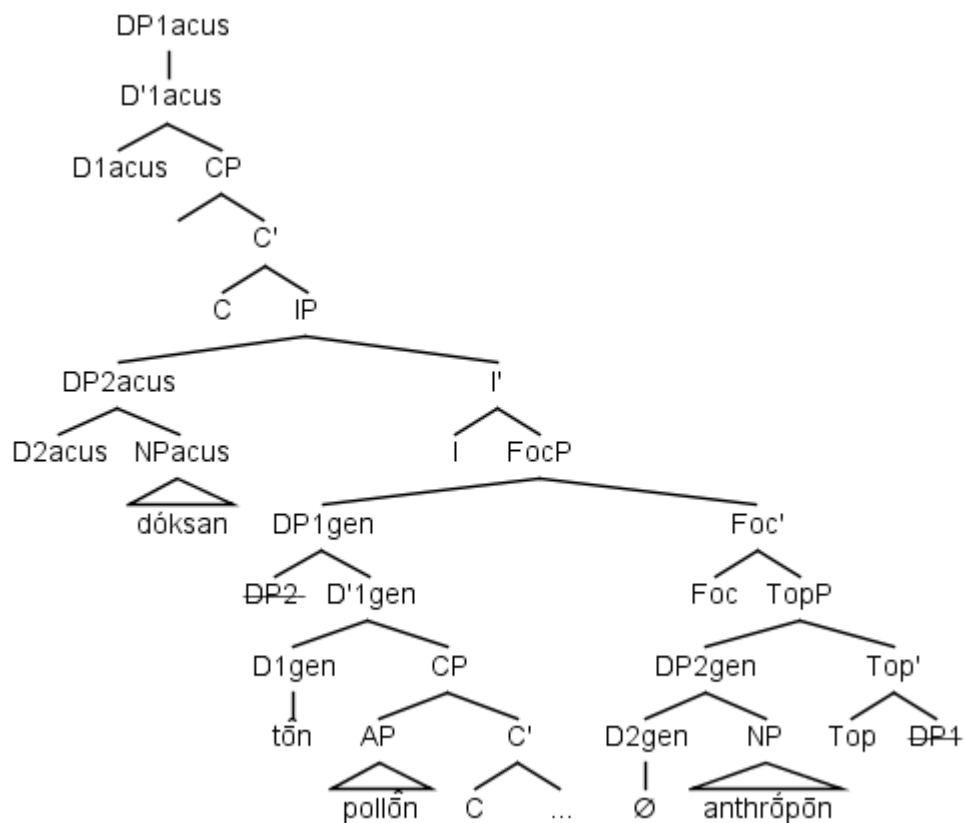
“a opinião da multidão de pessoas”

[Pl. Prot. 353a]

Kirk (2007) sugere que construções possessivas no grego clássico de Heródoto seguem a mesma construção de adjetivos apresentada na seção 5.1, ou seja, também estão inseridos em uma cláusula relativa reduzida C/IP dominada por DP. Isso significa que, prosseguindo a derivação em (77), inserimos o DP genitivo que contém *tôn pollôn anthrôpôn* “os muitos homens” na posição de Compl-IP, conforme a seguinte estrutura:

(79)

**Árvore Sintática 13** – estágio intermediário da suposta derivação de (76)



[fonte: produção própria]

Para derivar o constituinte *tên tôn pollōn dóksan anthrōpōn* “a opinião da maioria dos homens” a partir da estrutura em (79), é necessário que DP1<sub>gen</sub> (e apenas DP1<sub>gen</sub>) se mova para Spec-CP. Mas o núcleo C<sup>0</sup> não possui um traço ininterpretável forte de [foco] para servir como sonda para justificar o movimento de DP1<sub>gen</sub> até Spec-CP. De fato, em Isac e Kirk (2008, p.147), assume-se que o sintagma em Compl-IP deve necessariamente ser movido para Spec-CP. Nessa

derivação, isso significaria mover FocP como um todo, e não apenas o DP<sub>1gen</sub> para Spec-CP. O modelo prevê, portanto, que essa derivação gere apenas a ordem *tèn tôn pollôn anthrópōn dóksan*, enquanto a ordem *tèn tôn pollôn dóksan anthrópōn* não pode ser gerada, em revelia dos dados.

Há ainda uma última crítica que devemos fazer a respeito da proposta sobre embaralhamento descontínuo de Kirk (2007). Nota-se que seu modelo não é suficientemente explicativo ao ponto de podermos adotá-lo para derivar a estrutura descontínua de outros tipos de sintagmas. Apesar de DPs serem os constituintes que mais frequentemente encontramos embaralhados descontinuamente, eles não são os únicos. Outros sintagmas que podem figurar embaralhados são os PPs. O exemplo (65), repetido abaixo como (80), ilustra um caso de PP que sofre embaralhamento descontínuo na ordem básica de seus constituintes:

(80) τὴν δὲ πόλιν ἐν κακοῖς οὔσαν τοῖς μεγίστοις

t-èn=dè	pól-in	en	kak-oís
a-ACC.SG.F=P.	cidade-ACC.SG.F	em	males-DAT.PL.N
oûs-an	t-oís	megíst-ois	
estando-PART.ACC.SG.F	os-DAT.PL.N	maiores-DAT.PL.N	

“a cidade sofrendo os maiores males”

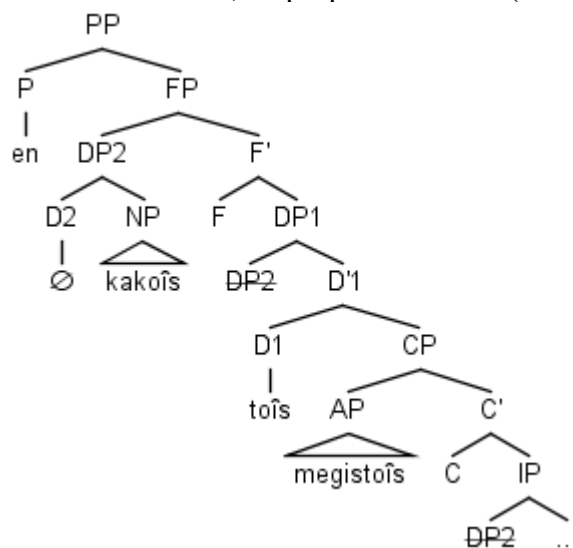
[And. 1.51]

Esse dado mostra que o constituinte movido para a posição antes do verbo *oûsan* ‘estar’ equivale a um PP e não a um DP. O modelo de Kirk (2007) é capaz

de separar *kakoís* “males” do resto do DP *kakoís toís megístois* “males os maiores”, a partir da derivação que apresentamos em (73), movendo o subconstituente que contém *kakoís* para uma projeção Top/FocP acima de DP. Mas esse DP é juntado ao P<sup>0</sup> *en* “em”, de modo que a derivação final tomaria uma forma como em (81):

(81)

**Árvore Sintática 14** – derivação do PP *em kakoís toís megístois* “em males os maiores”, na proposta de Kirk (2007)



[fonte: produção própria]

Note-se que, nessa derivação, novamente se impõe a questão de como mover *em kakoís* “em males” deixando *in situ* o sintagma DP1, que contém os itens lexicais *toís megístois* “os maiores”. Contudo, aqui não é possível adotar a solução proposta por Kirk (2007) para os DPs descontínuos, visto que não existe nenhum embasamento para se adotar projeções pragmáticas acima do PP que

permitam operações de movimento capazes de separar *en kakoîs* “em males” de *toîs megîstois* “os maiores”. A abordagem de Kirk (2007), que separa os constituintes por meio de múltiplas operações de movimento na sintaxe, apresenta um problema sério à medida que esse critério de movimento sempre precisa ser novamente motivado em termos de valoração de traços formais e presença de projeções pragmáticas na periferia esquerda de cada sintagma passível de ser descontinuamente embaralhado.

Vimos nessa seção, portanto, que Kirk (2007) propõe uma estrutura geral para o sistema D/NP do grego clássico que está em conformidade com os pressupostos teóricos minimalistas que queremos adotar, e que é altamente preditiva no que concerne a ordem linear dos DPs contínuos no grego clássico<sup>94</sup>. Por esse motivo, adotaremos a proposta de estrutura sintática do D/NP proposta por ela para sustentar a análise teórica que será desenvolvida nas próximas seções.

No entanto, apesar do modelo de Kirk (2007) propor um mecanismo pelo qual se pode derivar o fenômeno da descontinuidade, esse mecanismo não é inteiramente satisfatório. Portanto, considero que a proposta de derivação sintática proposta pela autora não é suficientemente explicativa e não iremos adotá-la nesta tese por alguns motivos. Primeiramente, a proposta de Kirk (2007)

---

<sup>94</sup> Mas ver a seção 3.2.2 para maiores comentários acerca de estruturas não previstas dentro do modelo.



frequentemente exige que subconstituintes do DP que não são pragmaticamente marcados sejam movidos para posições de Spec-Top/FocP para que se obtenha a ordem superficial dos constituintes. As operações sintáticas que ocasionam a descontinuidade nesses casos, portanto, são *ad hoc*, e por essa razão não possuem motivação independente.

Além disso, vimos que esse mecanismo não prevê adequadamente a possibilidade de descontinuidade interna ao DP, dado que não prevemos a existência de uma projeção pragmática que sirva de ponto de pouso (*landing site*) para o constituinte pragmaticamente marcado nessas condições. Mais precisamente, reconhece-se que essa teoria requer a existência de projeções pragmáticas (TopP ou FocP) para motivar o movimento de qualquer embaralhamento descontínuo de constituintes no domínio D/NP. Por fim, notamos que essa proposta teórica é incapaz de explicar a descontinuidade de outros sintagmas, como os PPs. Ou seja, a explicação para o fenômeno de descontinuidade dada até agora não é suficientemente abrangente a ponto de explicar as estruturas com constituintes embaralhados descontinuamente de forma geral.

No intuito de contornar os problemas levantados acima, adoto, na próxima seção, a teoria de movimento por cópia, tal como esboçada por Nunes (1995), como alternativa à proposta de derivação de constituintes descontínuos

de Kirk (2007). Esperamos demonstrar que, por meio desse arcabouço teórico, podemos obter uma explicação mais elegante e unificada para o fenômeno do embaralhamento descontínuo no âmbito do DP e do PP.

## **5.2 A PROPOSTA DE MOVIMENTO POR CÓPIA**

Na seção 5.1, avaliamos a proposta de derivação sintática proposta por Kirk (2007) para o sistema D/NP no grego clássico. Observamos que essa proposta segue vários pressupostos teóricos relevantes para nossa tese, e vimos que a estrutura gera corretamente as ordens lineares dos constituintes contínuos da língua. Notamos, contudo, que a explicação fornecida para o fenômeno da descontinuidade nesse modelo deixa algumas lacunas em aberto. Nessa seção, iremos reavaliar o mecanismo computacional que gera a descontinuidade no grego clássico que observamos em nossos dados, pensando em uma alternativa em termos da possibilidade de apagamento espalhado de cópias, tal como é proposto pela teoria de movimento por cópia, desenvolvida por Nunes (1995, 2004).

### **5.2.1 APLICAÇÃO ESQUEMÁTICA DO APAGAMENTO ESPALHADO**

Em conformidade com a teoria de movimento por cópia, dispensa-se a ideia de que haja vestígios sintáticos como resultado de uma operação ‘Mover’

na sintaxe. Nunes (1995, p.72) propõe alternativamente que operações de movimento na sintaxe são o efeito cumulativo de quatro operações sintáticas básicas, a saber: (i) Copiar (*Copy*); (ii) Juntar (*Merge*); (iii) Formar Cadeia (*Form Chain*) e (iv) Reduzir Cadeia (*Chain Reduction*). Consoante Nunes (1995, p.85), quando um elemento sintático é copiado em uma nova projeção, ele forma uma cadeia de elementos não-distintos. A existência de cópias não-distintas numa cadeia, contudo, fere o LCA. Para solucionar tal problema, faz-se necessário lançar mão da operação Reduzir Cadeia, de modo a apagar as cópias repetidas de um elemento sintático na derivação, deixando como resultado apenas uma cópia<sup>95</sup>.

Essa proposta estabelece que, em uma cadeia de elementos não-distintos, os elementos que ocupam as posições inferiores na árvore são *preferencialmente* apagados, pois esta é normalmente a operação mais econômica para que a derivação sintática convirja (NUNES, 1995, p.297). Similarmente, elementos que constituem uma projeção sintagmática não costumam ser individualmente apagados, situação que Nunes (1995) chama de *apagamento espalhado* (*scattered deletion*) (p.276), porque é mais econômico aplicar a operação de apagamento uma única vez no sintagma como um todo.

---

<sup>95</sup> Essa operação deve fazer isso tanto para o componente lógico (LF) quanto o componente fonológico (PF) de acordo com Bošković e Nunes (2007, p.14).

Crucialmente, contudo, estabelece-se que o apagamento de cópias mais altas em uma cadeia de elementos não-distintos e o apagamento espalhado não são *ilícitos* dentro da teoria, mas apenas *subótimos*. Nesse ponto, lembramos que Bošković e Nunes (2007) e Stjepanović (2007) demonstram situações em que condições especiais de convergência demandam que Reduzir Cadeia realize esse tipo de apagamentos. Detalhes dessa análise são desenvolvidos na seção 5.2.2.

Tendo em conta esses pressupostos, considere-se novamente que todos os constituintes descontínuos no grego correspondem, em sua ordem linear interna, a um constituinte contínuo. Acompanhando essa linha de raciocínio, propomos que a única diferença é que os constituintes descontínuos são separados em pedaços distintos quando são linearizados em PF: uma parte do constituinte é pronunciada em uma posição da oração, e o restante em uma posição mais baixa. Retomemos, nesses termos, o embaralhamento descontínuo da ordem básica do sintagma nominal *toîsi patrioîsi theoîsi* ‘os deuses ancestrais’ do exemplo (71), repetido abaixo como (82):

(82) ἔδοξε δὲ **τοῖσι πατρίοισι** μόνον χρᾶσθαι **θεοῖσι**

édoksé=dè                      **toîsi**                      **patrioîsi**  
 achar-3SG.IND.AOR.AT=P2    **os-DAT.PL.M**    **ancestrais-DAT.PL.M**

moûnon            khrâsthai                      **theoîsi**  
 apenas-ADV    louvar-INF.AOR.MP        **deuses-DAT.PL.M**

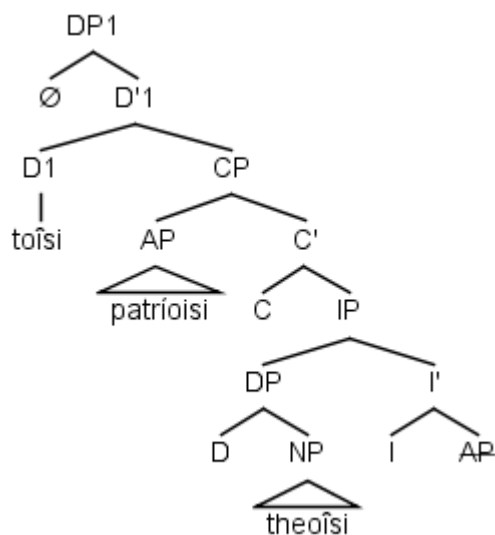
“acharam [correto] louvar apenas os deuses ancestrais”

[Hdt. 1.172.2]

Suponhamos que a ordem básica do D/NP *toîsi patrioîsi theoîsi* “os deuses ancestrais” tenha a estrutura sintática abstrata a seguir:

(83)

**Árvore Sintática 15** – derivação mínima da ordem linear *toîsi patrioîsi theoîsi*



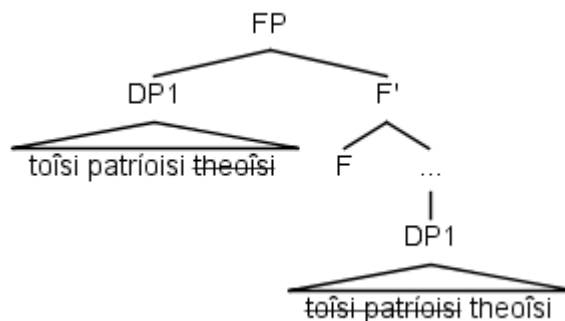
[fonte: produção própria]

Suponhamos que casos de descontinuidade no grego clássico são resultado do apagamento espalhado de um constituinte, de modo que parte dele é pronunciado em uma cópia mais alta, e parte numa cópia mais baixa. Sob essa hipótese, não é preciso realizar nenhuma operação adicional na derivação da estrutura descontínua em (82). Assim, suponhamos também que todo o DP é copiado para uma posição Spec-FP mais alta na oração, para satisfazer a checagem de um traço qualquer. Se estabelecemos, então, que somente os elementos *toîsi patrioîsi* “os ancestrais” são pronunciados na cópia alta de DP1,

enquanto *theōisi* “deuses” é pronunciado na cópia baixa, obtemos a descontinuidade observada, conforme a derivação sintática a seguir.

(84)

**Árvore Sintática 16** – apagamento espalhado de DP1



[fonte: produção própria]

Nota-se, portanto, que o mecanismo de apagamento espalhado pode simplificar consideravelmente a derivação das estruturas embaralhadas e a quantidade de operações necessárias para se obter a ordem sintática de uma sentença como (82), repetida abaixo como (85).

(85) ἔδοξε δὲ **τοῖσι πατρίοισι** μόνον χρᾶσθαι **θεοῖσι**

édoksé=dè                      **toīsi**                      **patriōisi**  
 achar-3SG.IND.AOR.AT=P2    **os-DAT.PL.M**    **ancestrais-DAT.PL.M**

moûnon            khrâsthai                      **theōisi**  
 apenas-ADV    louvar-INF.AOR.MP        **deuses-DAT.PL.M**

“acharam [correto] louvar apenas os deuses ancestrais”

[Hdt. 1.172.2]

Um ponto fundamental a ser ressaltado é que o apagamento espalhado do DP não requer movimentos sintáticos para separar o constituinte em blocos que

podem ser movidos de maneira independente, como propõem Kirk (2007) e Isaac e Kirk (2008). Isso significa que esse mecanismo pode ser facilmente generalizado para outros sintagmas passíveis de descontinuidade, como a sentença com um PP abaixo:

(86) τὴν δὲ πόλιν ἐν κακοῖς οὖσαν τοῖς μεγίστοις

t-èn=dè	pól-in	en	kak-oîs
a-ACC.SG.F=P.	cidade-ACC.SG.F	em	males-DAT.PL.N
oûs-an	t-oîs	megíst-ois	
estando-PART.ACC.SG.F	os-DAT.PL.N	maiores-DAT.PL.N	

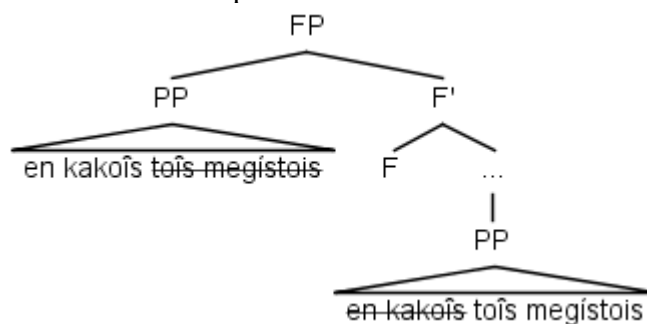
“a cidade sofrendo os maiores males”

[And. 1.51]

Pressupondo a teoria de apagamento espalhado de cópias, não é necessário nenhum tipo de movimento sintático interno a DP ou PP para se separar o constituinte nesse exemplo. Conquanto o PP *en kakoîs toîs megístois* “em os maiores males [lit. em males os maiores]” seja copiado uma única vez durante a computação sintática, ele pode ser, teoricamente, pronunciado em duas posições diferentes. A estrutura seria, esquematicamente, como em (87):

(87)

**Árvore Sintática 17** – Derivação esquemática do apagamento espalhado de um PP



[fonte: produção própria]

Vemos, então, que a aplicação de apagamento espalhado sobre constituintes movidos em bloco pode separar um constituinte em partes distintas de maneira direta. Dessa forma, o apagamento espalhado nos fornece uma explicação mais adequada e elegante do fenômeno da descontinuidade. Até agora, contudo, estamos tratando o apagamento espalhado de maneira informal, pressupondo não só que ele se aplica nos constituintes descontínuos, como também que os elementos pronunciados em cada umas das posições ocupadas pelas cópias estarão em conformidade com os dados.

Precisamos, portanto, formalizar essa proposta de maneira mais sistemática, de modo a deixar evidente como o apagamento espalhado opera no grego clássico. Este será o tema de análise da próxima seção.



### 5.2.2 MOTIVANDO O APAGAMENTO ESPALHADO

Há uma condição necessária para que um constituinte passe por processo de *apagamento espalhado* durante a operação sintática Reduzir Cadeia. Reduzir Cadeia pressupõe que se delete o menor número de termos de uma cadeia para que ela possa ser mapeada numa ordem linear convergente (NUNES, 1995, p.279). Nessa formulação, deletar uma projeção máxima por inteiro é mais econômico que deletar cada um de seus elementos ou subprojeções individualmente, de forma que o apagamento espalhado *normalmente* não ocorre, sendo bloqueado por opções mais econômicas. No entanto, Bošković e Nunes (2007) indicam que existe uma circunstância na qual o apagamento espalhado pode ocorrer:

Thus, the reason why scattered deletion within chains is disallowed in most cases is that it is a costly option. It will be employed just in case competing derivations that employ fewer applications of deletion *violate additional requirements of the phonological component* so that they do not converge. (BOŠKOVIĆ e NUNES, 2007, p.44, grifo nosso)

Para motivar qualquer proposta de apagamento espalhado, portanto, é necessário propor quais são os “requerimentos adicionais do componente fonológico” que impedem uma derivação com uma única aplicação da operação de apagamento sobre a projeção máxima do constituinte movido. Idealmente, essas restrições devem ser independentemente motivadas, para que não existam apenas com a finalidade de motivar esse mecanismo sintático. Nesse sentido,

mencionamos na seção 3.3.2 que identificar restrições fonológicas é uma tarefa ainda mais complexa para o grego clássico, visto que não possuímos evidências orais diretas dessa língua.

Propomos, contudo, que é possível definir restrições fonológicas que motivam o apagamento espalhado no grego clássico principalmente por meio da aplicação de regras fonológicas já existentes na literatura. Se a linearização contínua da cópia alta de um constituinte gerar um conflito entre duas regras fonológicas, aí teremos uma instância de uma violação de um requerimento fonológico, de modo que a operação Reduzir Cadeia é forçada a procurar alternativas que gerem um resultado convergente em PF. Se o apagamento espalhado for a opção mais econômica para obter esse resultado, ele então será a opção escolhida, gerando um constituinte descontínuo na ordem linear.

Observamos, no capítulo 4, que o fenômeno de descontinuidade pode ocorrer até mesmo dentro do domínio do DP. Isso implica que as restrições fonológicas que forcem o apagamento espalhado não estão operando sobre o nível prosódico da frase entoacional (*intonational phrase* –  $\iota$ )<sup>96</sup>. Como o fenômeno opera sobre constituintes, presumimos que as restrições fonológicas relevantes são as que operam no nível da frase fonológica (*phonological phrase* –  $\varphi$ ). Truckenbrodt (1995) resume muitos dos pressupostos teóricos

---

<sup>96</sup> Correspondente ao contorno prosódico da oração como um todo.

fundamentais da relação entre a estrutura sintática gerativista e a hierarquia de níveis prosódicos, e postula que

... there are rules or constraints that relate syntactic-semantic utterances (however that will be defined) to prosodic utterances, clauses and root-elements to intonational phrases, syntactic XPs to phonological phrases, and syntactic X<sup>0</sup>s to prosodic words. (TRUCKENBRODT, 1995, p.28)

Nesse sentido, vamos nos concentrar nas frases prosódicas  $\varphi$  definidas pelas projeções máximas que são movidas (i.e., copiadas) na derivação sintática, especificamente para aqueles movimentos que podem gerar descontinuidade. Truckenbrodt (1995) estabelece a relação entre frases fonológicas, projeções sintáticas e acento frasal a partir de três restrições:

Wrap-XP: Each lexically headed XP must be contained inside a [phonological phrase]  $\varphi$ . (TRUCKENBRODT, 1995, p.81)

Stress-XP: Each lexically headed XP must contain a phrasal stress  $x_\varphi$ . (TRUCKENBRODT, 1995, p.226)

Align ( $\varphi$ , R,  $x_\varphi$ , R): Align each right edge of  $\varphi$  with a grid mark that heads that  $\varphi$ .

Prominence is then assigned rightmost within  $\varphi$ ... (TRUCKENBRODT, 1995, p.119)

Essa última regra será particularmente importante para nossa argumentação. Vamos reescrevê-la de maneira mais clara, para contemplar imediatamente a posição que o acento vai tomar:

(88) Alinhar- $\varphi$ ,R: alinhe a borda direita de cada  $\varphi$  com a borda direita de cada

$x_\varphi$ .

Dito de maneira mais informal, as regras fonológicas de Truckenbrodt (1995) estabelecem que:

- (a) Syntactic phrases must be contained in phonological phrases.
- (b) Phonological phrases must have edgemost phrasal prominence.
- (c) Syntactic phrases must contain phrasal prominence. (TRUCKENBRODT, 1995, p.3)

Essas restrições definem, portanto, que em geral a proeminência prosódica de  $\varphi$  fica na sua borda direita<sup>97</sup>. Dado o LCA e a teoria de cópia, a borda direita de uma frase fonológica será o elemento pronunciável que ocupa a posição mais baixa numa cadeia de c-comando assimétrico<sup>98</sup>. Dessa maneira, identificamos na sintaxe qual elemento deve receber o acento frasal de acordo com essas restrições fonológicas.

O estatuto informacional dos elementos que compõem o constituinte, contudo, pode exigir que o acento frasal se encontre em outra posição na frase fonológica  $\varphi$ . Esse é um princípio bem estabelecido para a categoria Foco na

---

<sup>97</sup> A intuição geral de que o acento de um constituinte prosódico fica na sua margem direita também é capturada pela Regra do Acento Nuclear (Nuclear Stress Rule – NSR) em diversas de suas manifestações, quando sua aplicação é considerada cíclica (i.e., se aplicando a todos os níveis prosódicos, e não apenas a  $t$  ou  $v$ ).

<sup>98</sup> Podemos obter basicamente o mesmo resultado a partir de uma aplicação no nível  $\varphi$  do C-NSR, ou seja, o NSR sensível às relações de c-comando assimétricas (ZUBIZARRETA apud. STJEPANOVIĆ, 2007, p.231). Não adotamos essa teoria diretamente, contudo, porque Zubizarreta (1998) assume que o NSR só define a posição do acento primário de uma frase (p.40), de modo que não se aplica no nível prosódico que estamos examinando.

literatura de acento prosódica<sup>99</sup>. Selkirk (1995), contudo, ilustra a importância da distinção entre informação nova e velha (ou dada) para a marcação prosódica dos constituintes sintáticos, independentemente da marcação de Foco. A autora sugere que

The F-marking that is posited in the theory of focus projection proposed above has a role to play in defining the given-new articulation (the “information. structure”) of the sentence. It appears to be the case that F-marked constituents which are not a Focus are interpreted as new in the discourse, while a constituent without F-marking is interpreted as given. A Focus constituent, on the other hand, may be interpreted as either given or new in the discourse. (SELKIRK, 1995, p.556)

Uma regra prosódica simples define qual a relação entre esse traço F e o acento prosódico:

(89) Regra Básica do Foco (*Basic Focus Rule*)  
Uma palavra com acento é F-marcada<sup>100</sup>

Nesses termos, então, postularemos que elementos com um traço de proeminência informacional [+F]<sup>101</sup> devem receber o acento frasal em detrimento de elementos marcados como [-F]. Mas isso significa que os requerimentos de acento frasal na borda direita e os de acento frasal em elementos [+F] podem

<sup>99</sup> “The accounts of assignment of p-stress [phrasal stress] agree insofar they acknowledge that focus as well as syntactic structure have a role to play in this assignment.” (TRUCKENBRODT, 2006, p.574)

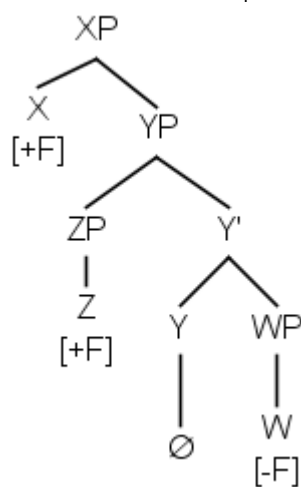
<sup>100</sup> Traduzido de Selkirk (1995, p.556): “Basic Focus Rule: An accented word is F-marked”.

<sup>101</sup> Propomos que a proeminência informacional do traço [F] aqui ocorre de duas maneiras: ou por ser informação nova, ou por ser informação dada apresentada em função contrastiva. Assim, informação nova, quer faça parte do Foco definido a nível oracional ou não, é considerada pelos falantes como mais importante que informação considerada dada, e por isso é mais proeminente. Similarmente, o contraste coloca atenção especial na variável apresentada na proposição, negando a relevância das demais alternativas, e, portanto, também é proeminente.

entrar em conflito. Especificamente, se um elemento marcado [+F] c-comanda somente elementos marcados como [-F], ele requer que o acento frasal recaia sobre ele<sup>102</sup>. Isso, contudo, vai contra a restrição Alinhar- $\phi$ ,R, que exige que o acento recaia sobre o elemento pronunciável mais baixo na cadeia de c-comando assimétrica da projeção em questão. Uma situação desse tipo está esquematicamente representada em (90):

(90)

**Árvore Sintática 18** – conflito esquemático entre a Regra Básica do Foco e Alinhar- $\phi$ ,R



[fonte: produção própria]

Suponha que em (90) XP é uma projeção que irá definir, por meio de Envolver-XP, uma frase fonológica  $\phi$ . A Regra Básica do Foco exige que o acento frasal  $x_\phi$  seja aplicada sobre Z, já que ele é um elemento [+F] que c-

<sup>102</sup> Note-se a similaridade entre essa formulação e a Regra de Proeminência de Foco (FPR) proposta por Zubizarreta (1998), usada por Stjepanović (2007) para motivar o apagamento espalhado no servo-croata. O motivo que evitamos utilizar a formulação de Zubizarreta (1998), aqui, é que essa autora concebe o traço F como codificador de foco, apenas.

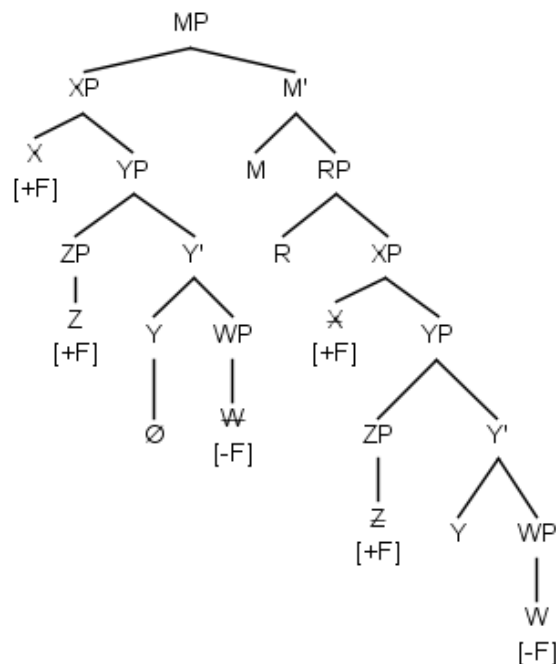
comanda apenas itens lexicais [-F]. Alinhar- $\varphi$ ,R, contudo, prevê que  $x_\varphi$  recaia sobre W, pois esse é o elemento assimetricamente c-comandado por todos os itens lexicais de XP.

Se tanto Alinhar- $\varphi$ ,R quanto a Regra Básica do Foco forem restrições invioláveis no grego clássico, XP não pode ser pronunciado em uma única frase fonológica  $\varphi$ . Se o constituinte XP tiver sido copiado na derivação, a operação Reduzir Cadeia tem a opção de realizar apagamento espalhado sobre XP, separando esse constituinte em duas frases fonológicas<sup>103</sup> que, individualmente, podem convergir. Isso está ilustrado em (91):

---

<sup>103</sup> Note-se que essa ideia encontra motivação independente. Markovic (2006), por exemplo, diz que “The use of hyperbaton for signaling or reinforcing the end of syntactical and semantic units belongs to the features of oral tradition” (p.128-9).

(91)

**Árvore Sintática 19:** derivação esquemática de apagamento espalhado

[fonte: produção própria]

A derivação em (91) resolve o impasse entre as duas regras de acento frasal por meio do apagamento espalhado. Se a operação Reduzir Cadeia apagasse a cópia inferior de XP por inteiro, estaria enviando uma ordem linear para PF que geraria uma frase fonológica  $\emptyset$  incapaz de convergir.

No entanto, qualquer operação que gera um resultado que não converge não pode ser considerada econômica. Consequentemente, uma aplicação de Reduzir Cadeia com um número maior de apagamentos se torna economicamente viável. Assim, Reduzir Cadeia apaga os elementos de XP individualmente, e consequentemente cria duas frases fonológicas para esse constituinte em duas



posições distintas da oração. Desse modo, as regras de proeminência fonológica convergem em cada uma dessas frases fonológicas, e a derivação é lícita.

De acordo com Bošković e Nunes (2007, p.43), Reduzir Cadeia é uma operação que representa “as computações do componente fonológico que ‘preparam’ cadeias para a linearização”. É por isso, portanto, que essa operação é sensível a restrições fonológicas, e capaz de ajustar seu *output* de forma a garantir um objeto  $\pi$  em PF convergente.

Contudo, Santos (2002, p.82), com base em seu estudo da retração do acento no português brasileiro, conclui que “o apagamento de cópias [i.e., a operação Reduzir Cadeia] se dá antes que o acento [fonológico] seja computado”<sup>104</sup>. Essa conclusão parece, a princípio, ser contrária ao mecanismo que estamos propondo aqui. Afinal, não estamos dependendo de regras de definição do acento fonológico para determinar quais cópias que Reduzir Cadeia irá apagar ou não?

Arguimos, contudo, que essa contradição é apenas aparente. Isso porque Reduzir Cadeia não precisa interagir diretamente com as regras que irão definir o acento fonológico, mas somente com as estruturas e traços sintáticos que irão

---

<sup>104</sup> A evidência para essa conclusão é a diferença na retração do acento prosódico dependente da presença ou não de um ‘vestígio’ (i.e. uma cópia deletada) ou de um elemento *pro* na estrutura sintática. De acordo com a autora, “como o Parsing Prosódico deve ocorrer depois de Linearizar e deve levar em conta *pro*, esses fatos indicam que a ordenação das operações é: Redução de Cadeias >> Linearizar >> Parsing Prosódico>>FF-Elimination” (Santos, 2002, p.82).

informar a posição do acento fonológico. Dito de outro modo, Reduzir Cadeia não precisa antecipar o que vai ocorrer no *Parsing* Prosódico<sup>105</sup> para determinar que a estrutura em PF não será convergente. Reduzir Cadeia só precisa reconhecer o fato de que a existência de elementos [+F] c-comandando assimetricamente elementos [-F] dentro de uma projeção máxima fásica<sup>106</sup> gerará uma forma PF não convergente.

Na próxima seção, o objetivo é desenvolver com dados empíricos como esse mecanismo pode ser aplicado para derivar as estruturas sintáticas que apresentam o embaralhamento descontínuo dos constituintes no grego clássico.

---

<sup>105</sup> I.e., Reduzir Cadeia não precisa fazer *Look Ahead* para uma operação posterior.

<sup>106</sup> Assumindo que projeções enviadas ciclicamente para *Spell-Out* são boas candidatas para formar os diversos constituintes prosódicos dos níveis  $\varphi$ ,  $\iota$ , e  $\upsilon$ , direta ou indiretamente. Para uma discussão sobre a relação entre fases e domínios prosódicos, ver Cheng e Downing (2016).

### 5.3 APLICAÇÃO DO APAGAMENTO ESPALHADO NO GREGO CLÁSSICO

Nessa seção, vamos ilustrar como as restrições fonológicas mencionadas na seção anterior ocasionam o fenômeno do apagamento espalhado no grego clássico.

Na subseção 5.3.1, ilustramos como o apagamento espalhado opera sobre DPs descontínuos no nível da oração. A subseção 5.3.2 exemplifica como nossa proposta é capaz de lidar também com constituintes descontínuos internos a um DP. A subseção 5.3.3 demonstra que o mecanismo do apagamento espalhado não se aplica em algumas instâncias, de modo que também prevê corretamente a ocorrência de movimento de constituintes que *não* geram descontinuidade.

#### 5.3.1 APAGAMENTO ESPALHADO DE UM DP NA ORAÇÃO

Nesta subseção, ilustraremos como o apagamento espalhado pode gerar um DP descontínuo no nível da oração. Para tal, tenhamos a sentença abaixo:

(92) ἔδοξε δὲ **τοῖσι πατρίοισι** μόνον χρᾶσθαι **θεοῖσι**

édoksé=dè                      **toîsi**                      **patríoisi**  
 achar-3SG.IND.AOR.AT=P2    **os-DAT.PL.M**    **ancestrais-DAT.PL.M**

moûnon            khrâsthai                      **theoîsi**  
 apenas-ADV    louvar-INF.AOR.MP    **deuses-DAT.PL.M**

“acharam [correto] louvar apenas os deuses ancestrais”

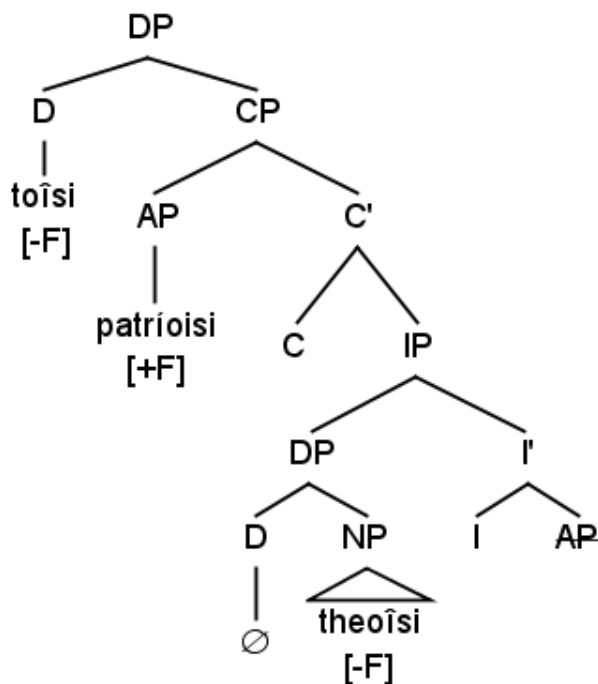
[Hdt. 1.172.2]

No contexto dessa oração, os costumes de um certo povo estão sendo discutidos (em Hdt. 1.172.1-2). Heródoto conta que eles haviam começado a seguir “ritos estrangeiros” (*hirôn kseinikôn*), mas que mudaram de ideia. É nesse ponto que se insere (92). Para o DP *toîsi patríoisi theoîsi* “os deuses ancestrais”, podemos dizer que o elemento *patríoisi* “ancestrais” possui foco contrastivo com os ‘ritos estrangeiros’, e deve ser marcado como [+F]. Já *theoîsi* “deuses”, por outro lado, é considerado uma informação já dada no contexto, pois o autor assume aqui que ritos implicam deuses a quem eles são direcionados. Portanto, *theoîsi* “deuses” é marcado como [-F].

A derivação do DP *toîsi patríoisi theoîsi* “os deuses ancestrais”, incluindo a marcação do traço [F] dos itens lexicais, é dada em (93):

(93)

**Árvore Sintática 20** – derivação de *toîsi patríoisi theoîsi* “os deuses ancestrais” com a marcação do traço [F]



[fonte: produção própria]

Em (93), vemos que, pela Regra Básica do Foco, a palavra *patríoisi* “ancestrais” deve receber o acento frasal do constituinte. Alinhar- $\varphi$ ,R, contudo, estipula que *theoîsi* “deuses” receba esse acento frasal. Acento-XP postula que cada frase fonológica ( $\varphi$ ) deve conter apenas uma instância de acento frasal ( $x_\varphi$ ). Mas se exige que tanto *patríoisi* “ancestrais” quanto *theoîsi* “deuses” recebam  $x_\varphi$  – portanto, há um conflito entre a Regra Básica do Foco e Alinhar- $\varphi$ ,R.

As línguas podem empregar soluções diferentes para esse conflito, frequentemente através do ranqueamento das restrições. Contudo, a tese que desenvolverei nesse trabalho é a de que o grego clássico trata tanto a Regra

Básica do Foco e Alinhar- $\varphi$ ,R como restrições invioláveis. Nessas condições, temos as restrições fonológicas necessárias para licenciar o fenômeno do apagamento espalhado. A estrutura em (93) não converge se ela for toda pronunciada na mesma frase fonológica ( $\varphi$ ).

Mas o DP *toîsi patrîosi theôisi* “os deuses ancestrais” é copiado pelo menos uma vez na oração<sup>107</sup>, e, portanto, forma uma cadeia de elementos não-distintos. Então, é preciso que Reduzir Cadeia apague cópias desse DP até que ele possa ser linearizado. Se Reduzir Cadeia apagar a cópia alta de *theôisi* “deuses”, de modo que *patrîosi* “ancestrais” passe a ocupar a borda direita de  $\varphi$ , tanto a Regra Básica do Foco quanto Alinhar- $\varphi$ ,R convergem em *patrîosi*, e não haverá, portanto, qualquer violação fonológica.

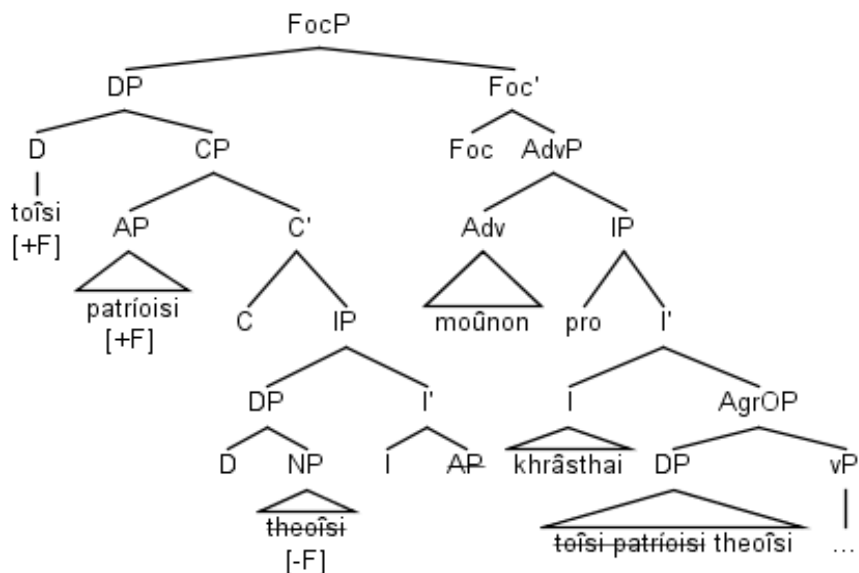
A derivação proposta para a parte relevante da oração subordinada infinitiva em questão, portanto, terá como representação a estrutura sintática delineada abaixo:

---

<sup>107</sup> Assumiremos, na árvore sintática que apresentaremos a seguir, que o DP foi movido duas vezes: uma para checar Caso dativo, e outra para ocupar a projeção pragmática de foco da oração. Essa série de movimentos parece obter a ordem correta da oração infinitiva como um todo.

(94)

**Árvore Sintática 21** – Derivação de *toîsi patrioisi moûnon khrâsthai theoîsi* “só louvar os deuses ancestrais” por meio do apagamento espalhado do DP



[fonte: produção própria]

Em (94), a cópia de DP em Spec-FocP é uma fase, de modo que assim que essa projeção é derivada, é enviada para Spell-Out. Uma vez em PF, o mapeamento prosódico será realizado sobre essa estrutura<sup>108</sup>. Envolver-XP requer que esse DP esteja contido numa frase fonológica  $\varphi$ . Porém, Alinhar- $\varphi$ ,R e a Regra Básica do Foco irão definir dois pontos distintos para receber acento frasal  $x_\varphi$  para esse  $\varphi$ . Para evitar essa violação, que impede a convergência da derivação, Reduzir Cadeia apaga a cópia alta de toda a estrutura c-comandada pelo elemento [-F] (*patrioisi*, “ancestrais”) na estrutura – ou seja, apaga *theoîsi*

<sup>108</sup> Vide Truckenbrodt (1995, p.226), que assume que o mecanismo de proeminência fonológica faz uma mediação entre a sintaxe e a fonologia.

“deuses”. Alinhar- $\phi$ ,R e a Regra Básica do Foco convergem no mesmo elemento, e *patróisi* é marcado com  $x_\phi$ .

Subsequentemente, quando o mapeamento prosódico é aplicado sobre IP e seus subconstituintes, ele observa que há cópias de uma cadeia não-trivial em DP que ainda não foram linearizadas (especificamente, *theoîsi* “deuses”). A essa altura, contudo, os elementos [+F] que c-comandam *theoîsi* “deuses” já foram apagados na cópia inferior do DP, de modo que a Regra Básica do Foco não faz nenhuma exigência sobre o acento frasal da cópia do DP em Spec-AgrOP. Alinhar- $\phi$ ,R define que o acento frasal de uma nova frase fonológica  $\phi$  recaia sobre *theoîsi* “deuses”, e a derivação converge.

### 5.3.2 APAGAMENTO ESPALHADO INTERNO AO DP

Demonstraremos a seguir como nossa proposta é capaz de gerar DPs descontínuos internos a outros DPs. Considere-se o dado a seguir:



(95) ἀλλ’ ἀκριβῶς εἰδέναι τοὺς ταύτη χρωμένους τῇ ἐργασίᾳ

all’ akribōs eidénai toùs  
mas precisamente saber-INF.PERF.AT os-ACC.M.PL

**taútēi** khrōménous  
**essa-DAT.F.SG** praticar-PART.PRES.MED.ACC.M.PL

**têi** ergasíai  
**a-DAT.F.SG** profissão-DAT.F.SG

“[os homens que compram o direito de cobrar os impostos de prostituição não adivinham,] mas sabem precisamente quem são *os praticantes dessa profissão*”

[Ésq. 1.119]

Nossa atenção nesse dado se volta para o DP acusativo *toùs taútēi khrōménous tēi ergasíai* “os praticantes dessa profissão” (lit., “os essa praticantes a profissão”), especificamente por observarmos um DP dativo, *taútēi tēi ergasíai* “essa profissão”, embaralhado descontinuamente em seu interior. Para avaliar o que gera essa ordem descontínua dentro do DP acusativo, vamos primeiro considerar o contexto dessa oração.

Nesse discurso, o orador, Ésquines, acusa um cidadão de ter se prostituído. No trecho específico do exemplo acima, ele está antecipando argumentos que seu oponente<sup>109</sup> utilizaria em sua defesa. Um desses argumentos seria o fato de que Atenas vendia o direito de cobrar os impostos de prostituição para cidadãos comuns, e os homens que compravam esse imposto, portanto, saberiam dizer

<sup>109</sup> No caso, o orador Demóstenes, que falaria em defesa do acusado, Timarco.

quem se prostituiu. Por isso, deveriam servir como testemunhas fundamentais para provar a acusação de Ésquines<sup>110</sup>. É nesses termos que o trecho diz “os que compram esse imposto [da prostituição] não adivinham, *mas sabem precisamente quem são os praticantes dessa profissão*” (Ésq.1.119, grifo nosso)<sup>111</sup>.

A proposição no dado (95), portanto, primariamente tem foco contrastivo em *akribōs eidénai* “saber precisamente”, em contraposição ao “adivinhar” (*eikázein*) da frase anterior. Contudo, há um segundo contraste implícito na frase: entre a profissão de se prostituir, de um lado, e quaisquer outras profissões, do outro, uma vez que é a respeito *dessa* profissão que se informam os coletores desse imposto. Nesse sentido, *taútēi* “essa”, como elemento que faz referência especificamente à atividade da prostituição no constituinte acusativo como todo, é mais saliente que os demais itens lexicais desse DP<sup>112</sup>.

Dessa forma, propomos que o DP dativo *taútēi tēi ergasíai* “essa profissão” possui uma estrutura sintática como a ilustrada a seguir:

---

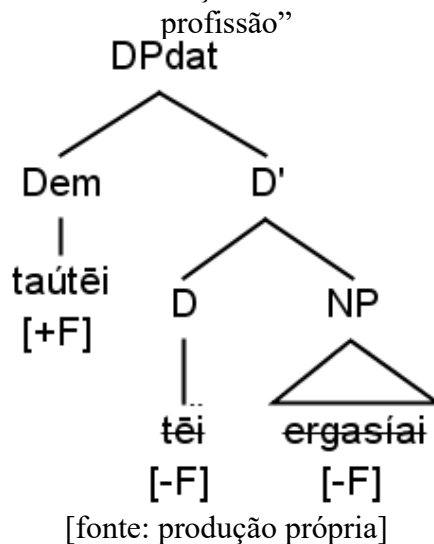
<sup>110</sup> Esse argumento seria utilizado pela defesa porque Ésquines não dispunha de tais testemunhas.

<sup>111</sup> No grego original: “τοὺς πριαμένους τὸ τέλος οὐκ εικάζειν, ἀλλ’ ἀκριβῶς εἰδέναι τοὺς ταύτη χρωμένους τῇ ἐργασίᾳ” (Ésq. 1.119)

<sup>112</sup> Onde tanto *khroménous* “praticantes” e *ergasíai* “profissão” são elementos facilmente inferidos no contexto, e pouco informativos por si só: os coletores em questão aqui não sabem sobre ‘praticantes’ nem sobre ‘profissões’ em geral, nem mesmo sobre ‘praticantes de profissões’ quaisquer, mas apenas sobre praticantes dessa profissão de prostituição em específico.

(96)

Árvore Sintática 22 – Derivação do DP *taútēi tēi ergasíai* “essa profissão”



Em (96), *taútēi* “essa” está marcado com um traço [+F] não por se tratar de um elemento novo no discurso, mas por ter um valor contrastivo implícito que o torna mais pragmaticamente marcado<sup>113</sup>. Contudo, esse DP dativo é apenas um subconstituente do DP acusativo que estamos analisando. Mais especificamente, ele serve como argumento do particípio *chrōménous* “praticantes/os que praticam”, que nessa oração opera como um NP<sup>114</sup>.

Deixando de lado a discussão sobre qual é a estrutura exata de um particípio substantivo, vamos representá-la tentativamente da seguinte forma: um

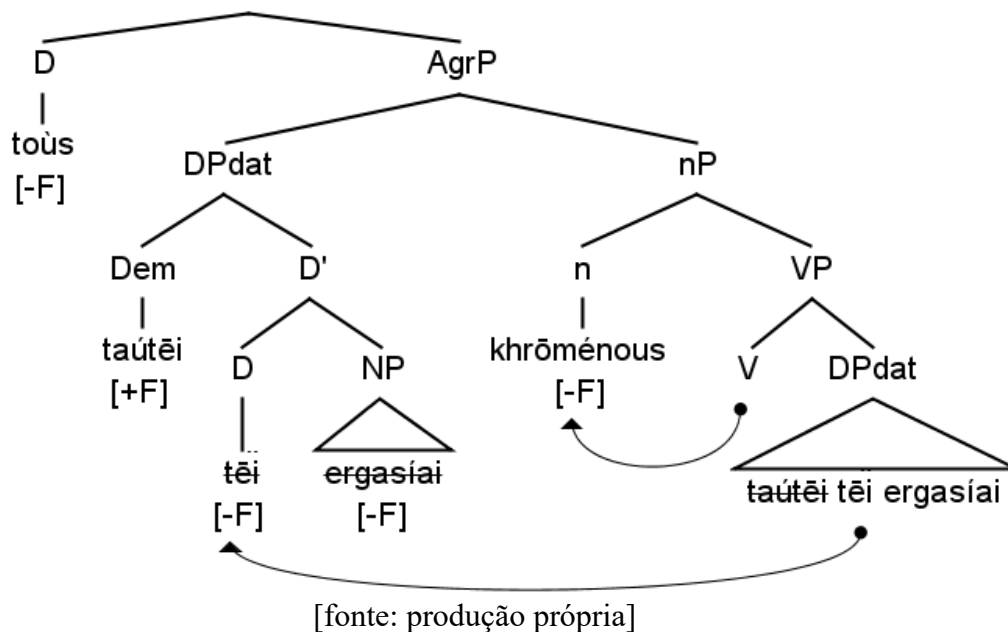
<sup>113</sup> Vide Bakker (2009, p.88): “Pragmatic marking is understood to mean that the marked constituent is implicitly or explicitly contrastive, or otherwise the most salient element of the NP”.

<sup>114</sup> Vide Jaszczynski (2021, p.9): “Another use of participle [...] is the substantive participle. If a participle is accompanied by the definite article in Classical Greek or the demonstrative in Homeric Greek, it becomes substantivized and acts like a noun.”

VP que toma o DP dativo como complemento, e que é por sua vez adjungido como complemento de uma projeção nP. O núcleo V é movido para adjungir-se ao núcleo n, e o DP dativo é copiado para uma projeção AgrP acima dele, conforme ilustrado abaixo.

(97)

**Árvore Sintática 23** – Derivação do DP *toùs taútēi khrōménous tēi ergasíai* “os praticantes dessa profissão”  
DPacc



O apagamento espalhado aqui ocorre da mesma forma como o DP embaralhado na oração, como na derivação apresentada em (94). Para obter esse resultado, precisamos apenas assumir que o grego antigo aceita a projeção de frases fonológicas  $\varphi$  recursivamente, umas dentro das outras<sup>115</sup>. Se esse for o

<sup>115</sup> Note-se que a opção de criar frases fonológicas  $\varphi$  recursivas somente é possível quando temos uma projeção sintática capaz de criar sua própria  $\varphi$  dentro de uma outra projeção capaz do mesmo

caso, uma estrutura como (97) já delimita duas frases fonológicas: uma para o DP acusativo como um todo (que podemos chamar de  $\varphi_{acc}$ ), e outra contida dentro dessa primeira  $\varphi$  para o DP dativo ( $\varphi_{dat}$ ), conforme ilustrado abaixo.

(98) [ $\varphi_{acc}$  [ $\varphi_{dat}$  ]]

Nessas condições, Alinhar- $\varphi$ ,R e a Regra Básica do Foco entram em conflito em  $\varphi_{dat}$  da mesma forma como descrito antes: cada uma tenta estabelecer  $x_\varphi$  em um elemento diferente (i.e., a Regra Básica do Foco em *taútēi* e Alinhar- $\varphi$ ,R em *ergásiai*). A derivação na qual Reduzir Cadeia lineariza o DP dativo continuamente, apagando a cópia mais baixa da projeção  $DP_{dat}$  como um todo, portanto, é descartada, pois não converge.

Consequentemente, a opção mais custosa de apagar cada elemento da projeção  $DP_{dat}$  separadamente se torna viável, e as cópias altas de *tēi* e *ergásiai* são apagadas para permitir que Alinhar- $\varphi$ ,R e a Regra Básica de Foco convirjam em *taútēi*, de modo que esse elemento recebe  $x_\varphi$ . Uma vez que o elemento com traço [+F] recebe  $x_\varphi$ , ele satisfaz a Regra Básica de Foco, e, portanto, essa regra não entrará mais em conflito com Alinhar- $\varphi$ ,R. É exatamente isso que ocorre em  $\varphi_{acc}$ . Alinhar- $\varphi$ ,R determina  $x_\varphi$  para essa frase fonológica livremente no item lexical mais profundamente c-comandado na estrutura linear, *ergásiai*

---

feito. Assim, um AP marcado [+F], por exemplo, não pode criar  $\varphi$  recursivamente para satisfazer a Regra Básica do Foco.

“profissão”, pois apesar de *taútēi* “essa” ser um elemento [+F] que c-comanda esse item lexical, ele já recebeu  $x_{\phi}$ .

Note-se que o cerne da proposta não depende muito de nenhuma configuração exata de como o particípio e o DP dativo são gerados dentro do DP acusativo. Conquanto seja possível justificar um movimento do DP dativo que ‘atravesse’ o núcleo onde o particípio *khroménous* “praticantes” se encontra, é possível gerar a descontinuidade observada nesse dado.

### 5.3.3 MOVIMENTO SEM APAGAMENTO ESPALHADO

Uma última questão que devemos avaliar com relação à essa proposta de apagamento espalhado como motivação da descontinuidade de constituintes no grego clássico é se ela não é excessivamente produtiva. Mais precisamente, precisamos averiguar como constituintes contínuos normais podem ser gerados e movidos para posições diferentes na oração sem induzir o apagamento espalhado. Essa é a questão que abordaremos a seguir. Considerem-se os seguintes dados:

(99) πολλήν γὰρ πάνυ κατέλιπεν ὁ πατήρ αὐτῷ οὐσίαν

**pollèn=gàr**                      pánu                      katélipen  
**muitas-ACC.SG.F=P2**      muito-ADV      legou-3SG.IND.AOR.AT

ho                      patèr                      autῶi                      **ousían**  
o-NOM.M.SG      pai-NOM.M.SG      próprio-DAT.SG.M      **posses-ACC.SG.F**

“Pois o pai legou ao próprio realmente muitas poses”

[Ésq. 1. 42]

(100) καίτοι, ὃ ἄνδρες, οὐκ ὁ πατήρ αὐτῷ τὴν πολλήν οὐσίαν κατέλιπεν

καίτοι,      ὃ ἄνδρες,                      oukh      ho                      patèr  
ademais,      senhores-VOC.PL.M,      NEG.      o-NOM.SG.M      pai-NOM.SG.M

autῶi                      **tèn**                      **pollèn**  
próprio-DAT.SG.M      **as-ACC.SG.F**      **muitas-ACC.SG.F**

**ousían**                      katélipen  
**posses-ACC.SG.F**      legou-3SG.IND.AOR.AT

“Além disso, senhores, o pai não legou ao próprio as muitas poses”

[Iseu 5.37]

Conforme discutimos na introdução desta tese, essas duas orações são bastante similares no que diz respeito aos itens lexicais que as compõem. No entanto, observamos uma ordem bastante diferente entre elas. Além disso, e mais crucialmente para nossa discussão aqui, em (99) o DP acusativo *pollèn ousían* “muitas poses” se encontra embaralhado descontinuamente, enquanto em (100) *tèn pollèn ousían* “as muitas poses” se encontra contínuo.

Sendo que temos duas estruturas sintáticas muito parecidas aqui, por que ocorre fenômeno de apagamento espalhado em (99), gerando a descontinuidade,

mas o mesmo não se observa em (100)? Antecipando um pouco a resposta, o motivo tem a ver com como se dá a marcação do traço [F] em cada um dos DPs acusativos nos exemplos acima. Nosso intuito nesta seção é indicar como nossa proposta teórica é capaz de lidar também com os casos em que o apagamento espalhado *não* ocorre.

Começamos pelo caso de descontinuidade, cujo funcionamento já nos é familiar a partir dos casos analisados nas subseções 5.3.1 e 5.3.2. Supomos que qualquer DP acusativo é gerado como complemento de VP, e se move para checar Caso acusativo em uma projeção acima de  $\nu P$ <sup>116</sup>. Em (99) especificamente, contudo, vemos que o primeiro item lexical do constituinte *pollèn ousían* “muitas posses” ocupa uma posição na periferia esquerda da oração, enquanto o segundo ocupa o final da oração.

Seguindo as hipóteses de que a ordem do grego clássico é determinada (em parte) pela estrutura informacional-discursiva da oração, nosso primeiro passo ao analisar qualquer dado é observar o contexto da enunciação. Em Ésquines 1.41, o orador narra que o jovem que ele está acusando, Timarco, havia aceitado morar na casa de um homem chamado Misgolas em troca de dinheiro, implicando que

---

<sup>116</sup> Que estamos tentativamente chamando de AgrOP. Essa formulação específica da estrutura sintática da oração foi adotada meramente para nossa conveniência e familiaridade, mas também não é necessária para a proposta. Nossa hipótese se adequa igualmente a estruturas mais enxutas do VP, pois o mecanismo que gera a descontinuidade não depende de nenhuma projeção específica para seu funcionamento.



estava, portanto, se prostituindo a ele. Ésquines sugere que Timarco fez isso por pura lascívia e ganância, e não por precisar do dinheiro para sua sobrevivência, já que não passava por nenhuma necessidade (Ésq. 1.42). É aí que Ésquines produz a oração (101) abaixo:

(101) **πολλὴν γὰρ πάνυ κατέλιπεν ὁ πατήρ αὐτῷ οὐσίαν**

**pollèn=gàr**                      **pánu**                      **katélipen**  
**muitas-ACC.SG.F=P2**      **muito-ADV**              **legou-3SG.IND.AOR.AT**

**ho**                      **patèr**                      **autῶi**                      **ousían**  
**o-NOM.M.SG**              **pai-NOM.M.SG**      **próprio-DAT.SG.M**      **posses-ACC.SG.F**

“Pois o pai legou ao próprio realmente muitas poses”

[Ésq. 1. 42]

Receber uma herança do pai era a principal forma pela qual se esperava que atenienses (particularmente da elite) obtivessem os recursos com os quais vivessem suas vidas<sup>117</sup>. Nesse sentido, o orador trata a menção ao fato de que Timarco não passava por necessidades como suficiente para tratar *katélipen* “legar”, *patèr* “pai” e *ousían* “poses” como informações já cognitivamente disponíveis no contexto da enunciação. Ora, pode-se assumir que, se um jovem como Timarco possuía recursos, presumivelmente é porque recebeu alguma herança do pai.

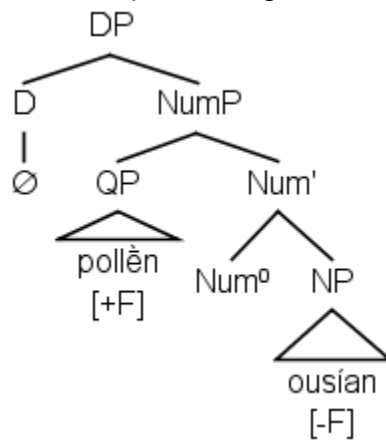
---

<sup>117</sup> Para uma discussão mais aprofundada sobre a centralidade das heranças para a manutenção da unidade familiar central na sociedade ateniense, ver Furtado (2019, p.18-20 e 24-28).

O ponto que Ésquines quer enfatizar, então, é o da quantidade de posses que fora recebida. Por este motivo, *pollèn* “muitas” recebe marcação de foco na oração. Essa é, portanto, a informação nova no discurso que ele quer transmitir aos interlocutores<sup>118</sup>. O DP *pollèn ousían* “muitas posses” possui, então, uma estrutura sintática com marcação do traço [F] nos seguintes termos:

(102)

**Árvore Sintática 24** – Derivação do DP *pollèn ousían* “muitas posses”



[fonte: produção própria]

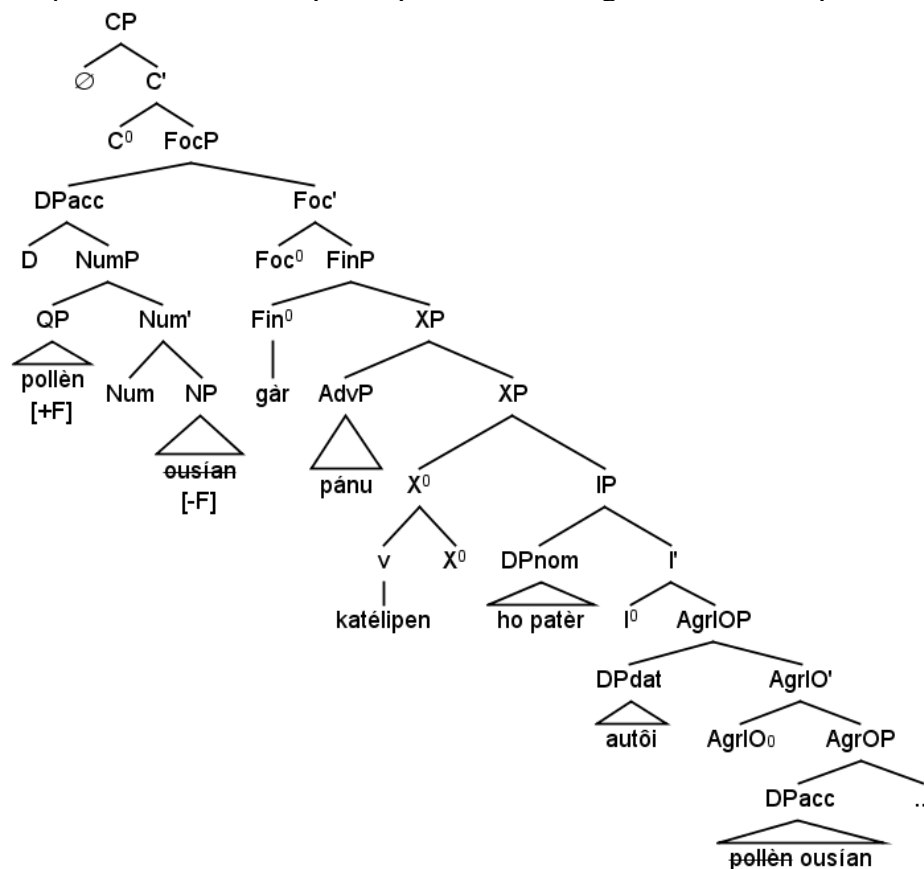
Como podemos observar, a estrutura em (102) segue o mesmo padrão que observamos nos exemplos anteriores: o único constituinte marcado [+F] no constituinte c-comanda outro item lexical que é marcado como [-F]. Conforme discutido na seção 5.2.2, essa situação leva a um conflito entre Alinhar- $\phi$ ,R e a Regra Básica de Foco, tal que tentar atribuir uma única frase fonológica  $\phi$  a essa estrutura gera um objeto não-convergente em PF.

<sup>118</sup> Note-se que, onde quer que se encaixe e qual o seu escopo na oração, o advérbio *pánu* “realmente/muito” reforça ainda mais a ideia de uma grande quantidade de posses legadas.

Por esse motivo, dado que o DP *pollèn ousían* “muitas posses” foi copiado ao menos uma vez, para ocupar a posição de foco na periferia esquerda da oração, a operação Reduzir Cadeia apaga a cópia alta do elemento [-F] comandado pelo elemento [+F] no DP. Essa aplicação de apagamento espalhado irá garantir que o constituinte não seja todo pronunciado numa única frase fonológica  $\varphi$  que seria incapaz de convergir. A estrutura geral da oração, portanto, poderia ser algo como a seguinte ilustração:

(103)

**Árvore Sintática 25** – Derivação da oração *pollèn gâr pânu katélipen ho patèr autôî ousían* “pois o pai realmente legou a ele muitas posses”



[fonte: produção própria]

Alguns detalhes sobre nossa proposta para (103) são bastante tentativos, como a natureza exata da projeção em que o advérbio se encaixa, bem como a natureza do movimento do verbo<sup>119</sup>, mas todas essas questões são irrelevantes

<sup>119</sup> Ambos simplificados em torno de uma projeção genérica XP na árvore. Similarmente, a posição do clítico de segunda posição *gâr* “pois/portanto” foi apenas tentativamente identificada com o núcleo Fin<sup>0</sup> proposto por Rizzi (1997) como meio de gerar corretamente a ordem observada.

para o ponto fundamental de nossa proposta. O que importa, como nos exemplos anteriores, é o mecanismo pelo qual a marcação [F] faz com que o constituinte seja pronunciado descontinuamente. Especificamente, o fato de que é preciso que um elemento [+F] c-comande assimetricamente apenas elementos [-F] para ocasionar o conflito fonológico em  $\varphi$  que exige o apagamento espalhado.

Por fim, resta-nos responder o que ocorre quando o movimento do DP na estrutura gera constituintes contínuos. Como garantir que o apagamento espalhado não irá erroneamente se aplicar em qualquer operação sintática de cópia? Para tal, centremos nossa atenção no exemplo (100), repetido abaixo como (104):

(104) καίτοι, ὃ ἄνδρες, οὐχ ὁ πατήρ αὐτῶ **τὴν πολλὴν οὐσίαν** κατέλιπεν

kaítoi, ὃ ándres, oukh ho patêr  
ademais, senhores-VOC.PL.M, NEG. o-NOM.SG.M pai-NOM.SG.M

autōi **tên** **pollèn**  
próprio-DAT.SG.M **as-ACC.SG.F** **muitas-ACC.SG.F**

**ousían** katélipen  
**posses-ACC.SG.F** legou-3SG.IND.AOR.AT

“Além disso, senhores, o pai não legou ao próprio as muitas posses, [mas vocês é que as deram por meio do voto]”

[Iseu 5.37]

Essa oração, apesar de muito parecida em termos de seleção lexical com a de (101), não possui o mesmo contexto que aquela. Apesar de também constituir uma base a partir da qual realizar um ataque contra um oponente numa

contenda jurídica, o caminho da argumentação é inteiramente diferente. Aqui, Iseu está argumentando que seu oponente, Diceógenes, não realiza as contribuições financeiras esperadas de um cidadão rico para a cidade<sup>120</sup>, apesar de estar em posse de uma extensa herança, que é o objeto de toda a contenda jurídica acerca da qual o discurso revolve.

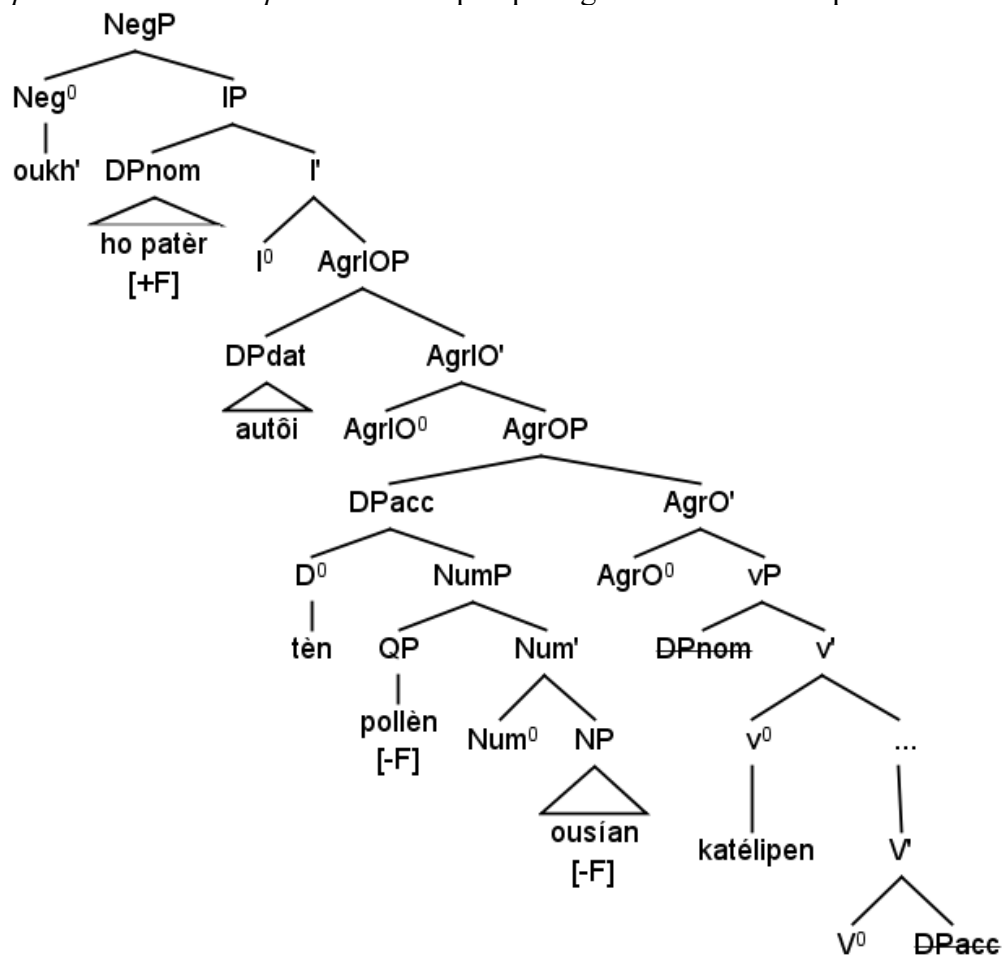
Assim, o fato que Diceógenes detém uma quantidade expressiva de posses já é considerado informação dada no discurso. O foco da oração está em contrastar a *fonte* desses recursos. O orador busca estabelecer que não foi *o pai* de Diceógenes que os transmitiu para ele, mas sim o próprio estado ateniense, por ter julgado em seu favor em uma disputa anterior pela herança. Portanto, somente o constituinte *ho patēr* “o pai” é contrastivo e focalizado na oração. Já o constituinte *tèn pollèn ousían* “as muitas posses”, contraparte do constituinte descontínuo de (101), terá marcação [-F] em todos os seus núcleos – nenhuma informação do constituinte é nova, contrastiva ou parte do foco. Podemos supor que a oração em (104) possui, então, a estrutura esquematizada em (105):

---

<sup>120</sup> Ver Furtado (2016) para uma discussão sobre como oradores costumam argumentar acerca das contribuições materiais que os cidadãos ricos de Atenas deveriam fazer para a *pólis*, por volta do séc. IV a.C.

(105)

**Árvore Sintática 26** – Derivação da oração *oukh' ho patèr autôi tèn pollèn ousían katélipen* “não foi o pai que legou a ele as muitas posses”



[fonte: produção própria]

Em (105), para que a oração possa ser linearizada, a operação Reduzir Cadeia precisa apagar a cadeia de cópias não-distintas do DP acusativo *tèn pollèn ousían* “as muitas posses”. Ao contrário do que vimos com os casos de apagamento espalhado, onde um elemento marcado [+F] c-comandando um elemento [-F] geraria um impasse entre as duas regras de acento da frase

fonológica  $x_\varphi$ , aqui a Regra Básica do Foco não faz nenhuma exigência sobre onde  $x_\varphi$  deve cair. Desse modo, em (105) apenas Alinhar- $\varphi$ ,R se aplica. Assim, não há nenhuma violação de requisitos do componente PF impedindo que a aplicação mais econômica de Reduzir Cadeia ocorra. Reduzir Cadeia, então, apaga a cópia mais baixa do DP *tèn pollèn ousían* “as muitas posses” como um todo, ao invés de realizar o apagamento espalhado. Ou seja, quando não existem as condições necessárias para que o apagamento espalhado seja a opção convergente mais econômica, ele não ocorre.

Note-se que o caso em que todos os itens lexicais de um DP são [-F] é apenas uma das possibilidades que impedem a ocorrência do apagamento espalhado<sup>121</sup>. A outra possibilidade é aquela em que a Regra Básica do Foco e Alinhar- $\varphi$ ,R convergem no mesmo elemento em um DP – ou seja, quando o item mais baixo na cadeia de c-comando assimétrica de um DP é marcado como [+F]. Como não há impasse entre as duas regras de marcação de acento nesse caso, não haverá violação em PF impedindo Reduzir Cadeia de apagar diretamente a projeção máxima das cópias não-distintas do DP. Isso significa que o apagamento espalhado é uma opção economicamente subótima, e é, portanto, bloqueado pelas opções mais econômicas.

---

<sup>121</sup> Mas, dado que poucos itens em uma oração serão marcados [+F] (i.e., a maior parte dos itens lexicais de uma oração não são foco nem uma informação contrastiva ou nova), esse caso talvez compreenda a maior parte dos casos em que um constituinte é embaralhado de forma contínua.



Vimos, portanto, que o fenômeno da descontinuidade está restrito a apenas uma determinada configuração sintática, de modo que nossa proposta cobre adequadamente não só casos descontínuos, mas os casos contínuos também.

#### 5.4 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, argumentamos em favor de uma análise do embaralhamento descontínuo dos constituintes no grego clássico em termos da teoria de movimento por cópia, postulando especificamente a possibilidade do apagamento espalhado do constituinte. Propomos que a descontinuidade no grego clássico é capturada de maneira elegante por um fenômeno de apagamento espalhado dos constituintes copiados ao longo da cadeia derivacional. Essa proposta dispensa a necessidade de uma marcação pragmática explícita sobre o constituinte que permanece *in situ*, e exige menos operações de movimento na sintaxe. Ela também não requer que constituintes sejam necessariamente movidos para projeções pragmáticas TopP ou FocP, pois as restrições fonológicas que levam ao apagamento espalhado existem internamente ao constituinte, de modo que qualquer movimento pode acarretar a descontinuidade sob as condições corretas.

## **CAPÍTULO 6: CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

Neste capítulo, apresentamos as considerações finais da tese. Primeiro, fazemos um breve resumo de nossa discussão e conclusões. Em seguida, exploramos as implicações de nossa proposta, e as questões de pesquisa que elas incitam.

Essa tese propôs uma análise do fenômeno de descontinuidade do DP no grego clássico. Observamos que o embaralhamento da ordem linear é prevalente nessa língua, e que esse embaralhamento ocasionalmente separa um constituinte ou subconstituinte em blocos distintos. Demonstramos que, sob a ótica da teoria de vestígios, essa descontinuidade pode ser bastante resistente à uma análise sintática gerativista, visto que as operações de movimento que geram essa descontinuidade frequentemente selecionam itens que não formam uma projeção máxima.

A literatura linguística sobre o grego antigo sugere uma série de soluções distintas para essas questões recalcitrantes para uma análise sintática. Um importante desenvolvimento na descrição da língua são os modelos de configuração discursiva, que propõem que a ordem linear dos argumentos na frase (e possivelmente também no nível dos sintagmas) era profundamente influenciada pelo estatuto informacional de cada um desses elementos. Assim, entende-se que itens marcados como Tópico ou Foco tomavam posições

proeminentes no começo das orações. Ao passo que motiva as alterações da ordem dos elementos que integram a estrutura sintática, essa abordagem representa um avanço significativo para os estudos da língua, pois supera a problemática questão de configurações linguísticas arbitrariamente selecionadas.

Argumentamos que esses avanços da abordagem discursivo-pragmática do grego antigo podem ser incorporados a uma análise sintática gerativa por meio das propostas de projeções pragmáticas no CP (RIZZI, 1997) e no DP (GIUSTI, 1997; ABOH, 2004). Essa interrelação entre as duas abordagens linguísticas também é benéfica dado que as abordagens sintáticas suplementam a visão discursiva, pois naturalmente buscam explicações para aspectos da ordem linear que são postergados numa análise informacional-pragmática.

Contudo, observamos que os esforços de compreender a estrutura sintática da língua ainda não chegam a um consenso. Dessa forma, o grego antigo recebe uma variedade de rótulos tipológicos, e todo tipo de hipótese é levantada para justificar as (aparentes) infrações da sintaxe minimalista que a língua apresenta. O fenômeno da descontinuidade frequentemente ocupa um lugar proeminente nesses argumentos.

As propostas que buscam se ater mais firmemente a pressupostos minimalistas tipicamente buscam motivar a separação de um constituinte em partes distintas por meio de reorganizações das estruturas sintáticas, visando

derivar uma projeção que seleciona corretamente apenas o bloco que parece ser movido. Mostramos, contudo, que esse procedimento se revela insatisfatório em dois grandes quesitos: i) ele normalmente requer uma interpretação semântica ou informacional dos elementos do constituinte que não é independentemente motivada, e; ii) ele não é trivialmente generalizado para todos os tipos de sintagmas que podem apresentar o fenômeno da descontinuidade.

Propomos, portanto, que a teoria de movimento por cópia formulada por Nunes (1995) fornece uma alternativa preferível. Essa teoria propõe que objetos sintáticos não são “movidos” para posições mais altas numa derivação sintática, mas sim copiados nessas posições. Para satisfazer as exigências de linearização da cadeia sintática, considerações de economia normalmente levam ao apagamento das cópias mais baixa de uma cadeia de cópias não-distintas, gerando assim o ‘movimento’ sintático.

A teoria, portanto, prevê que existem múltiplas cópias de qualquer constituinte que se moveu na estrutura sintática. Tendo em vista que constituintes descontínuos sempre correspondem em sua configuração interna a um constituinte contínuo possível, sugerimos que o mecanismo de apagamento espalhado (*scattered deletion*) dessas cópias pode capturar prontamente a descontinuidade observada, à medida que parte do material do constituinte é pronunciado em uma posição, e o restante em uma posição mais baixa na cadeia.

Para que o apagamento espalhado possa ocorrer em uma derivação sintática, é necessário que restrições fonológicas impeçam o apagamento de cada cópia do constituinte como um todo. Nesse sentido, avançamos a hipótese de que o grego clássico estava sujeito, no nível da frase fonológica ( $\phi$ ), à aplicação simultânea de regras fonológicas bem atestadas na literatura, associadas ao estatuto informacional que toma um papel central na organização linear das cláusulas nessa língua.

Especificamente, indicamos que o conflito entre a restrição Alinhar- $\phi$ ,R (TRUCKENBRODT, 1995) e a Regra Básica do Foco (SELKIRK, 1995) exige que frases fonológicas sejam separadas em partes distintas, de modo que um item lexical discursivamente proeminente ocupe a periferia direita da frase fonológica em que se encontra. O apagamento espalhado fornece os meios de se efetuar essa divisão da frase fonológica, visto que separa o constituinte em duas partes distintas da oração.

Dessa forma, nossa proposta captura corretamente a expectativa de que o material deslocado num embaralhamento descontínuo deve ser mais relevante na estrutura informacional, ao mesmo tempo que prevê corretamente que o material deixado *in situ* não é pragmaticamente marcado. Esse mecanismo operacional para a descontinuidade também é muito mais trivialmente generalizado para outros tipos de sintagma além do DP. Ele não requer nenhuma revisão da

estrutura sintática, mas apenas a marcação correta de traços informacionais dos núcleos lexicais de uma projeção que será contida em sua própria frase fonológica<sup>122</sup>. Por essas características, a concepção da descontinuidade no grego clássico como resultado da operação de apagamento espalhado das cópias de um constituinte representa uma alternativa mais elegante e fundamentada para o fenômeno que propostas anteriores.

Espera-se ter demonstrado que, apesar da complexa variabilidade do grego clássico, a sintaxe do Programa Minimalista é, e deve ser, suficientemente flexível para capturar os fenômenos envolvidos. Essa pesquisa, portanto, indica que é prematuro descartar essa abordagem com base em aparentes contravenções a um arcabouço teórico específico. Com isso, esperamos abrir novos caminhos para uma análise minimalista mais profunda da distribuição das palavras na oração do grego antigo. Consideramos que, longe de representarem um empecilho para o programa, o embaralhamento nessa língua pode fornecer importantes evidências quanto à existência e o licenciamento de projeções e estruturas sintáticas.

---

<sup>122</sup> Note-se que propostas como as de Kirk (2007), que geram a descontinuidade por meio da reorganização da estrutura sintática, também requerem implicitamente que se postulem traços formais, dentro de uma visão minimalista. Afinal, elas requerem operações de movimento para desmembrar o constituinte sintático em pedaços descontínuos, e, em conformidade com *Last Resort*, essas operações só ocorrem para satisfazer checagem de traços. Nesse sentido, nossa proposta aqui não é mais onerosa que essas alternativas por exigir um tipo específico de marcação de traços.

Essa tese advoga em favor da teoria de movimento por cópia, e em detrimento da teoria dos vestígios, visto que sugere que o primeiro arcabouço teórico fornece uma solução mais adequada para o fenômeno da descontinuidade. Ela também busca elencar e interrelacionar os aspectos mais efetivos das diferentes abordagens linguísticas para essa língua dentro de uma visão minimalista. Com isso, ilustramos que, apesar de partirem de pressupostos distintos, as linhas de pesquisa da linguística convergem em seu objetivo de descrever corretamente os fenômenos da linguagem, tal que as observações feitas por cada uma podem ser proveitosamente transferidas entre as disciplinas.

Por fim, a hipótese avançada aqui também demonstra que, mesmo dentro de pressupostos minimalistas, a interação entre os módulos da linguagem pode ocasionar fenômenos complexos. O apagamento espalhado que propomos aqui vê efeitos da sintaxe, da pragmática e da estrutura prosódica interagirem nas operações de *Spell-Out*. Esse resultado não contradiz a arquitetura da linguagem no que diz respeito à derivação sintática com os níveis de interface lógico (LF) e fonológico (PF), mas sugere que avanços importantes podem ser feitos quando nos focamos nas operações que transferem a informação (i.e., os traços) de um módulo para o outro.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

ABOH, Enoch O. Topic and Focus within D. In: *Linguistics in the Netherlands*, Vol. 21, 2004, p. 1-12.

\_\_\_\_\_. Information Structuring Begins with the Numeration. In: *Iberia: an international journal of theoretical linguistics*, vol. 2.1, 2010, p.12-42.

ADGER, David. *Core Syntax: a minimalist approach*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

AHN, Byron. The Role of Syntax in the Nuclear Stress Rule. In: *Proceedings of Speech Prosody 8*, Boston, 2016, p.203-206.

ALEXIADOU, Artemis & WILDER, Chris. Adjectival Modification and Multiple Determiners. In: *Possessors, Predicates and Movement in the Determiner Phrase*. Ed.: Artemis Alexiadou, Chris Wilder. Berlin: John Benjamins Publishing Company, 1998.

ALEXIADOU, Artemis; HAEGEMAN, Liliane; STAVROU, Melita. *Noun Phrase in the Generative Perspective*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007.

ANAGNOSTOPOULOU, Elena. Greek syntax 2012: State-of-the art and perspectives. In: *Studies in Greek linguistics*, v. 33, p. 11-57, 2013.

BAKKER, Stéphanie J. *The Noun Phrase in Ancient Greek: a functional analysis of the order and articulation of NP constituents in Herodotus*. Leiden: Brill, 2009.

BOBALJIK, Jonathan. Floating quantifiers: Handle with care. In: *The second Glot international state-of-the-article book*, p. 107-148, 2003.

BOŠKOVIĆ, Željko & NUNES, Jairo. The copy theory of movement: a view from the PF. In: *The Copy Theory of Movement*. Ed.: Norbert Corver, Jairo Nunes, p.11-75. Amsterdam: John Benjamins, 2007.

CERVIN, Richard Stuart. *Word order in ancient Greek: VSO, SVO, SOV, or all of the above?.* Tese de Doutorado (*Doctor of Philosophy in Linguistics*) – Universidade de Illinois em Urbana-Champaign, 1990.

CHENG, Lisa Lai-Shen e DOWNING, Laura J. Phasal Syntax = Cyclic Phonology?. In: *Syntax*, v. 19, n.2, 2016, p.156-191.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. 5 ed. Dordrecht: Foris Publications, 1988.

\_\_\_\_\_. *The minimalist program*. Cambridge: MIT Press, 1995.

\_\_\_\_\_. Derivation by phase. In: *Ken Hale: A life Language*, ed. by Michael Kenstowicz, 1-52. Cambridge, MA: MIT Press, 2001.

CINQUE, Guglielmo. A Null Theory of Phrase and Compound Stress. In: *Linguistic Inquiry*, v.24, n.2, 1993, p.239-297.

CORVER, Norbert & NUNES, Jairo. From trace theory to copy theory. In: *The Copy Theory of Movement*. Ed.: Norbert Corver, Jairo Nunes, p.1-10. Amsterdam: John Benjamins, 2007.

DE JONGE, Casper C. Chapter Eleven. From Demetrius To Dik. Ancient And Modern Views On Greek And Latin Word Order. In: *The Language of Literature*. Brill, 2007. p. 211-232.

DIK, Helma. *Word Order in Ancient Greek*. 1997

\_\_\_\_\_. *Word Order in Greek Tragic Dialogue*. Nova York: Oxford University Press, 2007.

DUNN, Graham. Syntactic word order in Herodotean Greek. In: *Glotta*, v. 66, n. 1./2. H, 1988, p. 63-79.

FRANKS, Steven. *Clitics in Slavic*. Trabalho apresentado no Comparative Slavic Morphosyntax Workshop, Bloomington, Ind., Junho de 1998.

FRASER, Bruce. The Clause Start in Ancient Greek: Focus and the Second Position. In: *Glotta*, n.77, v.3, 2001, p.138-177.

FURTADO, Danilo de Albuquerque. *Riqueza contra e a favor da cidade em Demóstenes*. Trabalho de Conclusão de Curso – UnB, 2016.

\_\_\_\_\_. *Sobre a Herança de Diceógenes e Sobre a Herança de Apolodoro*: tradução com notas e comentários críticos. Tese de Mestrado – UFMG, 2019.

GAYER, Juliana Escalier Ludwig. Uma Breve História dos Constituintes Prosódicos. In: *Diadorim*, v.17, n.2, 2015, p.149-172.

GIOVANNI, Giuseppe e CELANO, Antonio. Word Order. In: *Encyclopedia of Ancient Greek Language and Linguistics*. Ed: Georgios K. Giannakis. Vol. 3. Leiden: Brill, 2014, p.532-538.

GIUSTI, Giuliana. The categorial status of determiners. In: *The New Comparative Syntax*. Ed.: Liliane Haegeman. New York: Longman, 1997.

GOLDSTEIN, David. *Classical Greek Syntax: Weckernagel's Law in Herodotus*. Leiden/Boston: Brill, 2015.

GRICE, Herbert Paul. Logic and Conversation. In: *Syntax and Semantics 3: Speech Acts*, ed.: P. Cole e J. Morgan. New York: Academic Press, 1975, p.26-40.

HORNSTEIN, Norbert; NUNES, Jairo; GORHMANN, Kleanthes K. *Understanding Minimalism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

ISAC, Daniela & KIRK, Allison. The Split DP Hypothesis Evidence from Ancient Greek. In: *Rivista di Grammatica Generativa*, Vol. 33, 2008, p.137-155.

JASZCZYNSKI, Maciej. *The Syntax of Participles in Homeric Greek: heritage or innovation?*. Tese de Doutorado – Université Paris Sciences et Lettres, 2001.

JIMÉNEZ-FERNÁNDEZ, Ángel L. Towards a Typology of Focus: subject position and microvariation at the discourse-syntax interface. In: *Ampersand*, v.2, 2015, p.49-50.

KAYNE, Richard S. *The antisymmetry of syntax*. Tese de Doutorado – MIT press, 1994.

KISS, Katalin É. Discourse Configurational Languages: Introduction. In: *Discourse Configurational Languages*. Ed.: Katalin É. Kiss. Oxford: Oxford University Press, 1995.

\_\_\_\_\_. Free word order,(non) configurationality, and phases. In: *Linguistic Inquiry*, v. 39, n. 3, 2008, p. 441-475.

KIRK, Allison. *A Syntactic Account of Split DPs in Herodotus*. Dissertação de Mestrado (Master of Arts) – Concordia University, Montreal, 2007.

KUPPEVELT, Jan Van. Discourse structure, topicality and questioning. In.: *Journal of Linguistics*, nº31 (1995), p.109-147.

LAMBRECHT, Knud. *Information Structure and Sentence Form: topic, focus and mental representations of discourse referents*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LONGOBARDI, Giuseppe. Principles, Parameters and Schemata: a radically underspecified UG. In: *Linguistic Analysis*, 41, 2017, p.517-557.

LURAGHI, Silvia. Definite referential null objects in Ancient Greek. In: *Indogermanische Forschungen*, v. 108, 2003, p. 169-196.

MARKOVIC, Daniel. Hyperbaton in the Greek Literary Sentence. In: *Greek, Roman and Byzantine Studies*, v.46, 2006, p.127-146.

MATIĆ, Dejan. Topic, focus, and discourse structure: Ancient Greek word order. In: *Studies in Language*. International Journal sponsored by the Foundation “Foundations of Language”, v. 27, n. 3, 2003, p. 573-633.

NTELITHEOS, Dimitrios. The Syntax of Emphasis: Split DPs and Nominal Ellipsis. In: *Proceedings of the 6th International Conference of Greek Linguistics*, Department of Philology, University of Crete, Rethymno, Greece. 2003. Disponível em: [https://faculty.uaeu.ac.ae/dimitrios\\_n/Publications/Papers--Book-Chapters--and-Pro/Emph\\_paper.pdf](https://faculty.uaeu.ac.ae/dimitrios_n/Publications/Papers--Book-Chapters--and-Pro/Emph_paper.pdf). Acesso em setembro de 2023.

NUNES, Jairo. *The Copy Theory of Movement and Linearization of Chains in the Minimalist Program*. Tese de Doutorado (Doctor of Philosophy) – University of Maryland, College Park, 1995.

\_\_\_\_\_. *Linearization of Chains and Sideward Movement*. Cambridge: MIT Press, 2004.

PANAGIOTIDIS, Phoebus & MARINIS, Theodoros. Determiner Spreading as DP-Predication. In: *Studia Linguistica* (Dezembro de 2011).

PIQUÉ, Jorge Ferro. Ático e Koiné: problemas na abordagem sociolinguística de uma área dialetal do grego antigo. In: *Letras*, n. 45, 1996, p.95-112.

RADFORD, Andrew. *Syntax: a minimalist introduction*. New York: Cambridge University Press, 1997.

RECHT, Tom. *Verb-Initial Clauses in Ancient Greek Prose: A Discourse-Pragmatic Study*. Tese de Doutorado (Doctor of Philosophy in Linguistics) – University of California, Berkeley, 2015.

RIZZI, Luigi. The fine structure of the left periphery. In: *Elements of grammar: Handbook in generative syntax*. Ed.: Liliane Haegeman. Berlin: Springer Dordrecht, 1997, p. 281-337.

ROBERTS, Craige. Information Structure in Discourse: towards an integrated formal theory of pragmatics. In: *OSU Working Papers in Linguistics*, v.49, 1996, p.91-136.

ROSS, John Robert. *Constraints on Variables in Syntax*. Tese de Doutorado – Massachusetts Institute of Technology, 1967.

SANTOS, Raquel. Categorias Sintáticas Vazias e Retração de Acento em Português Brasileiro. In: *D.E.L.T.A*, v.18, n.1, 2002, p.67-86.

SELKIRK, Elisabeth. Sentence prosody: Intonation, stress, and phrasing. In: *The handbook of phonological theory*. Ed.: John A. Goldsmith. v.1. Hoboken: Wiley-Blackwell, 1995, p. 550-569.

STJEPANOVIĆ, Sandra. Free word order and copy theory of movement. In: *The Copy Theory of Movement*. Ed.: Norbert Corver, Jairo Nunes, p.219-248. Amsterdam: John Benjamins, 2007.

SMYTH, Hebert Weir. *Greek Grammar*. New York: American Book Publishing, 1920.

TAYLOR, Ann. The change from SOV to SVO in Ancient Greek. In: *Language Variation and Change*, vol. 6, 1994, p.1-37.

TRUCKENBRODT, Hubert. *Phonological phrases: their relation to syntax, focus, and prominence*. Tese de Doutorado. Massachusetts Institute of Technology, 1995.

\_\_\_\_\_. Phrasal stress. In: *Encyclopedia of Language and Linguistics*, 2006, p. 572-579.

ZUBIZARRETA, Maria Luisa. *Prosody, focus, and word order*. Cambridge, MA: MIT press, 1998.

ZWART, C. Jan-Wouter. The Germanic SOV languages and the universal base hypothesis. In: *The new comparative syntax*. Longman, 1997. p. 246-267.